CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Elisa Nacif Diniz

CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: OFICINA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CRIAÇÃO DE CANAL DIGITAL NA PLATAFORMA YOUTUBE

Rio de Janeiro
2023

Elisa Nacif Diniz

CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: OFICINA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CRIAÇÃO DE CANAL DIGITAL NA PLATAFORMA YOUTUBE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Luciane Medeiros de Souza Conrado

Coorientador: Prof. Dr. Victor Gonçalves Gloria Freitas

Rio de Janeiro

2023

D585c Diniz, Elisa Nacif.
Conectando com o que é essencial na educação infantil durante a pandemia da Covid-19: oficina de produção de vídeos e criação de canal digital na plataforma Youtube / Elisa Nacif Diniz. – Rio de Janeiro, 2022.
126 f.

Orientadora: Luciane Medeiros de Souza Conrado.
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2022.

1. Capitação docente. 2. Produção de vídeos. 3. Educação infantil. I. Conrado, Luciane Medeiros de Souza, prof. orient. III. Título.

CDD 371.344

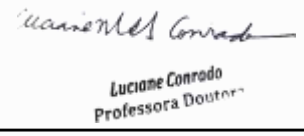
ELISA NACIF DINIZ

CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE APANDEMIA DA COVID-19: OFICINA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CRIAÇÃO DE CANAL DIGITAL NA PLATAFORMA YOUTUBE

Dissertação apresentada ao Programa dePós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da bancaparticiparam de forma remota desta defesa de dissertação.

Examinado por:



Profa. Luciane Medeiros de Souza Conrado, D. Sc. (UniCarioca)Presidente da Comissão Examinadora

Prof. André Cotelli, do Espírito Santo, M. Sc. (UniCarioca)

Profa. Andréia Mello Lacé, D. Sc. (UnB)

Rio de Janeiro

2023

O que precisa nascer
tem sua raiz em chão de casa velha.
À sua necessidade o piso cede,
estalam rachaduras nas paredes
os caixões de janela se desprendem.
O que precisa nascer aparece no sonho
buscando frinchas no teto,
réstias de luz e ar.
Sei muito bem do que este sonho fala
e a quem pode me dar
peço coragem.

Adélia Prado

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos os profissionais da educação. Em especial, aos profissionais da UMEI Paulo César de Almeida Pimentel e UMEI Professor Irio Molinari, que souberam reinventar a prática pedagógica para não se distanciarem das crianças durante os anos de Pandemia.

AGRADECIMENTOS

Muitos obstáculos se apresentaram durante o trajeto desta pesquisa. Apesar desse caminho ser trilhado com dificuldade, não estive só em nenhum momento. Minha eterna gratidão às pessoas que não soltaram a minha mão e estiveram comigo na concretização deste tão desejado projeto.

Agradeço a Deus e a minha família, por terem me dado estrutura para superar as dificuldades encontradas no percurso deste trabalho, que foi iniciado e executado em uma fase muito triste na história da sociedade contemporânea, o período pandêmico.

Aos amigos, que estiveram sempre ao meu lado contribuindo para mais essa superação em minha vida. Em especial, a Rosayna Bazhuni, que me incentivou a começar e me deu forças para concluir este tão especial curso de Mestrado. Os conhecimentos obtidos nessa formação certamente contribuirão tanto para o meu crescimento pessoal, quanto o profissional. Estendo essas considerações às colegas de turma e mestrandas da UniCarioca, amigas para todas as horas e companheiras de algumas viagens, certamente as levarei para vida.

Gratidão é a palavra que define o sentimento que tenho pela minha orientadora, Profa. Dra. Luciane Conrado, que me acompanhou com muita paciência, confiança e profissionalismo durante os momentos de crises e incertezas. Sou imensamente grata por sua dedicação no auxílio, esclarecimento de dúvidas e sugestões. Também pelas trocas realizadas ao longo desse caminho e por sua disponibilidade em dividir seu vasto e riquíssimo conhecimento. Essa parceria colaborou para que eu tivesse um melhor desempenho no processo de desenvolvimento do trabalho.

A Assessoria de Mídias da Fundação Municipal de Educação, que ao longo dos anos vem lutando tanto pela formação dos profissionais da Educação para o uso das Novas Tecnologias em sala de aula quanto pela oferta de estrutura tecnológica das escolas e UMEIs.

Meu coração fica repleto de felicidade ao saber que pude contar com a parceria e o comprometimento da comunidade escolar no desenvolvimento da pesquisa. Em especial, as profissionais das UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel; da Escola Municipal Eulália da Silveira Bragança; UMEI Professor Irio Molinari; e do Centro Educacional Itaipu (CEI). Obrigada por me ensinarem a ser a professora e profissional que sou hoje.

RESUMO

O presente estudo é fruto de inquietações a respeito do uso das tecnologias no ambiente educacional. Ao longo da vida profissional encarei a resistência e a imposição de barreiras de alguns professores que achavam o uso desses recursos algo desconectado do processo educativo. Essa perspectiva precisou ser mudada no período da Pandemia, onde o maior desafio foi manter o contato da escola com a equipe pedagógica, com as crianças e os pais/responsáveis. O objetivo da pesquisa foi produzir uma Oficina de Produção de vídeos para o Canal YouTube e um Manual de metodologia criativa para o engajamento das crianças e famílias, a fim de instrumentalizar os professores para a comunicação digital via Redes Sociais. O estudo exploratório com o método de pesquisa-ação e *ex-post-facto* colaborou para mostrar que a comunicação nas plataformas digitais foi extremamente necessária assim como a transformação das práticas pedagógicas o ensino na atualidade e a formação docente para a sua utilização. A aplicação ocorreu por meio do Google Forms para saber como a utilização do canal no YouTube serviu para a comunicação remota e o estreitamento de vínculo afetivo entre as crianças-pais-escola. Essa ferramenta de comunicação digital pode ser vista como a ponte para práticas pedagógicas eficientes na Educação Infantil, sendo a prática pedagógica adaptada ao surgimento de novas tecnologias. A fundamentação teórica foi baseada em autores que tratam sobre a importância das metodologias ativas para o estabelecimento de práticas inovadoras de ensino, destacando o novo ritmo da informação e a formação docente para lidar com o ensino híbrido. São eles: Moran (2013, 2020, 2021), Freire (1996, 2001), Harari (2019, 2019), Kenski (2012, 2013), Morin (2000, 2003, 2014). As respostas das participantes mostraram os desafios enfrentados pela equipe e, destacaram a falta de intimidade com as tecnologias como um ponto que deveria ser observado com mais atenção pelas escolas. Esse cenário levantou a possibilidade de oferecer uma Oficina de Produção de Vídeo para o letramento digital das professoras no campo do audiovisual e de instrumentalização para a produção de material a ser utilizado na UMEI Digital da escola Paulo César de Almeida Pimentel, em Niterói. O canal, por sua vez, foi utilizado apenas para exibir os vídeos e não como ponto inicial de acesso a outros conteúdos pedagógicos na internet. Com o retorno às aulas presenciais, os professores voltaram a usar apenas vídeos ou músicas com as crianças, como era feito antes da Pandemia. Sabe-se que a falta de recursos, tempo e infraestrutura colaboraram para dificultar a continuidade do trabalho proposto.

Palavras-chave: Capacitação Docente, Produção de Vídeos, Educação Infantil.

ABSTRACT

The present study is the result of concerns about the use of technologies in the educational environment. Throughout my professional life, I faced resistance and the imposition of barriers from some teachers who thought the use of these resources was disconnected from the educational process. This perspective needed to be changed during the Pandemic, where the biggest challenge was to keep the school in contact with the pedagogical team, with the children and parents/guardians. The objective of the research was to produce a Video Production Workshop for the YouTube Channel and a Manual of creative methodology for the engagement of children and families, in order to equip teachers for digital communication via Social Networks. The exploratory study with the action-research and ex-post-facto method collaborated to show that communication on digital platforms was extremely necessary, as well as the transformation of pedagogical practices, current teaching and teacher training for its use. The application took place through Google Forms to find out how the use of the YouTube channel served for remote communication and the strengthening of the affective bond between the children-parents-school. This digital communication tool can be seen as a bridge to efficient pedagogical practices in Early Childhood Education, with the pedagogical practice being adapted to the emergence of new technologies. The rationale was based on authors who deal with the importance of active methodologies for the establishment of innovative teaching practices, highlighting the new pace of information and teacher training to deal with hybrid teaching. They are: Moran (2013, 2020, 2021), Freire (1996, 2001), Harari (2019, 2019), Kenski (2012, 2013), Morin (2000, 2003, 2014). The participants' responses showed the challenges faced by the team and highlighted the lack of intimacy with technologies as a point that should be observed more carefully by schools. This scenario raised the possibility of offering a Video Production Workshop for the digital literacy of teachers in the audiovisual field and instrumentalization for the production of material to be used in the UMEI Digital of the Paulo César de Almeida Pimentel school, in Niterói. The channel, in turn, was used only to display the videos and not as a starting point of access to other pedagogical content on the internet. With the return to face-to-face classes, teachers returned to using only videos or music with children, as was done before the Pandemic. It is known that the lack of resources, time and infrastructure collaborated to hinder the continuity of the proposed work.

Keywords: Teacher Training, Video Production, Early Childhood Education**.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Esquema de um ecossistema educomunicativo.....39

Figura 2. Áreas de intervenção educomunicativas.....41

Figura 3. Vantagens das metodologias ativas.....45

Figura 4. Jogo Minion Adivinho.....46

Figura 5. Educação e cibercultura em confluência histórica.....48

Figura 6. Explorações educacionais dos blogues como recurso pedagógico e estratégia pedagógica.....50

Figura 7. Exemplo de uso de memes em atividades escolares.....52

Figura 8. Proposta de formato para pesquisa.....67

Figura 9. Etapas de elaboração de uma Sequência Didática.....84

Figura 10. Página de descrição do Canal.....91

Figura 11. Logo criada para o banner do canal.....91

Figura 12. Vídeo de estreia da UMEI Digital.....92

Figura 13. Número de *views* obtidos no Canal do YouTube da escola.....93

Figura 14. Tela inicial do Canal da escola no YouTube.....94

Figura 15. Tela do Programa Fazendo Arte na Cozinha.....95

Figura 16. Imagem da tabela de controle dos vídeos no Google Drive.....96

Figura 17. Capa de apresentação da Oficina de Gravação, Educação e Armazenamento de Vídeo.....98

Figura 18. Mensagem dos Responsáveis no Whatsapp.....100

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Mudanças previstas na prática docente para o uso das tecnologias na Educação Infantil 76

Gráfico 2. Uso das redes sociais e o engajamento das famílias das crianças 76

Gráfico 3. Estavam preparados para o início das atividades remotas com as novas tecnologias na Educação Infantil 78

Gráfico 4. Disposição de recursos para trabalhar de forma remota no início da pandemia..... 78

Gráfico 5. Formas de acesso à internet das famílias 79

Gráfico 6. Meios de acesso à internet das famílias 80

Gráfico 7. Seções mais acessadas no canal pelas professoras 82

Gráfico 8. Uso dos vídeos de canal durante os encontros remotos..... 83

Gráfico 9. As Oficinas para a edição de vídeos foram significativas para os processos tecnológicos no ensino..... 84

Gráfico 10. Opinião das professoras sobre o conteúdo apresentado nas Oficinas..... 85

Gráfico 11. Pontos mais interessantes apresentados na oficina 86

Gráfico 12. Interesse em outros temas ligados a produção audiovisual 87

Gráfico 13. A percepção dos participantes sobre as Oficinas..... 89

Gráfico 14. Suporte preferido para a realização do trabalho com as crianças..... 101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Especificação dos Formulários enviados em grupos de WhatsApp 71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

3C	Crie, curta e compartilhe
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPCI	Conselho de Avaliação e Planejamento do Ciclo
CEC	Conselho Escola Comunidade
CEI	Centro Educacional Itaipu
COLE	Congresso de Leitura
COVID-19	Coronavírus
EaD	Educação a Distância
EAP	Equipe de Articulação Pedagógica
ENDIPE	Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino
FME	Fundação Municipal de Educação
GREI	Grupo de Referência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MPNTDE	Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais da Educação
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SciElo	*Scientific Electronic Library Online*
SD	Sequência Didática
SME	Secretaria Municipal de Educação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil
ZDP	Zona Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

1.1 Inquietação 17

1.2 Tecnologias Audiovisuais na Educação 23

1.3 Caracterização do Problema de Pesquisa 26

1.3.1 **Estudo Exploratório para confirmação do Problema de Pesquisa** 30

1.4 Justificativa/Relevância 31

1.5 Objetivos 32

1.5.1 Objetivo Geral 32

1.5.2 Objetivos Específicos 32

1.6 Descrição dos Capítulos 32

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 33

2.1 Cultura, Educomunicação e Afetividade 33

2.1.1 A importância da Afetividade na Educação infantil 43

2.2 Engajamento do aluno e comunicação digital 44

2.3 Ambiente Virtual, Produção Audiovisual e Mídias Sociais 47

2.4 O Professor Comunicador 54

2.5 Tecnologia Digital e Mediação Pedagógica na Educação Infantil 58

2.6 Bases Legais da Educação Infantil 60

2.6.1 Política Nacionais para Educação Infantil 61

2.6.2 Política para a Educação Infantil no Município de Niterói 62

3 METODOLOGIA 65

3.1 Cenário de Pesquisa 65

3.2 A Pesquisa-Ação e a Pesquisa *ex-post-facto* 66

3.2.1 Dimensões da Pesquisa-Ação 69

3.3 Etapas da Pesquisa 70

3.3.1 Planejamento e Ações 71

3.3.4 Avaliação 72

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 74

SUMÁRIO

4.1 A Tecnologia na Educação Infantil e as mudanças impostas pela Pandemia 74

4.2 Acesso aos vídeos do Canal pelos Pais do GREI 1 79

4.3 Acesso aos vídeos do Canal pelos Professores 81

4.4 Avaliação das Oficinas 84

5 PRODUTO - UMEI DIGITAL 90

5.1 Produtos Adjacentes à Produção do Canal: Letramento Digital 97

5.2 Tecnologias utilizadas pela UMEI durante a Pandemia 99

5.3 As estratégias para manter o vínculo afetivo e o engajamento na Educação Infantil 102

5.4 Reinventando a Prática Pedagógica 104

CONSIDERAÇÕES FINAIS 106

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 109

ANEXO A - FICHA DE CADASTRO PARA PESQUISADORES 115

ANEXO B - TERMO DE COMPROMISSO – PESQUISA 116

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO 117

ANEXO D – DECLARAÇÃO DE REALIZAÇÃO DA OFICINA 118

ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 119

ANEXO F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VÍDEO 122

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA 123

1 INTRODUÇÃO

1.1 Inquietação

Em 1983, época em que cursava o último ano do Ensino Médio, as tecnologias que se encontravam à disposição das escolas eram o quadro, giz e microfone. Ter um Atari[1] em casa era coisa de quem tinha privilégio. A vida no século passado foi marcada pelo formato analógico. As pessoas não tinham celular e usavam orelhão quando precisavam falar com alguém distante. Escutava-se música no disco vinil ao invés de acessar às músicas dos artistas favoritos no Spotify.

As pessoas ainda não tinham a menor ideia das facilidades que surgiriam décadas depois, como os smartphones, laptops, plataformas de *streaming* de música, filmes, séries ou dispositivos com alto-falantes inteligentes que servem de assistente virtual, popularmente conhecidos como "*Alexa*", "*Google*" ou "*Siri*".

Em 1984, sem fazer inferência ao romance de George Orwell, cursava o primeiro ano de Publicidade e já era possível observar que os computadores do Departamento de Informática da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) ocupavam vários pavimentos. Enquanto isso, os jovens faziam o inaugural Curso de Informática e se viam às voltas com várias tiras de papel perfurados.

Observa-se que depois de algum tempo, esses computadores começaram a diminuir de tamanho até caber literalmente na palma da mão. O seu uso foi popularizado e aparelhos como os palmtops, pockets e tablets passaram a estar ao alcance das pessoas. Existe um número cada vez maior de pessoas conectadas e expostas a um fluxo vultuoso de informações. Esse cenário era o início do que se conhece hoje como Cultura Digital. Segundo Vani Kenski:

> Em termos temporais, Cultura Digital é recente. Remonta aos momentos nos anos 80-90 do século passado em que computadores e redes digitais viabilizaram o surgimento de novos ambientes socioculturais, virtuais. Esta nova realidade social, virtual, não se apresenta, no entanto, como um movimento avassalador, que elimina culturas já existentes ou outros modos de pensar, sentir, agir que não sejam os previstos nos valores e práticas digitais (KENSKI, 2018, p. 139-144).

Hoje, qualquer aparelho celular é visto como um potente e pequeno computador. Essa percepção se tornou possível pelas transformações tecnológicas ocorridas durante os últimos

[1] Atari era um videogame que chegou ao Brasil em 1983 e se manteve no topo da concorrência até o final dos anos 1980 (CANALTECH, 2022).

cinquenta anos e que afetaram a comunicação, a rotina, o cotidiano e o entretenimento das pessoas. O professor israelense, Yuval Harari, alertou em entrevista concedida para o programa Roda Viva[2] que nesse momento as sociedades deverão lidar com um fluxo ininterrupto de informações. Para ele, esse "futuro dos dados é talvez, uma das mais importantes questões políticas do mundo atualmente. Porque eles estão se tornando o capital mais importante do mundo" (HARARI, 2019, min. 3:05).

Desde então, o marco inicial da Cultura Digital mudou o estilo de vida, o comportamento, o pensamento, a forma de se comunicar e se relacionar na sociedade. Os avanços tecnológicos também mudaram o modo de ser, fazer e estar na escola. Entende-se que o colégio que frequentava não é o mesmo que o meu afilhado terminou o Ensino Médio, em 2018. Apesar do prédio ter a mesma aparência as práticas pedagógicas não poderiam ser as mesmas, pois a instituição precisou se adaptar para atender as demandas desses tempos.

Ao fazer uma rápida análise, entende-se que a mudança cultural ocorrida nos últimos dois séculos, por causa da introdução das novas tecnologias na sociedade, fez com que a escola de antes fosse uma realidade distante da de hoje. Essa diferença pode ser percebida ao fazer um comparativo entre mim e ele. Enquanto eu esperava que a escola ensinasse um conteúdo que me fizesse ser capaz de passar no vestibular para entrar na Universidade, o meu afilhado questionava a motivação de ter que ir para escola, se com quinze minutos de Google ou YouTube por dia poderia aprender tudo o que a professora ensinava e, com um detalhe importante: escolheria o que queria aprender.

Comecei a trajetória profissional como publicitária formada na PUC-RJ, com experiências na Revista Dançar e Agência de publicidade AlmapBBDO que me permitiram ter um olhar e o entendimento de que a comunicação é algo essencial para as relações humanas na sociedade. Ao iniciar a carreira na Educação em 1999, junto as séries iniciais do Ensino Fundamental, essa formação me acompanhou e contribuiu para a formação da profissional que hoje sou.

A inquietação a respeito do uso das tecnologias no ambiente educacional surgiu logo no início da vida profissional na Educação. Desde que me tornei professora da Rede Municipal de Niterói. Em 2002, a atuação com turmas do 1º e 2º ciclo de uma Unidade Escolar do Ensino Fundamental me deu a oportunidade de trabalhar como responsável pela Sala de Informática, que nesta época era comum a todas as escolas da rede de Niterói.

[2] Entrevista concedida ao Programa Roda Viva e transmitida no YouTube ao vivo em 12 de nov. de 2019.

Ao longo dos anos que estive a frente da Sala de Informática desenvolvi um trabalho pautado em valiosas parcerias com as professoras regentes, como as professoras das Sala de Leitura, articuladoras. Vale ressaltar que apesar do resultado obtido houve resistência de alguns professores, é como se eles achassem que a informática fosse algo de outra "esfera", desconectada do processo educativo. Foi preciso ter uma profissional resiliente como eu liderando para que os trabalhos acontecessem. As atividades desenvolvidas no chão da escola foram contadas e recontadas nas Universidade, em eventos como o Congresso de Leitura (COLE), o Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), nos seminários da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A partir de 2003, deixei a função por questões internas e comecei a trabalhar como professora articuladora. Na oportunidade, pude constatar que o trabalho de informática da Unidade de Ensino foi severamente comprometido. Em 2007, por iniciativa da Equipe de Promoção e Leitura da Fundação Municipal de Educação (FME) de Niterói, a animação digital foi implementada na rede de forma institucional, o que proporcionou aos professores a oportunidade de participar do curso *Stop Motion* com profissionais do Festival Anima Mundi[3]. Foi o surgimento do Anima Escola em Niterói, curso de animação digital que foi o precursor do curso que hoje a Assessoria de Mídias da FME nos proporciona, o Projeto Animando na Escola[4]. Ambos visam a divulgação de conhecimentos de *stopmotion*, que é a animação por fotografia.

Na época, com aval e estímulo da direção da escola, tive o privilégio de participar do primeiro Curso do Anima Escola e levei para a instituição de atuação o trabalho com animação. Inicialmente, oferecido à uma turma com a participação no evento em julho de 2007. A partir daí, os interessados permaneceram se reunindo comigo durante às quartas-feiras, no horário do planejamento (10h às 12h). Fora de nossos horários tanto do meu trabalho, quanto do deles de estar na escola. Era pura doação, emoção e animação! A parceria com a direção e a professora docente foram fundamentais para a evolução do trabalho, que culminou com a formação do grupo de animadores Anima Júnior e o grande momento vivido por nós foi a oportunidade de

[3] Esse é um dos principais festivais internacionais de animação que ocorre no Brasil e se tornou referência mundial para a revelação de novos talentos.

[4] Apresentação das produções da Rede Municipal de Educação com filmes de animação digital a partir de temáticas abordadas no cotidiano escolar de Niterói. A ideia é fazer a exibição dos curtas e animações produzidos por professores e alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Os vídeos podem ser acessados pelo site: http://portal.educacao.niteroi.rj.gov.br/videos.php

levar a produção do filme *O acidente*[5] realizada com as crianças do grupo ao referendado Festival Internacional de Animação: Anima Muni.

A escola não tinha os equipamentos necessários, então, todo material necessário - da câmera ao laptop - era do meu uso pessoal. O único material fornecido pela escola no início do projeto foi a massinha, era o que a verba poderia comprar. Isso não foi um impeditivo, conseguimos fazer a animação de quase tudo e com a utilização de várias técnicas, como *stop motion*, *pixillion*, 2D[6].

A sorte dessas crianças é que a direção da escola tinha o olhar comprometido e uma postura que valorizava o conhecimento adquirido pelos profissionais ao longo dos anos, sabendo canalizá-lo. Esse trabalho pautado no comprometimento com o ensino e a inovação fez com que surgisse o Grupo Anima Junior.

Em 2009, ao ingressar na direção de uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), tive a oportunidade colaborar para a informatização - pedagógica e administrativa - da unidade com os recursos enviados pelo poder central. Nesse período, tentei levar a vivência anterior com a informática para a escola e ser a multiplicadora de conhecimento. Em meio às novas atribuições, consegui apenas equipar a unidade e plantar a semente. O cenário de resistência persistia e a desculpas eram sempre as mesmas. O "não-saber" e o medo de ousar eram maiores.

O mesmo cenário de resistência dos professores em relação ao trabalho na sala de informática da outra escola foi encontrado nessa. Era frequente a imposição de barreiras para o desenvolvimento do trabalho com o uso de tecnologias durante a minha gestão, tirando alguns poucos avanços impulsionados pelo engajamento pessoal das profissionais.

Após nove anos de direção, em 2018, retornei à função de professora e assumi um Grupo de Referência (GREI) para o atendimento de crianças com três anos de idade. Esse cenário também revelou um pequeno problema, a Gestão ou Equipe de Articulação Pedagógica (EAP) era contrária ao uso de novas tecnologia na escola. Eles acreditavam que esses recursos já faziam parte da vida social das crianças e a escola era lugar de brincar e aprender, como se as tecnologias fossem prejudiciais à saúde dos alunos. A direção certificava esse argumento com a informação de pediatras sobre os aspectos prejudiciais no desenvolvimento das crianças com

[5] Narro no blog (https://grupoanimajunior.blogspot.com/) a história do Grupo e as manobras que precisamos fazer para produzir e exibir o filme no Festival. A parceria com a Joelma Batista, professora regente do grupo, foi fundamental para o trabalho.

[6] Maiores informações sobre o trabalho desenvolvido estão disponíveis no site: grupoanimajunior@blogspot.com.

a longa permanência na frente das telas. Isso fez com que eu não encontrasse espaço – muito menos apoio - para o trabalho com a tecnologia em sala de aula.

A visão que tinha sobre as tecnologias era de transformação mais profunda, de algo que pudesse dar sentido ao aprendizado das crianças, sendo mais uma atração que pode permitir a realização de coisas que, por vezes, eram limitadas na aula pelo fato de as professoras não oferecerem a oportunidade de ampliar o potencial significativo do cotidiano infantil. José Moran (2021), disse uma vez em entrevista que a tecnologia abre as portas para o mundo e leva todo esse potencial para escola. A tecnologia não pode transformar nada sozinha, mas colabora com a transformação do que já está em processo de mudança.

É preciso dizer que no momento do desenvolvimento da escrita do presente trabalho, o mundo encontrava-se em alerta com a Pandemia de Coronavírus (COVID-19). Um fator que levou as Unidades de Ensino a se valerem dos benefícios da tecnologia para tentar se aproximar e manter o vínculo afetivo com as crianças.

Atualmente, trabalho como professora em uma unidade que é gerida por uma equipe que valoriza o profissional e estimula seu desenvolvimento, tanto no aspecto pedagógico como o tecnológico. Foi um momento sofrido para todos: professoras, gestão, funcionários. Sem dúvida os desafios uniram ainda mais a equipe de trabalho e fez surgir uma rede de apoio construída no sentimento fraternal, quase como uma grande família.

Ao longo da carreira docente pude comprovar o envolvimento e o crescimento que a tecnologia agrega ao processo de aprendizagem da criança. Essa é uma questão que me inquieta durante anos e no período crítico da Pandemia ganhou maior dimensão e força. A essa altura já havia retornado à sala de aula. Agora na Educação Infantil, mais especificamente, atendendo crianças de zero a um ano de idade. Acredito que tinha muito a contribuir nesse momento com os conhecimentos profissionais adquiridos até então.

O isolamento social iniciado no dia 13 de março de 2020 impôs a reflexão sobre como manter o contato da equipe escolar com as crianças, que tinham entre um e seis anos. A comunicação entre os profissionais da escola já ocorrida por grupo de WhatsApp, A gestão informava os dias/horárias das reuniões semanais realizadas via Zoom, que ocorria toda quarta-feira para deliberar sobre os assuntos da escola e os demandados do Órgão Central e da FME. Entretanto, as famílias continuavam em casa, sem contato com escola.

A comunicação via plataformas digitais se tornou algo extremamente necessário quando se percebeu que a Pandemia perduraria. Foi urgente a escolha de medidas para que a família e escola tivessem contato e uma comunicabilidade saudável e eficaz. Essa transformação de

práticas foi um fator essencial para a Educação na Era da Comunicação Tecnológica, que passava pelo momento mais disruptivo que tenho vivência.

Foi necessário que as UMEIs criassem formas de contato remoto com as crianças e suas famílias. De certo, as tecnologias que eram vistas com ressalvas pelas professoras passaram a ser o instrumento e veículo de trabalho. Sem a tecnologia a escola não seria capaz de estreitar o contato com as famílias, mesmo que virtualmente.

Novamente, enxerguei a oportunidade de usar os conhecimentos obtidos no curso de Comunicação Social. É possível fazer inferência à genialidade de Fernando Pessoa para dizer que "comunicar é preciso, viver não é preciso". A intenção é mostrar a importância da comunicação nas relações humanas, ainda mais para privilegiar a construção de aprendizagens e sua concretização em qualquer ambiente, analógico ou digital. Foi esse o objetivo da escola ao criar um grupo de WhatsApp da EAP para articular as ações e o contato com as responsáveis das crianças (poucos pais estavam no grupo). Foi possível manter o vínculo com a turma que havia passado apenas duas semanas de aulas presenciais.

Conforme o tempo ia passando, a pandemia ia expondo determinados desafios, que eram superados pela equipe com a busca de estratégias para alcançar as crianças remotamente. Em 08 de setembro de 2020, antes de ser uma determinação da FME, ocorreu um encontro virtual com as crianças e suas famílias do GREI 1. O resultado foi positivo apesar de não contar com a participação de todos. No mês seguinte, toda a UMEI participava dos grupos de WhatsApp e dos encontros via Zoom. Um outro artifício utilizado foi a criação de avatares para a apresentação das atividades que seriam realizadas durante a semana.

Todas as propostas veiculadas para crianças eram incrementadas pelos professores. O intuito era engajar as crianças e os familiares/responsáveis por conduzi-las no espaço virtual de aprendizagem. A motivação e o engajamento para a frequência das aulas via Zoom seria uma tarefa árdua a ser encarada pela frente.

O primeiro encontro remoto evidenciou a disparidade social e cultural entre as famílias, o que permitiu que o corpo docente tivesse uma noção do público escolar como um todo. A percepção de cada um em suas casas foi importante e justificou a ausência de algumas crianças nesses encontros. Uma mãe relatou que o filho não iria participar das aulas remotas porque criminosos não deixavam a internet chegar na comunidade onde moram. Para ter esse acesso, ela teria que pagar uma taxa para eles e isso ela se recusava a fazer. A ausência de políticas públicas é outro ponto a ser considerado. As professoras tiveram que usar os próprios recursos, aparelhos e pacote de internet. O mesmo ocorreu com os pais. Foi difícil cumprir o papel pedagógico e engajar a maioria das turmas nos dois primeiros anos de Pandemia.

Neste contexto, buscou-se desenvolver uma pesquisa para responder essa inquietação. A ideia foi demonstrar a importância da tecnologia para o ensino na atualidade, assim como a necessidade de formação dos docentes para a sua utilização. O desenvolvimento do trabalho ocorreu na Unidade Municipal Paulo César de Almeida Pimentel, em Itaipu/Niterói, junto com o coletivo de profissionais e uma amostragem de pais.

O objeto da pesquisa foi a utilização do canal no YouTube para a vivência de momentos de comunicação remota entre todos os atores da educação. O canal da UMEI foi criado pela equipe gestora e pensado por todos os profissionais da escola para atender uma situação emergente: a necessidade de aproximação entre as crianças e os profissionais da escola. Essa ferramenta digital pode ser vista como a via para práticas pedagógicas eficientes na Educação Infantil. O canal em questão continua sendo atualizado e editado pela autora da dissertação.

1.2 Tecnologias Audiovisuais na Educação

Não se pode ignorar o fato de que os jovens e crianças deste século aprendem de forma diversificada, interativa e por meio de experiências audiovisuais (visual, sonora e verbal). Duran (2010) sugere que a compreensão de como ocorrem esses estímulos de aprendizagem exige o olhar atencioso do entorno. O computador, a televisão, internet, os vídeos, filmes, séries, documentários, esses e outros dispositivos:

> (...) proporcionam sensações simultâneas por meio da linguagem audiovisual. Mas para que a conexão entre linguagem e indivíduo realmente se estabeleça (...) ocorre a necessidade de transformação dos indivíduos em visualmente alfabetizados, expandindo sua capacidade de ver e entender as mensagens inerentes as linguagens visuais. Atualmente, vemos que esta proposição se ampliou a um patamar de outra ordem, pois além de visualmente alfabetizados, é imprescindível que proporcionemos a alfabetização audiovisual em prol de uma imersão mais crítica e cada vez menos passiva no consumo dos produtos audiovisuais (DURAN, 2010, p. 15).

A utilização de tecnologias digitais na educação tornou-se um aspecto que vem impulsionando reflexões, diria até fundamentais, para o trabalho pedagógico. Coscarelli e Ribeiro (2005) fornecem exemplos de variados projetos que podem ser trabalhados com os alunos em sala de aula. Alguns deles utilizando a internet. Com os adolescentes, os professores podem propor a criação de e-mails, homepages, fanzines[7], revistas e blogs para despertar o

[7] Termo que resulta da contração de *fanatic magazine* expressão que pode ser traduzida como “revista de fãs”. Esse é um gênero textual elaborado por pessoas (amadoras ou profissionais) aficionadas pelos mesmos gostos, *hobbies*, assuntos e preferências.

interesse e estimular o aprendizado. Com crianças, torna-se interessante a proposta de atividades que possam desenvolver o controle do mouse e, para isso, existem diversos sites educativos disponíveis.

A abordagem da Educação demanda a atenção sobre os aspectos culturais. O tratamento sobre esta relação entre Tecnologia e Cultura foi inaugurado por Pierre Lévy, em 1999, no livro *Cibercultura*. Ele propõe a observação das transformações ocorridas na cultura - logo também na Educação – e de como elas impulsionaram o surgimento de inovações midiáticas e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). O autor considera que esse movimento:

> (...) aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato (LÉVY, 1999, p. 127).

Entende-se que o advento da Internet, gerou o surgimento de novos alunos, que, por sua vez, vivem em uma cultura de relacionamento em rede. Esse primeiro olhar possibilita o esboço de afirmativas sobre as mudanças que as tecnologias impõem à sociedade. Sobre esse aspecto, Charlie Gere (2008, p. 17 apud VALENTE, FREIRE e ARANTES, 2018, p. 21), diz que a Cultura Digital a tecnologia surge como fonte de contribuição para "o desenvolvimento dessa cultura". Buzato (2010, p. 85 apud VALENTE, FREIRE e ARANTES, 2018, p. 21-22) acrescenta que "a Cultura Digital deve ser vista como mediação e não como reflexo". Ou seja, ambos os autores retiram o foco da tecnologia e colocam a relação humana no centro da questão. A humanidade se relaciona em rede e o momento sugere que as tecnologias digitais chegaram para dinamizar essas relações.

Ao trazer essa discussão para a realidade escolar brasileira, Coscarelli e Ribeiro (2005) defendem a utilização da informática nas escolas, mas também reafirmam a importância de sua intenção pedagógica. Para as autoras, a escola ainda não se encontra no "momento de trocar o lápis e a caneta pelo teclado (...)", mas é possível prever a aceitação dessa troca em um futuro próximo (COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, p. 29).

É preciso dizer, como professora, que a educação deve ser pautada por ações que estejam comprometidas com a mudança social, especialmente com os alunos das classes populares. Deve-se criar situações para que estes saiam das escolas incluídos digitalmente e, para tanto, existe a necessidade de que as professoras façam o desbravamento do mundo tecnológico e utilizem esses recursos em sala de aula, desde a Educação Infantil.

A Lei de Moore[8] contribuiu para que os macros computadores da década de 1960 do século passado se convertessem em palmtops e celulares que hoje cabem na mão. Até das crianças pequenas que com um deslizar de dedo acionam um hipertexto, um joguinho e são levadas para o conteúdo de uma plataforma streaming de música ou vídeo.

As crianças podem não saber para onde vão, mas entendem que uma ação ocorrerá se apertar aquela tela com seus dedinhos. Os professores da Educação Infantil têm a tarefa de decidir se deixarão a cargo do acaso a interação desse público com a tecnologia ou agirão pedagogicamente com esses recursos disponíveis na sociedade. Levar os aspectos sociais do século XXI efetivamente para dentro da escola é a orientação da maioria dos estudiosos da Educação e Cultura, independentemente de sua corrente de pensamento.

José Manuel Moran (2013) fala dos céticos em relação ao uso dos computadores nas escolas como uma certa ironia. Ele cita no texto uma das questões pela qual muitos seriam contra a entrada dos computadores nas escolas: as crianças passariam de dez a doze horas na frente da tela. O tempo não excederia uma hora e nem o temido computador tomaria o lugar do professor. Esse seria mais um instrumento no processo de ensino e aprendizagem. As escolas deveriam seguir o conselho do autor:

> Uma educação inovadora se apoia em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base: o conhecimento integrador e inovador; o desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento (valorização de todos); a formação de alunos empreendedores (criativos, com iniciativa) e a construção de alunos-cidadãos (com valores individuais e sociais). São pilares que, com o apoio de tecnologias móveis, poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais flexível, integrado, empreendedor e inovador (MORAN; MASETTO e BEHRENS, 2013, p. 1).

Moran ainda atesta que mesmo as escolas didaticamente avançadas, se não estiverem conectadas serão escolas incompletas. Ele escreveu isso antes das escolas serem fechadas por causa Pandemia, quando as escolas e famílias precisaram usar as redes sociais como ferramentas educacionais. Ainda consta na introdução do livro *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá!* em sua décima edição impressa, a percepção do cenário vivido por todos da Educação:

[8] Em 1965, Gordon Moore (presidente da Intel) previu que a quantidade de transistores de um circuito integrado/plataforma dobraria a cada dois anos, enquanto a capacidade de processamento dobraria a cada 18 meses. Ou seja, quanto menores os chips e componentes de um processador, maior a sua capacidade e eficiência. A previsão ficou conhecida como Lei de Moore, e acabou por ditar o ritmo acelerado do mercado de tecnologia da informação. https://zeittec.com.br/lei-de-moore/

> Educar é, simultaneamente, fácil e difícil, simples e complexo. Os princípios fundamentais são sempre os mesmos: saber acolher, motivar, mostrar valores, colocar limites, gerenciar atividades desafiadoras de aprendizagem. Só que as tecnologias móveis, que chegam às mãos de alunos e professores, trazem desafios imensos de como organizar esses processos de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora da sala de aula, aproveitando o melhor de cada ambiente, presencial e digital (MORAN, 2020, p. 13).

Ele acreditava que a velocidade com que a escola mudaria diante do surgimento da internet, seria outra: mais veloz, mais próxima das mudanças a que todos são submetidos como sociedade. Acreditava-se que as mudanças metodológicas ocorreriam no sentindo de tornar o aluno mais participativo e atuante no processo de aprendizagem. Segundo o autor as mudanças vem ocorrendo à passos lentos (MORAN; MASETTO e BEHRENS, 2013).

1.3 Caracterização do Problema de Pesquisa

Em um contexto onde há o afastamento da criança do ambiente escolar, existe a necessidade de uso de metodologias criativas e habilidades na área da comunicação para engajá-la à distância. Durante a pandemia observou-se **lacunas na formação docente para a proposição de metodologias criativas tecnológicas que permitissem o engajamento discente na Era do Cultura Digital.**

Os professores que frequentam a sala de aulas e mantem o contato constante com diversos alunos e de variadas idades, podem observar cotidianamente como essa geração se torna cada dia mais conectada e consegue aprender a partir de recursos audiovisuais. Hoje é preciso que a escola ofereça um lugar de destaque a esse público, pondo em prática métodos pedagógicos permitam transformá-los em sujeitos ativos de aprendizagem, de modo que estes se sintam pertencentes e protagonistas desse processo (GAROFALO, 2019).

Os espaços formais e informais de aprendizagem podem ser ofertados com a Educomunicação e ações que têm o objetivo de ampliar o diálogo, a participação e criatividade dos atores para dar sentido às atividades e ao currículo escolar. Soares (2022) define a Educomunicação como um agrupamento de ações que são destinadas a:

> 1) integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (cumprir o que solicita os PCN no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular; 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e

> democráticos; 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (SOARES, 2022, p. 1-2).

Entende-se que a criação de um blog, um canal no YouTube, rádio, jornal on-line ou até mesmo podcasts, são formas de Educomunicação que marcam presença em espaços escolares modernos. Isso ajuda no aperfeiçoamento da capacidade expressiva dos alunos e estimula o desenvolvimento de postura crítica em relação às informações que são acessadas em veículos de comunicação no dia a dia. Sabe-se que a Educomunicação é um elemento que "propõe uma intervenção a partir de Educação para a mídia, ou seja, o professor e os estudantes desenvolvem em sala de aula conteúdos educativos (...)" (GAROFALO, 2019, p. 2).

Existem vários direitos constitucionais quem têm sido mitigados em prol dos direitos fundamentais à saúde e à vida. Um deles é a educação. Diante desse fato, a gestão da Unidade Municipal de Educação Infantil em parceria com a equipe pedagógica, professores e demais profissionais se uniram para encontrar soluções que minimizassem os impactos do isolamento social no vínculo com as crianças. Isso fez com que a UMEI investisse na criação de um canal no YouTube[9] para disponibilizar os vídeos produzidos pelas equipes de profissionais da escola, e, dessa forma, engajar as famílias e manter a afetividade, que é um elemento tão essencial na Educação Infantil. Santaella (2001) lembra que não há comunicação sem informação, como também não há transmissão de informação sem um canal e/ou veículo pelo qual essa informação transite.

Sabe-se que o emissor, receptor e meio constituem-se em tripé da comunicação. Isso é lembrado desde a semiótica estruturalista de Barthes. Porém, na era da Cultura Digital esse meio torna-se plástico, disruptivo e possui como consequência a provocação de mudanças. Esse cenário muda o emissor e o receptor, tornando-os mais coletivos, conectados e propensos a essas alterações (LEVY, 1999; SANTAELLA, 2001; VALENTE, FREIRE e ARANTES, 2018).

O Canal do YouTube e o WhatsApp da UMEI foram os veículos eleitos pela instituição e visou a garantia do acesso dos alunos da Educação Infantil ao conteúdo programático e a um elemento que se mostra essencial à primeira Infância: o AFETO. Entende-se que o trabalho coletivo é fundamental para cotidiano da educação, visto que as crianças se desenvolvem com o grupo e os profissionais constroem seu saber-fazer coletivamente (RIGHETTO, HASSAN e DINIZ, 2003). Desta maneira, o trabalho coletivo se constitui um quesito elementar para a construção do trabalho no ambiente escolar. Nesse momento pandêmico não foi diferente. Ele

[9] Disponível no link: https://www.youtube.com/channel/UCbmevx3mJAhRSPBEf2OxDMQ

envolveu dois parâmetros que se tornaram fundamentais nesse período: a necessária afetividade à formação humana e a formação em Rede.

Com o desenvolvimento da web 2.0 e das redes sociais, surgiu o serviço de *streaming*. A plataforma do YouTube passou a dominar a internet em fevereiro de 2005, pois passou a permitir a produção ou compartilhamento de vídeo digital e, principalmente, que o usuário criasse e publicasse o próprio conteúdo, autoral. Nessa época não havia outros serviços que permitissem a publicação de vídeos do usuário e o *streaming* foi criado com esse intuito.

O sucesso foi tão rápido que muitos youtubers se tornaram famosos a ponto de se transformarem em celebridades. Quem não conhece Felipe Neto, Whindersson Nunes, entre outros youtubers? O fenômeno chamado de 3C (crie, curta e compartilhe) veio para ditar a dinâmicas das relações no ambiente virtual. Quanto mais conteúdo o usuário criar, mais curtidas ele terá e maior será o alcance de seu canal e o retorno financeiro.

Esse tipo de plataforma é democrática, igualitária e universal, já que favorece qualquer um que se dedique à produção de conteúdo de forma independente. É só subir/publicar as produções gerando um sem número de conteúdo.

Não precisa ser produtor de TV ou ter um estúdio de gravação para criar um canal, basta ter um celular. Esse foi o justo motivo que levou a plataforma se tornar tão popular entre os usuários, principalmente os jovens. Essa também foi a motivação para a escola citada escolher o YouTube como plataforma para dar visibilidade ao conteúdo das aulas, que seria a referência para as crianças no período de pandemia. Mas então, como e por que a equipe propôs a elaboração da UMEI Virtual?

A UMEI é formada por dez Grupos de Referência (GREI), nos quais as crianças são organizadas no sistema pela idade. Desde o GREI 1, com o atendimento de crianças a partir de 1 ano de vida até 1 ano e 11 meses até 5 anos e 11 meses de idade. A Educação Infantil opera em horário integral no município de Niterói com a prática da bi docência (dois professores por turma). Esse é um fator fundamental para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, de forma a favorecer o planejamento cuidadoso das atividades, o cuidar.

A presença de duas professoras favorece o envolvimento e a interação com as crianças, pois é nessa fase que elas buscam respostas para sua curiosidade. É nessa fase também que o adulto pode interagir com a Zona Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a dinâmica da bi docência permite o trabalho de aproximação entre o nível de desenvolvimento real e o potencial seja privilegiado em sala de aula. A ZDP pode ser definida como “aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário” (VYGOTSKY, 1987, p. 97).

Lembrando que a educação no município e na UMEI é pautada na tríade: educar-cuidar-brincar. E além da equipe gestora local, a escola da rede é gerida e financiada pelo órgão central, a FME de Niterói[10], que é responsável pela lotação dos profissionais até os equipamentos disponíveis nas unidades.

A primeira infância é por essência uma fase da educação onde o "afetar" deve ser diariamente desenvolvido pelas professoras, o convívio com as crianças visa a formação integral do sujeito, que pode ocorrer sem frustrações. Esta é a forma de tornar o ensino mais atrativo, eficiente. Esse movimento de transportar a prática presencial para a dinâmica remota e sua influência nessa construção do "afetar" foi uma das preocupações mais apontadas pelas professoras da escola acompanhada, mencionadas durante as reuniões pedagógicas e do Conselho de Avaliação e Planejamento do Ciclo (CAPCI).

Wallon (1979, p.204) discorre que "a criança passa demasiadamente rápido pelo seu desenvolvimento social a partir do momento em que anda e fala" e isso suscita uma reflexão sobre como essa mesma criança fica com o processo de aprendizagem que ocorre ainda nos primeiros anos de idade. Ainda engatinhando e tropeçando, ela usa o polegar opositor para avançar um vídeo do YouTube no celular do pai, da mãe, do avô, da avó, etc. Essa criança que aprender em casa e frequenta a escola ao mesmo tempo impõem desafios educativos que precisam ser encarados.

Não é possível varrer para "debaixo do tapete" curricular ou mergulhar profissionalmente nas tecnologias da mesma forma como se faz na vida cotidiana, descompromissada ou como passatempo. De Anísio Teixeira à Paulo Freire, passando por Edgar Morin e até Yuval Harari, todos os autores concordam que para obter a efetiva mudança paradigmática, tão necessária ao processo educativo, é fundamental de início abrir mão de colocá-lo em caixas, de forma seriada, comportada, disciplinada, especializada o que se convencionou chamar de disciplinas. Morin (2000, p. 25) atenta para o fato de que não se trata "de extinguir as fronteiras das disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento".

Os filósofos passaram duas décadas se debruçando sobre as mudanças paradigmáticas que viriam na educação durante a virada do século XXI. Esse movimento esteve muito tempo preso à construção de hipótese, sem ações ou mudanças concretas. Santos (2003) anunciava o surgimento de um novo "paradigma nas Ciências Sociais", que custou a se fazer presente nas escolas. A inserção da tecnologia em sala de aula é uma questão que foi levada em "banho-

[10] Fundação Municipal de Niterói, autarquia gestora da Educação no município financeira e pedagogicamente.

maria" até um determinado vírus com disseminação em escala mundial obrigar professores, que antes relutavam a utilizar a tecnologia em sala de aula, a fazê-lo para encontrar sua criança, que passou a estar do outro lado da telinha.

Entende-se que a pandemia obrigou as escolas a "antecipar" o futuro, visto que o ensino no século XXI tem ido na contramão do que vem sendo preconizado por alguns pensadores: que é o desejo por uma educação sistemática, mais dialógica. Essa escola até então se apresenta ainda não pensa global conforme sugere Edgar Morin no fim do século XX e Anísio Teixeira em 1930, no início do século passado. Então, como se pode "conhecer as partes, se elas pertencem a um todo que não conheço?" (TEIXEIRA, 2000, p. 82).

Vani Kenski lembra que a sociedade vive, há algum tempo um desenvolvimento tecnológico das redes digitais, que ocorre "graças a ampliação da largura das bandas e com um aumento representativo da velocidade da internet". Como resultado desse desenvolvimento surge a "conjunção com a exigência do momento pode contribuir para que as fronteiras disciplinares finalmente sejam finalmente ultrapassadas" (KENSKI, 2012, p.51).

1.3.1 Estudo Exploratório para confirmação do Problema de Pesquisa

Como disse uma colega: a grande pauta do trabalho dos professores no Brasil é a reinvenção, todos os anos a escola se depara com alguns desafios que resultam em mudança na prática da profissão. Então, "se reinventar já faz parte da nossa identidade".

A escola precisa acompanhar a evolução e demandas da sociedade, adaptando a prática pedagógica ao surgimento de novas tecnologias. Em muitos casos, representam o processo de inovação do saber-fazer a educação. Por esse mesmo motivo, a pesquisa foi desenvolvida na Educação Infantil, com a leitura de um contexto em que o afastamento da rotina escolar dificultou o engajamento da criança com a Unidade Municipal de Educação Infantil.

Foi realizada uma pesquisa preliminar por meio do Google Forms a fim de categorizar o problema, que contou com a participação de profissionais de variadas Redes de Educação (pública e privada, municipal, estadual e federal). O envio foi feito exclusivamente via WhatsApp de grupos desses espaços. O questionário teve dezenove questões com perguntas estruturadas e abertas buscava a percepção desses profissionais acerca das Novas Tecnologias na Educação. O intuito foi constatar a pertinência do presente estudo, em especial no momento vivenciado a partir de março de 2020, quando ocorreu a suspensão das aulas em todas as redes de ensino na tentativa de conter a pandemia do COVID-19.

A análise das repostas obtidas será desenvolvida no item 4.0, onde constam os Resultados e Discussões.

1.4 Justificativa/Relevância

A aprovação deste Projeto no Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais da Educação (MPNTDE) possibilitou a criação de um ambiente de pesquisa que promovesse a formação continuada em serviço de professoras da UMEI onde a pesquisadora trabalha. O estudo bibliográfico resultou no investimento técnico da pesquisadora em serviço, o que colaborou para a promoção da formação emergente das professoras, justamente por isso, foi confirmada a relevância da presente abordagem.

Os objetivos do MPNTDE e a solução do problema de pesquisa conectaram-se à necessidade formativa dessas profissionais, que foi reafirmada pelos estudos exploratórios, que constataram a existência de lacunas na formação para o uso das Novas Tecnologias Digitais na Educação. Constatou-se a ausência de formação continuada em serviço e a escassez de Políticas Públicas do Município nesse segmento.

A presente pesquisa possibilitou a criação de meios para a implementação de propostas e ações práticas durante a realização do MPNTDE. De forma que colaborassem para a solução das questões sobre o ensino-aprendizagem por meio das tecnologias na Educação Infantil.

A reflexão durante o período estudado mostrou que a equipe escolar estava consciente quanto às suas reponsabilidades e comprometida com as metas propostas pela EAP. A atitude colaborativa foi multiplicada da necessidade de novas intenções de desenvolvimento de pesquisas educacionais, encorajando cinco professoras a ingressar no curso de qualificação, sendo aprovadas no Mestrado no semestre subsequente. Sem dúvida, a troca de conhecimento e a motivação oferecida pelo grupo propiciou o fortalecimento do espírito de equipe e a ânsia pela obtenção da qualidade nos procedimentos pedagógicos.

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo Geral

Analisar a avaliação docente sobre a Oficina de Produção de vídeos para o Canal YouTube; bem como a Produção do Canal Digital da Escola em estudo, durante o período de pandemia de Covid-19.

1.5.2 Objetivos Específicos

- Compreender quais são os canais e tecnologias mais acessíveis juntos aos profissionais da escola através de estudo exploratório feito por meio do Google Forms;
- Realizar pesquisa-ação que conte com o levantamento bibliográfico e a participação dos professores para obter dados relevantes sobre o tema no cenário estudado;
- Desenvolver oficinas para estimular os professores na produção de vídeos;
- Viabilizar a comunicação da comunidade escolar através da a UMEI Digital, um canal no YouTube criado para a escola.

1.6 Descrição dos Capítulos

O texto foi dividido em cinco partes e, no decorrer dele, o leitor poderá ter contato com o desenvolvimento e produto da pesquisa. A primeira parte apresenta o percurso profissional da autora, assim como as inquietações pessoais e profissionais que levaram a realização do estudo. O primeiro capítulo buscou o desenvolvimento da fundamentação teórica usada para sustentar o trabalho em questão. O segundo revela a metodologia escolhida, fundamentalmente a pesquisa-ação e suas etapas. O terceiro apresenta-se os resultados obtidos com a aplicação dos questionários e suas análises. Em seguida, o quarto capítulo mostra o produto da pesquisa,que foi a UMEI Digital, um canal no YouTube que serviu para viabilizar a comunicação da escola e dos professores com os alunos e seus cuidadores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cultura, Educomunicação e Afetividade

O meio social influencia o modo de ser e estar na escola e o saber-fazer a educação, encontrando na cultura o ponto de apoio que ajuda na compreensão de como é criado o processo de aprendizagem da criança e suas formações. Já no início do século passado se alertava para as dúvidas que as constantes mudanças na sociedade significavam para as certezas educativas e sociais apontadas em diversos períodos da história. Entende-se que não seria possível fazer referência a algo, em especial no campo da Educação ou Cultura, sem deixar subtendido o que poderá ocorrer por causa da mobilidade e transformação que ocorrem na sociedade. Tornando-se imperativo se adequar "à natureza evolucional do mundo em que vivemos" (TEIXEIRA, 2000, p. 94).

De certo que a vida moderna exige a postura de abandonar as "velhas certezas de quatro pés, sólidas e inflexíveis", que costumam ser amparadas pela ignorância e preconceitos incrustrados no seio social. Estes, por sua vez, não deixam espaço para que o indivíduo esteja disposto a manter a mente aberta para a aquisição de novas posturas, novos pensamentos, com "novas possibilidades e caminhos para o exercício da ação criadora, por isso mesmo que se vive em um mundo onde as mudanças e com elas, os atos de criação são permanentes e contínuos" (TEIXEIRA, 2000, p. 95).

É preciso trabalhar com as Ciências da Educação tendo a consciência de que essa área do conhecimento poderá passar por potenciais mudanças. A ideia de Teixeira (2000) sobre educação e sociedade é que esses são dois aspectos que se retroalimentam. Essa compreensão pode ser realocada para o final do século XX, quando se passa a discutir as formações sociais da infância ou infâncias, como hoje esse campo é entendido.

Enquanto sujeitos com participação ativa na sociedade, as crianças não podem ser vistas como meros indivíduos que reproduzem o universo simbólico infantil ao relacionar-se com os pares. A Sociologia da Infância abordada por Corsaro (2011, p. 32): mostra que "as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudanças culturais".

O entendimento sobre o que é ser criança foi modificado ao longo do tempo, ação que contou com a contribuição de vários pensadores. Hoje, a ideia prevalente é aquela encontrada nas aproximações entre as elucubrações de Corsaro (2011) e Sarmento (2013). Sabe-se que os

pontos de vista desses autores prospectam uma perspectiva que se mostra “dialética e capaz de compreender as relações de mútua implicação da identidade social da infância com a diversidades dos contextos e das práticas sociais da infância” (SARMENTO, 2013, p. 30).

Os referidos autores colidem na abordagem que trata a Sociologia da Infância, pois possuem um olhar diferenciado sobre as crianças. Entretanto, pode-se encontrar consenso de que a infância “é uma construção social, constituída por sujeitos concretos e de direitos, percebida como uma categoria histórica e estrutural da sociedade” (SOUZA, 2013, p. 2).

Esse campo de estudo enxerga esses sujeitos em sua multiplicidade, de forma interdisciplinar, constituindo a criança como agente ativo na construção de suas próprias culturas e, por isso, ajudam a construir o mundo adulto e infantil que usufruem. Ou seja, o mundo infantil também faz parte da sociedade, o que induz a participação e colaboração das mesmas na produção coletiva de cultura, que ocorre de forma simultânea e mais ampla entre as “duas culturas (a das crianças e a dos adultos)” (CORSARO, 2011, p. 94-95).

Salienta-se ainda que a criança desenvolve uma relação com seus processos simbólicos a partir do que foi denominado por Corsaro (2011) de “reprodução interpretativa” da herança cultural adulta. Esse é um termo que pode substituir o conceito de socialização. A pessoa costuma ouvir, desde pequena, que seus pais, tios e avós faziam alguma atividade de certa maneira ou assumiam uma determinada postura. Quando ocorrem mudanças na sociedade, elas costumam ser assimiladas com maior facilidade nas ações sociais das crianças. Pode-se citar como exemplo as longas e frequentes cartas que eram escritas à mão para um amigo ou um parente distante. Hoje tornou-se comum enviar e-mail ou mensagem pelo celular.

O que ocorre, muitas vezes, é uma situação de reprodução da cultura adulta de costumes e comportamentos pré-estabelecidos e que ajudam a compreender a história sociocultural e familiar. Entende-se que essa situação não costuma ser alterada de forma espontânea, pois a tendência é que ocorra a “reprodução dos modelos disponíveis entre os humanos, de perpetuação das situações, a intervenção procura fornecer subsídios para o pensar diferente, que impulsione a ação e a mudança - de um estado A, para o B” (ALMEIDA, 2015, p. 5).

O que prevalece é o entendimento de que as crianças não só reproduzem, mas reinventam papeis e funções do repertório do comportamento humano durante as interações que estabelecem consigo mesmas e com outras crianças, ou cultura de pares. Essa interação que ocorre na cultura de pares pode ser definida como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (CORSARO, 2009, p.32 apud SOUZA, 2013, p. 1).

As crianças priorizam o atendimento de seus interesses enquanto brincantes e isso costuma ocorrer por meio de sua participação ativa na cultura de pares. Essa, por sua vez, pode ser "produzida pelas crianças que tem na escola um importante espaço de produção pela continuidade das relações que se estabelecem entre elas" (CORSARO, 2009, p.32 apud SOUZA, 2013, p. 1).

O ato de brincar é algo em constante movimento e retroalimentado pela criatividade, pela imaginação infantil. Quando ele é transferido para o espaço escolar, torna-se parte da rotina, passa-se a ter horários, tempos e espaços determinados para as brincadeiras. Deve-se dizer que as crianças realizam trocas entre si, dialogam e compartilham as próprias aspirações com os coleguinhas. Elas "mostram seus interesses, descontentamentos, conflitos, desejos e conhecimentos. Elaboram regras, saberes, formas de lidar com o outro, de compreender o mundo, de participar da cultura e de transformá-la" (SOUZA, 2013, p. 5).

Sabe-se que a reprodução interpretativa ajuda a compreender as inter-relações que ocorrem entre brincadeira, o faz de conta e a apropriação da cultura do mundo adulto. Esse conceito está assentado na compreensão da criança enquanto sujeitos que possuem colaboração ativa na preservação e na mudança social:

> (...) Fundamental para essa visão é a apreciação da importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam cultura com os adultos e com seus pares. (...) o termo reprodução captura a ideia de que as crianças não estão simplesmente internalizando a sociedade e a cultura, pelo contrário, estão ativamente contribuindo para a produção e a mudança cultural. Por outro lado, reprodução também implica que as crianças são também, a partir da participação na sociedade, constrangidas pela estrutura social. O termo interpretativa captura os aspectos inovadores e criativos da participação da criança na sociedade (CORSARO, 1997, p. 18 apud MÜLLER, 2006, p. 555).

Sarmento (2013) ainda faz inferência aos estudos de Corsaro (2007, 2011), quando se debruça sobre os processos de interação criança com o adulto, considerando essa troca como parte importante na construção das culturas infantis. As interações com os pares e mesmos as interações chamadas de intrageracionais, das crianças mais velhas com as mais novas, também se revelam cruciais para esse processo de construção. As interações constituem as culturas infantis por meio do compartilhamento de experiências, vozes e saberes, de estar e dividir espaços e ambientes com os outros e da comunicação para além do próprio mundo. As crianças tornam-se sujeitos que contribuem para:

> (...) A construção dos mundos de vida das crianças, a possibilidade de sua subjetivação e autonomia é fortemente dependente da possibilidade de o processo socializador ocorrer fora da orientação para o individualismo (...). a análise do processo de subjetivação e da autonomia das crianças pela sociologia da infância tem lugar, nos vários contextos de vida e nas várias esferas sociais, na família, nas escolas, nos espaços de lazer, na esfera econômica, nas instituições, na justiça, na cidade (SARMENTO, 2013, p. 41-42).

É no pátio da escola que as crianças adquirem a noção do que é coletivo, a consciência de comunidade. Nesse ambiente compartilhado que ela passa a vivenciar o "nós" de forma genuína e divide com os seus pares as próprias impressões sobre as mudanças culturais que ocorrem na sociedade em que elas vivem, participam e atuam.

Encontra-se em Morin (2003), Harari (2018) e Freire (1996), até mesmo em época longínqua com as escritas de Teixeira (2000), a referência de que para alcançar a efetiva mudança paradigmática é necessário ter um olhar cuidadoso para um elemento crucial na sociedade: a educação, principalmente a fundamental, que é a base dos outros ciclos educativos. Esse olhar também deve incluir as transformações que ocorreram no ensino durante a transição do XX para o XXI, na maneira de acessar informações e das crianças aprenderem.

Sabe-se que as adaptações de aspectos relacionados com as políticas públicas, administrativas e, principalmente, com a prática do professor passaram a determinar as mudanças que a educação vem passando no século XXI (VERÇOZA, 2020). Acrescenta-se a esse cenário o surgimento das tecnologias digitais - em especial, o computador e a internet - que aproximam pessoas, suprimem distâncias, facilitam a comunicação e a disseminação de um grande fluxo de informação. Esses recursos costumam modificar o *modus vivendi* das pessoas, transformando a maneira "de pensar, viver e de adquirir conhecimento" (MEDEIROS e PEREIRA, 2019, p. 3).

O resultado desse processo foi a "ampliação ao acesso, à produção e à disseminação da grande quantidade de informação, proporcionada por essas tecnologias, obrigou as pessoas a se aperfeiçoarem constantemente" (MEDEIROS e PEREIRA, 2019, p. 3). Os eventos desse cenário cultural, por sua vez, passaram a refletir de forma intensa "na necessidade do professor se capacitar ainda mais, a fim de filtrar essas informações, transformá-las em conhecimento sistematizado de qualidade e fazer uma conexão com a realidade de sua respectiva sala de aula" (VERÇOZA, 2020, p. 5).

Hoje, as pessoas têm à sua disposição uma diversidade de mídias e recursos para adquirir informação, independe se esta tenha qualidade ou não. Para os estudantes, esse cenário não é diferente e isto impõe grandes desafios para o ensino na vida contemporânea, pois torna-se necessário que esse processo ofereça o protagonismo na aprendizagem que o aluno merece

(VERÇOZA, 2020). Isso faz com que o professor precise aprender a escolher e manusear "metodologias que favoreçam a apropriação de possibilidades efetivas do aluno construir e desenvolver seus projetos de vida e se integrar de forma consciente e autônoma na vida cidadã e no mundo do trabalho" (BRASIL, 2018, p. 478 apud VERÇOZA, 2020, p. 5).

A mudança de pensamento deve ser acompanhada pela oferta de um ensino transformador, voltado para o desenvolvimento da autonomia e a emancipação do sujeito. Para isso, torna-se necessário desistir de encaixotá-lo, classificá-lo de forma ordenada, extinguindo os limites das disciplinas. Freire (1996) entende que o ato educativo deve estar associado à prática de liberdade, a escuta e não à mera transmissão de conhecimento.

A consequência é uma educação que propõe aguçar a curiosidade do aluno, estimular a capacidade dele para se aventurar, se arriscar nas teias do conhecimento. Isso significa que o indivíduo deve ser autônomo a ponto de buscar informações por conta própria e a educação precisa acompanhar os avanços da sociedade, evoluir e permitir: "(...) que o aluno tenha ensino de qualidade, muito além da simples reprodução. É necessário desenvolver e descobrir habilidades (...)" (MOURA e OLIVEIRA, 2014, p. 208).

É justo que o professor tenha que dar novos tons e contornos ao seu trabalho, implicitamente a sugestão é de que ele seja capaz de ressignificar – por meio de cursos de capacitação - o modo de aprender a aprender e fazer educação. Diante dos fatos, pode-se dizer que o professor do século XXI precisa agir de acordo com o seu tempo, acompanhar as mudanças da sociedade, inovar e dominar recursos tecnológicos (digitais ou analógicos) que possibilitem a inovação da prática pedagógica. A ideia é ajudar no desenvolvimento da autonomia no aluno e colocá-lo no centro da aprendizagem, ao professor cabe enxergar o educando como o sujeito ativo no próprio processo de aprendizagem (VERÇOZA, 2020).

Sobre a influência das mudanças sociais e os avanços tecnológicos na vida moderna e na forma do indivíduo aprender, a Educomunicação surge como a área do conhecimento que realiza a associação de fundamentos encontrados nos campos tradicionais da Educação, Comunicação e outras esferas das Ciências Sociais. Ela veio para superar a visão funcionalista de relações sociais e ultrapassar as concepções engessadas da epistemologia impostas para manter "os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis. Trata-se, na verdade, de uma perspectiva de análise e de articulação em permanente construção (...)" (SOARES, 2000, p. 64).

A Educomunicação faz importantes contribuições para enriquecer os processos de ensino-aprendizagem, sendo a produção e difusão da informação um aspecto que facilita a promoção de ludicidade e interatividade. O fornecimento de referenciais teóricos e

metodológicos desse campo tornaram-se necessários para a "análise da produção cultural para efeito de uma adequada formação para o relacionamento com o sistema massivo de meios de informação" (SOARES, 2000, p. 63).

Entende-se que essa é uma metodologia ativa que pode ser usada em sala de aula e tem como proposta colocar o aluno no foco da aprendizagem, colaborar para a construção do pensamento crítico e formar cidadãos autônomos, atuantes na sociedade, que saibam utilizar as novas tecnologias da informação e comunicação para obter informações e aprender (PIRES e BORGES, 2017). Por isso, a Educomunicação possui a intenção explicita de tornar a instantaneidade experienciada nas relações da vida atual menos fluída, esvaziada e orientada: "(...) porque até mesmo não dizendo, filtrando – a construção destes saberes mediados pelas novas tecnologias da informação e comunicação, somando-se esforços para defende a legitimação deste campo interdisciplinar de ação e reflexão" (HOPPE e LIBRELOTTO, 2014, p. 2).

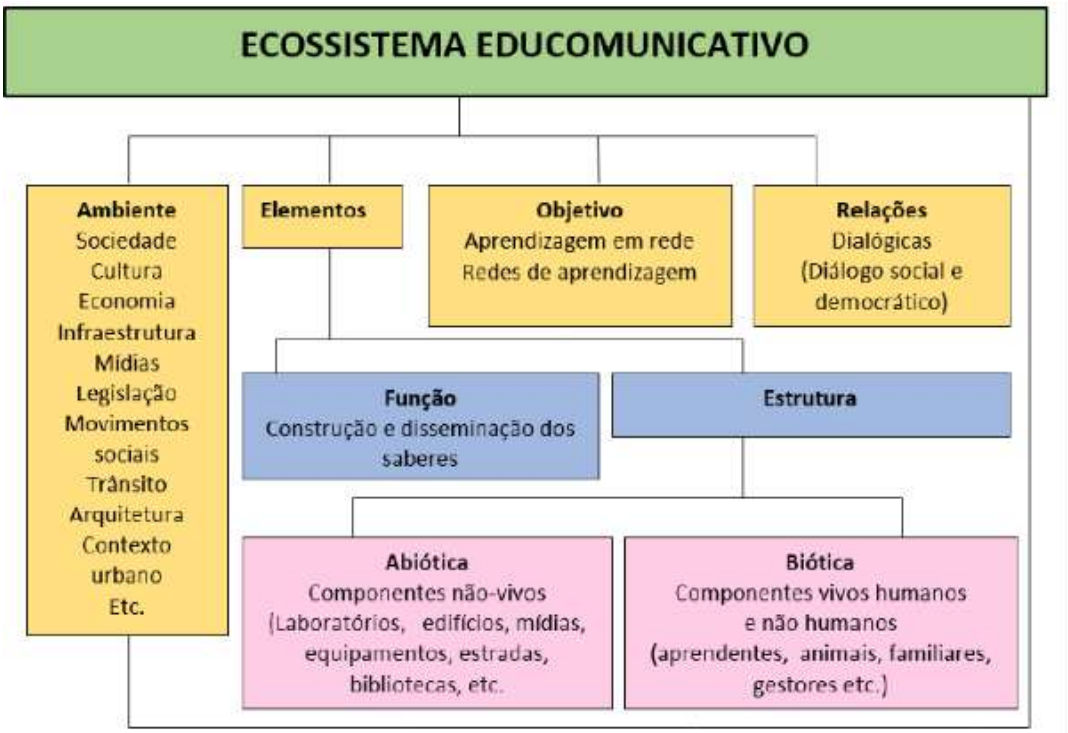
Ela possui um conjunto de programas e produtos com ações planejadas, implementadas e avaliadas de processos que privilegiam o diálogo, a participação e a criatividade. Isso possibilita o fortalecimento da formação de "autores e protagonistas de um campo de interesse coletivo: a mídia" (PIRES e BORGES, 2017, p. 161).

A Educomunicação tem se firmado como um campo de intervenção política e social que privilegia a inclusão da comunicação na mediação do conhecimento, em espaços formais ou não de aprendizagem. Ela é caracterizada pela aplicação de atividades que possuem, em sua essência: "o desejo de análise crítica do papel dos meios de comunicação que atuam no âmbito do ensino formal e informal" (JAWSNICKER, 2022, p. 1-2).

A inserção de meios de comunicação em ambientes de ensino permite a construção de ecossistemas comunicativos nas escolas – plataformas digitais, *Whatsapp*, redes sociais como Facebook, Instagram, Pinterest, etc. Essa demanda exige a oferta de recursos de informação que impulsionam a propagação de conhecimento e aprendizagem em ambiente de ensino, sejameles presenciais ou virtuais (SOARES, VIANA e XAVIER, 2017; PIRES e BORGES, 2017).

O esquema da figura a seguir mostra como se forma um ecossistema educomunicativo, que ocorre através de um complexo de relações com sentidos e fluxos tangenciados. A exposição de noções básicas de ambiente como elementos (função, estrutura abiótica e biótica), objetivo e relações serve para apresentar os aspectos que um ecossistema deve contemplar.

Figura 1. *Esquema de um ecossistema educomunicativo*



Fonte: Sartori (2021, p. 74).

Esse ambiente é aberto e isso produz um ecossistema educomunicativo que passa a ser permeado de sistemas que sofrem influência mútua: "onde a alteração em um acarreta alterações no outro (...). O que implica que todos os componentes sofrem a ação do meio e agemsobre o mesmo" (SARTORI, 2021, p. 75). Entende-se que esse ecossistema pode ser constituídopor qualquer mídia ou rede de comunicação interligada que permita a conexão e interinfluenciaentre pessoas com os mesmos interesses, objetivos e preferências. A exemplo das pessoas que se acessam ao "ecossistema comunicativo formado pelas mídias de massa", como o Twitter que segmenta os assuntos mais comentados no aplicativo em *trending topics* e verificam um evento ocorrido em uma na novela ou notícia com grande repercussão na mídia. Isso costuma "pautar as discussões nos outros ecossistemas de comunicação dos quais participa: presenciais - família, escola, trabalho" (ALMEIDA, 2015, p. 6).

Sabe-se que a Educomunicação tem sido um elemento que serve de apoio para alcançar a melhoria do processo comunicativo da educação popular, social e comunitária. Essa é uma ferramenta viável para a oferta de novos tipos de aprendizagem, pautados em práticas pedagógicas-metodológicas que privilegiam a pluralidade e diversidade cultural. Isso permite que os ambientes formais ou informais de ensino sejam mais democráticos, igualitários e menos hierárquicos: "(...) Alçando, se possível, neste processo a construção de um repositório de

objetos e recursos educomunicativos que auxiliem na avaliação da existência de um alargamento nas concepções de educação (...)" (HOPPE e LIBRELOTTO, 2014, p. 7).

Esse suporte de facilitação de ensino surge como a ferramenta que pode enriquecer o aprendizado e permitir que o professor ensine os conteúdos obrigatórios de forma articulada com o meio social do aluno. Aqui, tanto a disciplina quanto a informação passam a fazer sentido para os educandos e isso permite que eles se tornem parte integrante do aprendizado (PIRES e BORGES, 2017). A matéria passa a ser articulada com fatos cotidianos vivenciados pelo aluno, "de forma que a construção do conhecimento ocorra de forma integral, tendo em vista que para o desenvolvimento do aluno, essa interação além de ser essencial é fundamental" (PIRES e BORGES, 2017, p. 161).

É preciso que o professor nutra o espírito desbravador e mantenha a postura inovadora, que devem ser assumidos para encarar os desafios a serem superados no ambiente de ensino. Esse aspecto costuma ser uma condicionante para o uso da Educomunicação, que, por sua vez, amplia o espaço para a tomada de decisões direcionadas para mudanças, à integração de talentos e o atendimento às expectativas e perspectivas do aprendente. Por isso, pode-se dizer que a Educomunicação:

> (...) pode ser vista como algo que ampliando as condições de expressão do indivíduo. A relação entre o ensino, a juventude e o mundo da comunicação são muito comuns, visto que os jovens dos dias atuais, fazem parte de uma geração que vive conectada a tudo e a todos por meio das mídias de comunicação. Por isso, usar esses meios para concretizar e facilitar o processo de ensino aprendizado, é algo que deve ser pensado e refletido nas práticas dos profissionais da educação (PIRES e BORGES, 2017, p. 163).

É preciso ressaltar que o campo da Educomunicação apresenta sete áreas de intervenção, cada uma possui focos distintos e origens diferentes. Entretanto, os valores convergem e se sobrepõe para que as ações sejam pautadas na igualdade e na participação de todos. Essas áreas são mostradas no quadro a seguir:

Figura 2. *Áreas de intervenção educomunicativas*



CAMPO FUNDANTE	Media studies	Educação	Artes	Comunicação Social	Educação	Educomunicação	Administração/ Comunicação Social
ÁREAS	Educação para a comunicação	Pedagogia da comunicação	Expressão pelas artes	Produção midiática	Mediação tecnológica na educação	Epistemologia da educomunicação	Gestão da comunicação
FOCO PRINCIPAL	Capacitar os participantes para a prática da comunicação dialógica, usando - ou não - as tecnologias.	Usar recursos da comunicação para facilitar a construção de conhecimento.	Dialogar, usando as linguagens artísticas.	Produzir conteúdo midiático com intencionalidade educativa.	Inserir as tecnologias na educação.	Estudar a educomunicação.	Implantar e otimizar fluxos de comunicação em ecossistemas comunicativos
	Educação para a comunicação.	Educação pela comunicação.	Comunicação pela emoção.	Comunicação de valores e conceitos, usando produtos midiáticos.	Educação a distância, comunicação mediada por tecnologia.	Divulgação, pesquisa, estudo sobre a educomunicação.	Diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação de ecossistemas comunicativos
VALORES	Igualdade de acesso, relação dialógica horizontalizada entre todos os envolvidos, com tomadas de decisão participativa.						

Fonte: Almeida (2015, p. 11).

Sabe-se que essa é uma área que abrange arte-educação dentro do território digital e no meio ambiente educativo a distância, “entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens como” (CITELLI e COSTA, 2011, p. 32). Nota-se que esse campo viabiliza um movimento de renovação das práticas pedagógicas e propõe que a implementação de novos recursos “no cotidiano escolar, melhorando assim a qualidade do ensino e da aprendizagem (...)” (VERÇOZA, 2020, p. 5).

A interpretação da relação da comunicação com a educação não pode ser resumida a uma simples questão de educar para uso de novos recursos ou mídias. Aprender a fazer a leitura crítica das informações deve ser um condicionante para o uso da tecnologia em sala de aula e a formação do professor para o manuseio dessas ferramentas é um ponto importante. Porém, a educação precisa ter seu foco voltado para a construção da cidadania de pessoas que transitam em um “mundo editado, conhecido e criticado” e, deve torná-las capazes de construir uma nova variável histórica (CITELLI e COSTA, 2011, p. 32).

Existe a necessidade de capacitação dos professores para serem capazes de fazer uso da Educomunicação nas escolas. É preciso ter habilidade para manusear os novos recursos e

aplicá-los de forma eficiente na mediação do ensino, assim como também nas atividades voltadas para expandir o campo da expressividade dos alunos (SOARES, 2000). Isso significa que os profissionais da educação precisam aprender a utilizar a mídia não somente como um elemento de necessidade didática, mas também:

> (...) como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. Esta visão implica ter uma atitude sem preconceito, não somente porque colabora para desnudar a noção de verdade perpassada pelas mídias e aceita por um expressivo número de cidadãos, mas também porque pensa esse fenômeno como parte da nossa realidade (JAWSNICKER, 2022, p. 2).

A vida moderna exige que o indivíduo receba uma instrução escolar emancipadora, que lhe permita acessar os conteúdos e informações sabendo fazer a interpretação dos significados. Estes, por sua vez, apresentam uma multiplicidade de linguagens, discursos e escritas. Não importa o ambiente cibercultural ou veículo de acesso à informação: seja a televisão, rádio, teatro, o cinema, jornal, computador, etc., o indivíduo precisa compreender os eventos que são importantes e que possuem a intensidade para afetar de forma profunda a sua vida ou interferir no seu futuro (CITELLI e COSTA, 2011).

Sabe-se que diversas informações são assimiladas no trabalho, na escola, no ambiente familiar, político ou econômico. Isso significa que a sociedade precisa ter uma educação que signifique saber-fazer a leitura além da mera reprodução de frases e palavras, a pessoa precisa "aprender a distinguir, a tornar evidente, a ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos" (CITELLI e COSTA, 2011, p. 130).

Entende-se que a inclusão da Educomunicação na prática pedagógica vai além de mera colaboração para a eficiência do ensino. Elas têm o poder e a dimensão de ajudar no engajamento dos estudantes nas aulas e atrair o interesse das crianças fazendo com que elas tenham a vontade de participar de ações educativas que são propostas pela escola. Porém, observa-se que "muitos profissionais da educação se acomodam no uso de métodos de ensino tradicionalistas" (PIRES e BORGES, 2017, p. 160-161). É preciso que as metodologias de ensino sejam contextualizadas com as práticas sociais da cultura digital para o professor tenha o engajamento dos alunos nos processos de ensino e aprendizagem. Ou seja, é preciso "integrar as mídias e as TDIC no desenvolvimento e na recriação de metodologias ativas" (BACICH e MORAN, 2018, p. 16).

2.1.1 A importância da Afetividade na Educação infantil

Uma professora da escola observada destacou a necessidade da escolar ter seus "(...) referenciais centrados na afetividade e no diálogo, como os que atravessam esta pesquisa". Isso pode contribuir para a oferta de "consistência à perspectiva do bebê como sujeito relacional e da creche como contexto de aprendizagens sociais" (Professora D.G.).

Esse ponto do trabalho buscou apoio principal e interlocutor do teórico Henri Wallon sobre a Psicologia histórico-cultural. Para Wallon (1979) a afetividade é fundante para o sujeito e construtora de identidades, o que o torna essencial para o entendimento da formação da pessoa, em especial da criança pequena. Pode-se dizer que "é o afeto que abre caminho para o desenvolvimento; isto é válido para o desenvolvimento da percepção, assim como de todas as outras funções" (SPITZ, 2004, p. 84).

O que traz a fala walloniana é a emoção como aquilo que precisa "afetar" o indivíduo para que ele se transforme socialmente e se forme de maneira saudável, biológica e psiquicamente (GALVÃO, 2000). Sugere-se que essa perspectiva realça uma "formação subjetiva enlaçada no coletivo, chamando a atenção para como processos afetivos e de construção de sentido por parte dos sujeitos são motores na construção da vida humana e social" (GUIMARÃES, 2018, p. 3).

A obra de Wallon cita o exemplo de uma pesquisa realizada nos EUA pelo Dr. Spitz, onde crianças até seis meses se desenvolviam bem mesmo longe de suas mães se estivessem em creches modelos. A partir dessa idade ocorria uma mudança, as crianças que permaneciam em contato com as mães prisioneiras, em ambientes desfavoráveis, têm um desenvolvimento biológico melhor que aquelas que convivem em ambiente controlado, científico. Para ele, "essas crianças enfraquecem" (WALLON, 1979, p. 202).

O bebê e a criança pequena se desenvolvem na rotina das UMEIs que não pode ser comparado ao ambiente controlado, como o laboratório da pesquisa do Dr. Spitz. Ao contrário, apesar de regrado pelas rotinas de alimentação, cuidados e horários de espaços; as crianças que frequentam às UMEIs são todas envoltas por uma relação humana fundante na Educação: a afetividade. Aquela que impõem limites e dá abraços, contribuindo para formação do integral do sujeito criança.

Essa pode ser chamada de Pedagogia do Afeto, que serve para amparar os processos educacionais do indivíduo através das relações interpessoais estabelecidas em sala de aula. Ela surge para contrapor a cultura atual, que "desvaloriza as emoções, e não vê entrelaçamento

cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional" (MATURANA, 1998, p.15).

2.2 Engajamento do aluno e comunicação digital

O ambiente escolar sempre foi visto como único lugar de socialização do conhecimento, mas não é. A criança recebe informação desde que nasce, aprende com as pessoas do seu círculo social o modo de agir, ser e sentir. Ela aprende as regras sociais e de comportamento com os pais, irmãos, avós e outros amigos, vizinhos e parentes, possui acesso a recursos digitais que ampliam sua noção sobre as coisas do mundo. A criança chega na escola com conhecimentos prévios e devem ser considerados pelo professor.

O surgimento da tecnologia e dos novos meios de comunicação fez com que o cenário de aquisição do saber mudasse e fosse ampliado para as esferas digitais (HOPPE e LIBRELOTTO, 2014). A presença robusta da tecnologia na cultura fez com que a sintonia entre mídia e aprendizagem fosse tão intensa, que fez com que o ensino passasse a estar relacionado com as mídias da comunicação (CITELLI e COSTA, 2011). Entende-se que a tecnologia é algo constante na rotina humana. Sendo elemento com presença constante em diversos espaços da vida moderna, onde por meio dela o indivíduo pode:

> (...) desenvolver múltiplas habilidades, construir conhecimento, concretizar ideias e projetos, facilitar a comunicação entre pessoas e instituições. Por viver em uma sociedade totalmente voltada para a tecnologia digital. Quando se fala em tecnologia logo vem a mente os computadores, os celulares e todos os eletrônicos de última geração. O que não se pode esquece é que a tecnologia não é atual ou uma realidade somente dessa sociedade (MOURA e OLIVEIRA, 2014, p. 207).

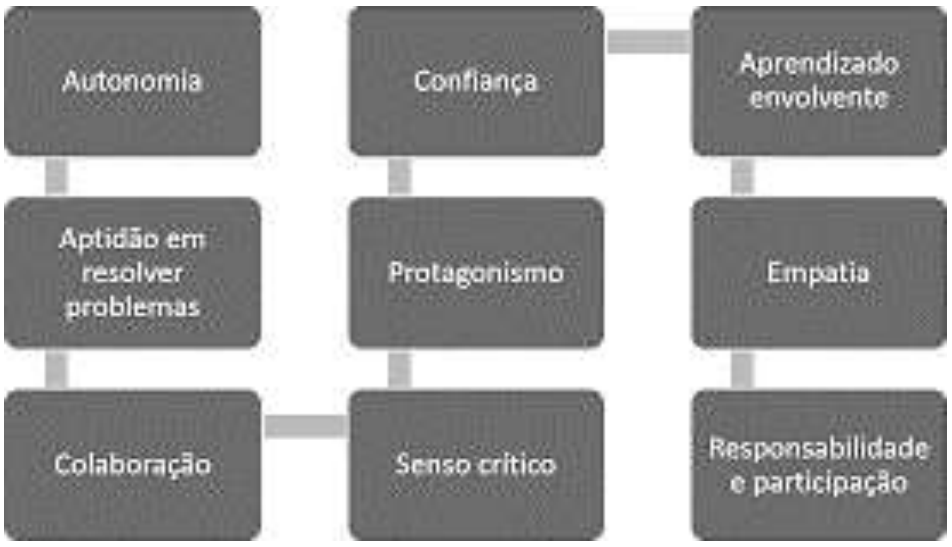
Observa-se que a educação passou por transformações de concepções, métodos e técnicas de ensino. Estas, por sua vez, sofreram influências do uso da tecnologia na escola, com a presença desses recursos e mídias de comunicação digital em sala de aula. Isso tem refletido de maneira significativa no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois a maior parte deles "(...) têm acesso às mídias digitais e os docentes também" (GOMES e COSTA, 2020, p. 2). Esse cenário de mudança não ocorre somente no ambiente educativo, pois todos os setores da sociedade vêm sofrendo mudanças impulsionadas pela evolução das tecnologias e das redes de comunicação digital. Isso faz com que a geração atual seja bastante conectada, tecnológica e informada, o que resulta na aquisição de novos "comportamentos, relações sociais, conhecimento científico e aprendizagem" (GOMES e COSTA, 2020, p. 2).

Os novos usos das tecnologias colaboraram para a efetivação de mudanças acentuadas no ambiente de ensino atual. A alteração do formato das aulas, metodologias e instrumentos passaram a abarcar tudo o que estivesse "interligado com as mudanças que têm ocorrido na forma do indivíduo perceber o ambiente à sua volta e assimilar as informações" (VERÇOZA, 2020, p. 9). O advento da internet, a popularização do uso de plataformas ou mídias sociais promoveram a disseminação de diversos recursos que servem para "aprender em qualquer lugar, com hora flexível e com muitas pessoas diferentes" (VERÇOZA, 2020, p. 9). Sendo que os reflexos do uso dessas ferramentas no engajamento dos alunos pode ser benéficos e contribuir para o alcance de "resultados positivos na formação dos mesmos" (PIRES e BORGES, 2017, p. 160).

O engajamento dos estudantes tem sido um tema que impõe grandes desafios para as escolas na atualidade, pois a geração digital costuma achar as aulas tradicionais chatas, sacais, monótonas e os conteúdos transmitidos são vistos pelo aluno como algo fora de contexto, que não faz sentido ou que não será aplicado fora do ambiente escolar (VERÇOZA, 2020).

Entende-se que a grande tendência do século XXI foi o surgimento de um novo fazer pedagógico, assentado no uso de metodologias ativas (Figura 2). Elas servem para colocar em práticas ideias para a elaboração de novas propostas, novas alternativas de ensino. Dentre as quais pode-se destacar aquelas que promovem "o deslocamento do enfoque mantido no professor para o estudante, considerando-o como protagonista na construção do conhecimento sistematizado" (VERÇOZA, 2020, p. 9).

Figura 3. Vantagens das metodologias ativas



Fonte: Verçoza (2020, p. 10).

A figura 3 destaca as vantagens do uso das metodologias ativas no ensino é a oferta do aprendizado envolvente que promova a autonomia, a capacidade de resolver problemas, a colaboração, a confiança, o protagonismo, a aquisição do senso crítico, a empatia, a responsabilidade e a participação.

A principal característica da metodologia ativa é o entendimento da relação intrínseca que existe entre educação, cultura, sociedade, política e escola. Ela costuma ser concretizada com a utilização "de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem". Entretanto, é preciso dizer que essa concepção de ensino surgiu antes mesmo da popularização da internet e das TIC. Já que o movimento escolanovista "defendia uma metodologia de ensino centrada na aprendizagem pela experiência e no desenvolvimento da autonomia do aprendiz" (BACICH e MORAN, 2018, p. 17).

As metodologias ativas são vistas como estratégias de ensino flexíveis, interligadas e híbridas que oferecem um processo de aprendizagem centrado na participação efetiva dos estudantes na construção do saber. Em um mundo conectado e digital, elas são constituídas por "modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações". Essa junção de "metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje" (BACICH e MORAN, 2018, p. 41).

Figura 4. Jogo Minion Adivinho



Fonte: Bacich e Moran (2018, p. 227).

A figura 4 mostra a tela de um jogo que foi elaborado por um estudante do 4º Ano do Ensino Fundamental acompanhado pela professora da turma. Esse recurso possui a mesma dinâmica do jogo de perguntas e respostas (quiz), servindo para fixar o conteúdo das aulas de forma divertida, engajada e interativa.

Uma das contribuições do uso das metodologias ativas para o ensino está na melhora do engajamento dos alunos e a possibilidade de que essas propostas sejam integradas ao currículo. Existe uma variedade de estratégias metodológicas que podem ser "utilizadas no planejamento das aulas é um recurso importante, por estimular a reflexão sobre outras questões essenciais" (BACICH e MORAN, 2018, p. 23).

Ao serem aplicadas de forma coerente, bem pensada e planejada nas práticas pedagógicas, as metodologias ativas podem contribuir para a formação do estudante de modo a fazê-lo desenvolver competências, habilidades e características que facilitarão seu ingresso no mundo do trabalho, na vida adulta. Dentre as qualidades que o aluno desenvolve é a capacidade de se adequar à novas situações, resolver problemas, trabalhar de forma colaborativa, manter o aprendizado contínuo e autônomo (VERÇOZA, 2020).

Elas surgem como estratégia de inovação pedagógica, sendo a combinação de diversas tecnologias digitais – inclusive as móveis – surge como um fator preponderante e poderoso de ampliação das possibilidades, tanto em espaços formais como os informais de ensino (BACICH e MORAN, 2018). Esses recursos permitem o contato do aluno com a "pesquisa, autoria, comunicação e compartilhamento em rede, publicação, multiplicação de espaços e tempos"; além de ajuda no monitoramento de "cada etapa do processo, tornam os resultados visíveis, os avanços e as dificuldades". Nesse ambiente, percebe-se que as "tecnologias digitais diluem, ampliam e redefinem a troca entre os espaços por meio de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria" (BACICH e MORAN, 2018, p. 53).

2.3 Ambiente Virtual, Produção Audiovisual e Mídias Sociais

Percebe-se que vários educadores, filósofos e sociólogos tiveram o interesse de olhar para as mudanças paradigmáticas que surgiriam durante a virada do século e que custava a se fazer presente em ambientes escolares, pois a mudança do modo de ensinar ocorreu a passos lentos. O cenário mudou em 2020, após a passagem de décadas desde o surgimento da internet. A chegada de da COVID-19 obrigou professores, que antes relutavam em utilizar a tecnologia

em sala de aula, a buscar esses recursos para ajudar a manter o interesse de crianças que durante esse período estavam do outro lado da telinha.

O estudo de Gomes e Costa (2020) abordou os desafios encontrados pelas escolas públicas diante o cenário de Pandemia. Sabe-se que o uso de tecnologias tornou-se necessário para mediar a participação dos alunos e continuar com a realização de estudos e atividades no modo de ensino remoto. Entretanto, eles identificaram que o engajamento dos alunos nas atividades nesse período se tornou um grande desafio imposto às escolas.

Perrenoud (2001, p. 9) entende que o cotidiano da sala de aula sempre foi cercado de "pressões, onde tudo é importante, 'imperdível', precisa ser feito e bem-feito no prazo definido e segundo os resultados esperados". O cenário pandêmico mostrou que a comunidade escolar vive hoje a perspectiva do cenário educacional que viria mais pra frente, em um futuro próximo.

O isolamento social adiantou o processo de digitalização do ensino e ampliou o uso das TIC. Entende-se que isso impulsionou a realização de mudanças no trabalho pedagógico, que há tempos ia na contramão do que costuma ser apontado por alguns filósofos e pensadores do século XXI: uma educação mais sistemática, mais dialógica. Até então, a escola ainda não tinha uma transformação progressiva, perspectiva ampliada e global conforme sugerem Edgar Morin e Anísio Teixeira. A figura 5 mostra o legado pedagógico do século XX e o compara ao cenário sócio técnico da cibercultura. Ambos apresentados em confluência histórica.

Figura 5. Educação e cibercultura em confluência histórica



Fonte: Silva (2021, p. 7).

A apreciação da imagem permite compreender que Paulo Freire, Vygotsky, Célestin Freinet, John Dewey e Anísio Teixeira seriam usuários de plataformas digitais (como o

WhatsApp e o YouTube) se tivessem essa oportunidade, iriam além na defesa do seu uso no ensino (SILVA, 2017). Essa análise mostra que a sociedade passa por mudanças no tripé da comunicação que a torna mais aproxima muito das teorias (seja interacionista ou construtivista) e das práticas defendidas por pensadores da educação. Entende-se que a prática deve ser democrática e colocar o aluno/usuário no centro do processo de aprendizagem e de forma colaborativa (SILVA, 2017).

O mundo mudou e o perfil de aprendizagem dos alunos que frequentam as salas de aula também. Deve-se evidenciar que a sociedade passa por momentos de desenvolvimento tecnológico, onde a cultura digital ampliou os espaços comunicativos e promoveu a integração, conexão e articulação entre os usuários. Isso colaborou para a "presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino" (KENSKI, 2012, p. 44).

O compartilhamento de dados e informações passou a ser possível no ambiente virtual, sendo acessado através de uma rede de computadores que se comunicam, estão interconectados. Esse local costuma ser chamado de ciberespaço e possui a mesma lógica de povoamento da sociedade, que no mundo real é ocupada e transformada com o desenvolvimento da cultura material. A ocupação do ambiente virtual ocorre da mesma forma que na vida real (FREITAG, 2016).

Define-se o ciberespaço como um ambiente aberto de comunicação que possibilita a realização de trocas simbólicas entre pessoas, promovida pela conexão mundial de redes de computadores. Essa definição abrange uma diversidade de "sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização" (LÉVY, 1999, p. 92 apud FREITAG, 2016, p. 20).

Sabe-se que a construção da comunidade educativa no ciberespaço depende da colaboração de todos, cada um pode contribuir à sua maneira para que o trabalho seja realizado através da internet, promovendo "a construção da comunidade educativa – com os professores participando em igualdade de condições com seus alunos – é a chave do sucesso de todo o processo" (CITELLI e COSTA, 2011, p. 14).

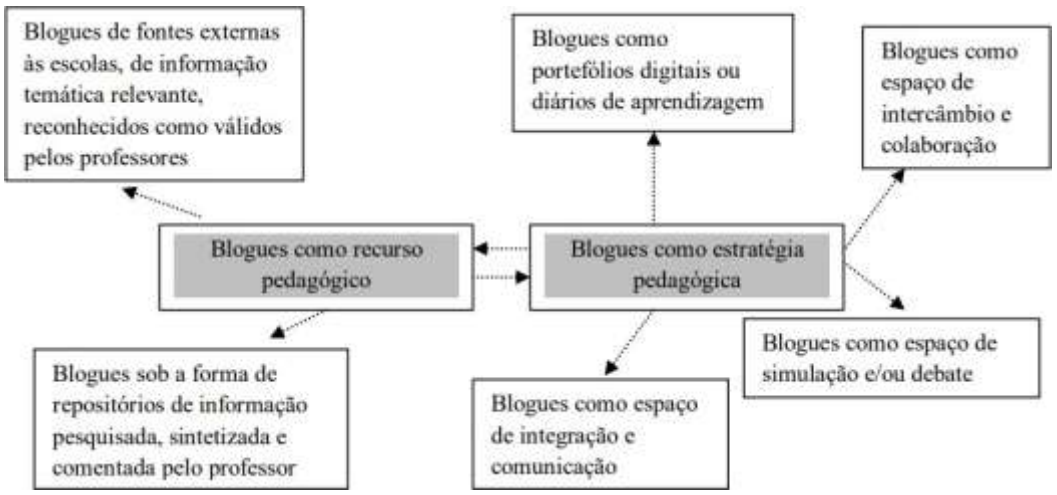
Essa perspectiva mostra uma nova possibilidade de aprendizagem, que se revela mais criativa, participativa e, sobretudo, não verticalizada. O ensino tradicional passou a ter suas atividades didático-pedagógicas adaptadas para o uso das tecnologias disponíveis em sala de aula. Isso colaborou para a presença de outros modos de aprendizagem ancorados em meios, linguagens e instrumentos de comunicação - como o rádio, blogs, jornais, documentários, plataformas, mídias digitais, etc. Esse cenário vem dando pistas que como fazer "com que o

aprendiz se torne protagonista no processo cognitivo, de modo significativo" (VERÇOZA, 2020, p. 7).

Observa-se que os blogs ainda são as ferramentas mais escolhidas pelos professores para aplicar as tecnologias digitais como recurso e estratégia de enriquecimento pedagógico. Eles costumam ser usados para fazer o compartilhamento de conteúdos, eventos e atividades de projetos pedagógicos aplicados com turmas de diversos ciclos escolares. Encontra-se nesses espaços virtuais diversos relatos de produções pedagógica e diversas atividades, desde a "alfabetização até vídeos sobre biologia e robótica, (...) partilhando suas ideias com aqueles que possam se interessar pelos materiais ali disponíveis" (CANABARRO e BASSO, 2013, p. 3).

Os aparatos tecnológicos estão cada vez mais inseridos no dia a dia dos alunos. Fato esse que leva os professores a repensarem o uso do blog como recurso e estratégia didática (figura 6), sendo necessário que seja feito de forma consciente e planejada.

Figura 6. Explorações educacionais dos blogues como recurso pedagógico e estratégia pedagógica.



Fonte: Silva (2012, p. 6).

Um estudo investigou qual foi a efetividade do blog para o processo de alfabetização. Os autores reconheceram que os contextos de interação promovidos pelos blogues podem promover um ambiente de ensino motivador, participativo, onde o aluno pode praticar a leitura e escrita por meio de atividades escolares realizadas no espaço digital (SILVA, 2012).

O avanço das tecnologias na sociedade moderna tem ressoado em diversas esferas da vida humana, mudando o modo e estilo de vida das pessoas. Isso resultou em mudanças na maneira do homem se comunicar, relacionar, trabalhar, comprar, estudar, etc. Essas alterações

significativas exigem que as pessoas adquiram “novas habilidades e competências” (MEDEIROS e PEREIRA, 2019, p. 3).

Destaca-se que a comunicação é o elemento-chave para entender o tema da educação aliada a tecnologia (Educomunicação). Por isso, deve-se reconhecer que a informação e o conhecimento são potencialidades para uma sociedade que tem o seu desenvolvimento pautado na inteligência, e, muito menos pela força física (CITELLI e COSTA, 2011, p. 123). A compreensão desse aspecto sugere que a educação deva ser um processo “comprometido com a formação integral do indivíduo deve dar conta de todas as dimensões do desenvolvimento humano e estabelecer-se como processo ao longo da vida” (PIRES e BORGES, 2017, p. 168-169).

A perspectiva oferece contornos que mostram a importância da informação e a comunicação para a sociedade. Sendo que esses elementos passaram a ser pontos cruciais nas “relações sociais e para construção do conhecimento”. Isso impulsionou a construção de “novos meios para favorecer o acesso às informações e diferentes possibilidades de comunicação e conversação” (MEDEIROS e PEREIRA, 2019, p. 1).

A ampliação do uso das novas tecnologias e de mídias sociais fez com que as pessoas passassem a conviver como um nova maneira de se comunicar, pautada na produção de imagens e conteúdo audiovisual. Essa ideia permite dizer que o uso dos computadores não somente uniu “todas as possibilidades históricas da produção e transmissão de imagens geradas computacionalmente, como também abriu janelas para mundos visuais interativos controlados pela máquina” (SANTAELLA apud FREITAG, 2016, p. 24).

A natureza desse tipo de comunicação vem ganhando relevância na sociedade pós-moderna e induz o enfrentamento de outra questão: a necessidade do professor adquirir habilidades para lidar com as tecnologias da informação e com o protagonismo que a visualidade e a virtualidade ganharam através da interação informação-usuário (CITELLI e COSTA, 2011). Entende-se que a expansão da cultura digital ressignificou o sentido do termo comunicação, impulsionado pela facilidade de acesso e a velocidade com que as informações são trocadas. Hoje,

> (...) Mensagens são enviadas e recebidas em velocidade praticamente instantânea, independente da distância entre remetente e destinatário. O acesso às mídias digitais proporcionou também novos métodos de se expressar, como as redes sociais, seja postando um texto, uma opinião, comentando ou compartilhando uma opinião alheia, publicando uma foto, vídeo, etc. (...) (SOUSA e LIMA, 2018, p.1-2).

Não existe a possibilidade de abordar a educação sem voltar o foco para as constantes mudanças ocorridas na vida pós-moderna. Ainda mais em relação ao uso da internet enquanto recurso pedagógico, o que mudou a concepção de ensino- aprendizagem diante da "(...) ascensão tecnológica que invadiu o mundo globalizado da atualidade" (MEDEIROS e PEREIRA, 2019, p. 3).

O fenômeno dos memes é um exemplo de produção audiovisual que ganhou força com o advento e o desenvolvimento da internet. Eles são compostos por imagens legendadas, vídeos curtos, cortes virais, gifs e expressões difundidas nas mídias sociais. Servindo de apoio na interação e comunicação entre as pessoas, principalmente entre os alunos por ter um apelo cômico, espirituoso, humorado e multimodal de expressar determinados pontos de vista. Por sua vez, a escola deve enxergar o uso dos meios de comunicação como oportunidade de ajudar:

> (...) a formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa (...), a imaginação, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 1999, p.128 apud JAWSNICKER, 2022, p. 2).

A linguagem da internet se mostrou uma ferramenta versátil e promissora para o ensino-aprendizagem, isso fez com que passasse a ser aproveitada também em sala de aula. Os memes estão presentes hoje em diversas atividades educativas, como provas, simulados e até mesmo na abordagem de conceitos das disciplinas escolares (Figura 7).

Figura 7. Exemplo de uso de memes em atividades escolares



Fonte: Meme da página 'História no Paint' sobe a Revolta da Vacina.

Eles possuem um caráter eminentemente interativo e passaram a circular em maior intensidade a partir da popularização das redes sociais. São baseados em ideias, imagens e situações que produzem sentidos para as pessoas que compartilham e recebem essas imagens. Essa "é uma nova forma de abordar questões e fazer críticas sociais" (SILVA; BOTELHO e FERREIRA, 2020, p. 307).

Além disso, a presença dos memes em sala de aula ajuda a "despertar o interesse do educando a diferentes tipos de leitura, aguçando sua criticidade, levando-o a inferir sentido a uma dada situação por meio da linguagem verbal e não verbal" (SOUSA e LIMA, 2018, p. 3).

A força comunicativa do audiovisual está muito presente na cultura digital, o que tornou a produção desse recurso em um aliada importante para os professores. Eles ajudam a atrair a atenção dos alunos, melhoram o engajamento das aulas fazendo-os se interessar pelo conteúdo da matéria. Entende-se que as produções audiovisuais disseminadas por diversas mídias e tecnologias são as características mais marcantes da sociedade pós-moderna, pois as interações são estabelecidas pelo uso de imagens digitais em todas as esferas da vida. Sugere-se que "(...) a junção da internet e das imagens digitais reflete a cultura contemporânea" (FREITAG, 2016, p. 19).

Os múltiplos meios de comunicação e linguagens da internet em conjunto com as convergências das mídias e áreas dos saberes de forma abrangente, indicam não ser mais possível pensar o consumo de imagens e a produção audiovisual sem traçar um paralelo com "o desenvolvimento da comunicação, das máquinas, das tecnologias digitais e da internet". Entende-se que a visualidade ajuda "a construção humana, social e cultural na sociedade e o indivíduo compreender a si próprio" (FREITAG, 2016, p. 9-10).

O protagonismo da internet na vida contemporânea criou uma demanda tecnológica voltada para a produção e o consumo de materiais audiovisuais. As mídias sociais e ohibridismo impulsionado pelas as práticas educomunicativas costumam oferecer momentos ricos de construção social, através de conexões complexas de saberes entre as pessoas postam, compartilham e vivenciam.

A rapidez com que as novas tecnologias foram desenvolvidas ocasionou uma revolução na comunicação, onde a evolução dos dispositivos tornou viável o envio de mensagens com imagens, textos e áudios durante a comunicação entre as pessoas. Além disso a internet possibilitou a comunicação nas mídias sociais por meio da web:

> (...) Isso graças às camadas de software, da linguagem de programação, que transformam os circuitos eletrônicos físicos do computador em uma interface

> amigável em que se corporificam diversas modalidades (verbal, sonora, visual etc.) (FUJISAWA, 2016, p. 14).

A comunicação aliada à educação surge como forma de ampliar os espaços de interação e de relações sociais, visando o trabalho dos aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do aluno, para que este mantenha a postura formativa e libertadora (JAWSNICKER, 2022). Nesse caminho, as práticas educomunicativas surgem como parte integrante de "(...) políticas mais abrangente que propõe uma transformação do mundo com a construção de novas relações sociais, em resistência a formas convencionais de pensar a comunicação e a educação (...)" (HOPPE e LIBRELOTTO, 2014, p. 7).

Os novos paradigmas educativos precisam ser confrontados - ou associados - com o mundo da informação. Esse aspecto exige do professor uma postura de comunicativa, que lhe impõe o desafio de decifrar o cenário vivido, contextualizar o ensino com a vida real. O professor passa a ser um comunicador deve entender o "(...) está ocorrendo e se preparar para assumir papel de protagonista no processo (...). E para muitos, a questão-chave não está nas tecnologias, mas no próprio modelo de comunicação adotado em sala de aula" (CITELLI e COSTA, 2011, p. 13).

2.4 O Professor Comunicador

O mundo digital e a vida contemporânea têm seus espaços ocupados por lives, videoconferências, palestras, canais digitais, etc. Entende-se que o surgimento das mídias digitais transformou o ambiente de aprendizagem a curto prazo, onde os conteúdos mediados em salas de aula se tornaram digitais, dinâmicos, interativos. Entende-se que o advento da internet e das redes sociais ampliaram as formas de comunicação, extinguindo as fronteiras da interação humana. Isso passou a significar a não existência de:

> (...) limites para buscar relacionamentos de qualquer natureza, sejam profissionais ou pessoais; hoje tudo é possível e ao alcance de um clique pode-se realizar o cadastro em uma das inúmeras redes sociais disponíveis na web. As várias ferramentas disponíveis atualmente mudaram o modo de comunicação. A amplitude de dados que são compartilhados diariamente na internet oferece um enorme acesso às informações e conhecimentos que são produzidos por e para todos que têm acesso a ela (CANABARRO e BASSO, 2013, p. 3).

Os recursos tecnológicos surgiram para facilitar a comunicação humana como os celulares, computadores, e-books, blogs, fóruns, plataformas e redes sociais, softwares, jogos,

e outros aplicativos. Eles passaram a oferecer novas maneiras do aluno acessar a informação e o conhecimento. A dinâmica desse contexto social conectado, interativo desafia a prática pedagógica e exige dos professores a habilidade de planejar "(...) situações didáticas de ensino-aprendizagem que desenvolvam novas habilidades nos alunos a partir dos recursos e ferramentas disponíveis" (MOURA e CARVALHO, 2019, p. 159).

O cenário tecnológico fez surgir a necessidade de um novo profissional do ensino: o professor comunicador. Esse profissional precisa ser capaz de passar as informações ao aluno de forma eficaz, prática, significativa e descomplicada. A visão freireana chama essa conexão da docência com a comunicação de Pedagogia Comunicacional, onde a proposta principal é a de inserir as mídias na escola, onde o uso desses recursos e as relações estabelecidas com eles "estimulam o diálogo entre a escola e as linguagens midiáticas". Esse diálogo, por sua vez, "possui o caráter 'problematizador' e desperta no aluno a leitura do mundo, fazendo da educação um ato de aproximação com a realidade" (JAWSNICKER, 2022, p. 2).

A docência ultrapassou os muros da escola, indo parar em diversas mídias e plataformas. O aluno passou a ter a rede social como uma aliada de sua aprendizagem, pois a um clique de distância ele pode acessar inúmeros links e conteúdo compartilhados para deixar o conteúdo da aula mais atrativo, interessante (PIRES e BORGES, 2017). Porém, é necessário salientar que o professor deve manter a vigilância e ser cauteloso para não propor um "ensino totalmente 'prazeroso', utópico no seu fazer, e que não exija muito do educando, não impondo a ele desafios" (PIRES e BORGES, 2017, p. 161).

Para além de uma visão reducionista do uso da Educomunicação, esses recursos devem ser vistos "apenas um meio, um suporte para que o educando alcance o seu objetivo com os alunos" (PIRES e BORGES, 2017, p. 161). Os professores precisam se adaptar às novas tecnologias para lograr êxito no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, proporcionando o contato com os temas que fazem parte da realidade desses indivíduos. O entendimento sobre os aspectos da Educomunicação serve de apoio e suporte para trilhar o caminho que pode ajudar nesse processo de mudança. Entende-se que esse campo colabora para que "os professores se desliguem dos livros didáticos e apostem em uma nova forma de transmitir conhecimento" (PIRES e BORGES, 2017, p. 159).

Entretanto, ainda prevalece entre os professores um clima de incerteza e insegurança sobre a melhor maneira de aplicar e utilizar os meios de comunicação em sala de aula. Entende-se que esses sentimentos podem ser associados a três fatores que se tornam um empecilho para a prática da Educomunicação:

> (...) Inicialmente, a escola ainda considera contraditória a relação entre os meios de comunicação e a sociedade. Por um lado, a mídia, de uma maneira geral, tem sido duramente criticada pelo sistema educacional, por servir como um canal para a sociedade de consumo alienante. Por outro, educadores reconhecem que os meios de comunicação – por seu apelo respondem, muito mais que a escola, à sensibilidade dos jovens (JAWSNICKER, 2022, p. 2-3).

É essencial que o docente se familiarize com os meios comunicacionais e que se aproprie de suas "potencialidades, controlando sua eficiência e seu uso, para então, criar novos saberes" (JAWSNICKER, 2022, p. 2). Sabe-se que a tecnologia abre janelas para o mundo e oferece possibilidades de ensino que não estariam disponíveis se não fosse o uso desses recursos. Por exemplo: as crianças podem fazer uma visitação ao zoológico de São Paulo ou o Museu do Louvre, em Paris, França. Por este motivo os professores que antes não se arriscavam na frente do computador hoje "se aventuram navegando, interagindo com amigos, familiares e colegas de profissão pelas mais redes, sites e blogs, desbravando o ciberespaço" (CANABARRO e BASSO, 2013, p. 3). São muitas as possibilidades para o professor que está conectado e o poder comunicativo das mídias sociais torna suas aulas mais atraentes:

> É considerável o número de professores que fizeram um perfil em redes sociais na internet, seja por modismo ou com objetivo de encontrar um novo canal de comunicação. O fato é que eles desejam inserirem-se no Facebook para socializar suas ideias e gostos, publicar suas experiências e opiniões para seus grupos de amigos, familiares, colegas de trabalho, enfim, para quem tenha interesses e objetivos em comum. [...] professores também estão buscando e aprendendo a usar esse recurso a seu favor e também a favor da sua aprendizagem (CANABARRO e BASSO, 2013, p. 2).

Os rápidos e grandes avanços tecnológicos marcaram a mudança de milênio, possibilitando o surgimento da dinâmica das redes sociais - Twitter, Facebook, Instagram, WhatsApp, etc. É possível notar que apesar de pouco exploradas em sala de aula, elas podem enriquecer o ensino e a aprendizagem do conteúdo pedagógico. As redes sociais são muito presentes na rotina das pessoas, principalmente dos alunos. O uso destes recursos em sala de aula ou a adaptação das atividades educacionais para esses ambientes permite que os professores aproveitem o potencial dos alunos:

> (...) em se comunicar e estabelecer relações na Internet estão propondo o seu uso com fins pedagógicos, e conseguindo provocar mudanças nas relações estabelecidas com os alunos. A partir da criação de comunidades específicas, por exemplo, como os fóruns e chats sobre temas específicos, mediados pelo professor, as informações e os conteúdos passam a ser construídos fora da escola. O compartilhamento de informações acontece de forma igualitária (MEDEIROS e PEREIRA, 2019, p. 2).

O aparecimento do serviço de streaming fez com que os vídeos de vloggers famosos passassem a ser compartimentados no YouTube, que é uma plataforma digital de publicação. Ela permite a criação de canais, com a produção ou compartilhamento de conteúdo gerado pelos próprios usuários. Esse conteúdo possui uma singular "semelhança com as práticas do entretenimento em geral, que é o de alcançar determinado público e o envolver dentre suas várias formas de exposição da realidade" (ALMEIDA, 2017, p. 4).

Na época da criação do YouTube, o usuário ainda não contava com esse tipo serviço, que foi criado para possibilitar a interação digital e a transmissão de arquivos multimídia via internet. O produtor de conteúdo - que passou a ser conhecido popularmente como youtubers - pode interagir com o público por meio da construção de "uma nova linguagem audiovisual, linguagem essa que sofre interferência direta da seleção feita por esse produtor e que é orientada por teorias da imagem ligadas ao cinema, televisão e vídeos online" (ALMEIDA, 2017, p. 51).

A especialização técnica dos youtubers fez com que muitos produtores de conteúdo se transformassem em celebridades 2.0, o que levou a atividade em profissão lucrativa. O ato de criar, compartilhar e receber curtidas colaborou para o surgimento de celebridades nas mídias sociais, que são as pessoas que ficam famosas por alcançarem um grande número de seguidores e/ou público. Essas pessoas são conhecidas como influenciadoras digitais ou produtoras de conteúdo na internet. Elas costumam preparar vídeos para um público independente, que acessa esses conteúdos, que por sua vez ajudam a ganhar *views*, audiência e novos inscritos nos canais do YouTube.

O YouTube permite que as pessoas subam ou publiquem produções, gerando uma infinidade de conteúdo. Para isso, não é preciso ser produtor de TV ou ter estúdio de gravação, basta ter uma ideia, um celular à mão e conexão com a internet. Esse é o motivo que tornou a plataforma tão popular entre os usuários e também foi o motivo que levou a escola optar pelo YouTube como plataforma de vitrine da UMEI Virtual, que seria a referência para as crianças no período da pandemia.

Sarmento (2020) ao abordar as infâncias em tempos de Pandemia, destaca que a sociedade se encontra em um momento que irá alterar a forma de pensar e experienciar a escola. Apesar do alerta para as urgências da prática vivida nesses tempos, ele acredita que a entrada súbita das novas tecnologias nas escolas públicas impulsionará a realização de reflexões para que isso ocorra de forma mais "eficaz'', pois nas escolas particulares elas já se impõem há algum tempo.

A tecnologia permite que as crianças explorem sonoridades, promovendo a estimulação auditiva, a descoberta, o reconhecimento de sons e ritmos. Através dos equipamentos utilizados

para gravação e reprodução de sons – que pode ser o próprio celular –, os alunos podem gravar e depois reconhecer os sons da natureza e do próprio corpo, por exemplo. Outra possibilidade do uso da tecnologia em sala, é permitir que a criança tenha contato com culturas de diferentes partes do mundo a partir da musicalidade e dos ritmos de cada região.

Contudo, é importante que o professor esteja atento para não transpor o conteúdo a ser trabalhado tão somente do livro impresso para o Tablet. Até mesmo, porque essa nem é a função da Educação Infantil e as particularidades desse segmento devem ser respeitadas, observadas. É preciso garantir que o uso da tecnologia seja significativo no ambiente educativo e um fator que faça a diferença no ensino das crianças. Para isso, os recursos precisam ser incorporados de forma planejada, pois "não basta usar a televisão ou o computador é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida" (KENSKI, 2012, p. 50).

2.5 Tecnologia Digital e Mediação Pedagógica na Educação Infantil

Os jogos e brincadeiras contribuem sobremaneira para o desenvolvimento integral de uma criança na Educação Infantil. Atualmente, muitos deles podem ser apoiados pela tecnologia, isso fez com que a utilização desses recursos ganhasse cada vez mais espaço nas escolas, mesmo que ainda de forma tímida. Por isso, enxerga-se como relevante a exposição dos alunos à tecnologia disponível desde cedo para manter essa conexão ao longo de sua formação. Sabe-se que qualquer disciplina, tópico ou conteúdo pode ser concretizado com o uso de recursos tecnológicos para preparar, construir e executar intenções pedagógicas.

É preciso recorrer as ideias de Piaget para compreender melhor este processo, pois sua teoria demonstra "que o processo de reconhecimento visual se inicia na infância, através da consciência tátil; em seguida, a passa ao plano icônico ou simbólico, que capacita os indivíduos a ver, reconhecer e entender" (PIAGET, 2001 apud DURAN, 2010, p. 15).

Então, se os educadores souberem associar as atividades lúdicas aos recursos tecnológicos, os momentos de aprendizagem em sala de aula se tornarão mais atraentes e estimularão o interesse dos alunos pelos conteúdos curriculares. Isso pode favorecer o aprendizado e o desenvolvimento das crianças, permitindo que o aprendiz tenha uma nova visão do aprender. Sugere-se que a formação dos professores deva ser considerada pela lente do "amplo quadro de complementação às tradicionais disciplinas pedagógicas e que inclui, entre outros, um razoável conhecimento de uso do computador, das redes e de demais suportes

midiáticos (...) em variadas e diferenciadas atividades de aprendizagem" (KENSKI, 2012, p. 106).

A tecnologia permite que o professor inove com as crianças e transforme a sala de aula em um ambiente que privilegie o prazer, a diversão, que a aprendizagem ocorra sem que o aluno tenha a noção de que está aprendendo, aperfeiçoando o que sabe. Dentro de sala de aula, é possível levar crianças de um ano de idade para a passear pelos mangues do Brasil no YouTube, conhecer os caranguejos vermelhos e guaiamuns azuis após dançar com eles a música *Caranguejo não é peixe*. É possível usar um aplicativo para transformar as professoras em avatares e criar vídeos curtos para trabalhar com as crianças. A prática com o conteúdo desejado ocorre com afetividade, empatia e identidade. Ocorre um grande avanço quando as crianças de um ano de idade reconhecem as vozes das professoras e relacionam ao avatar, permitindo o desenvolvimento da atenção e memória desse bebê.

É preciso inovar, se arriscar e conhecer novas perspectivas educativas, sem que o professor tenha medo do novo. É como disse uma participante da pesquisa: "(...) no início da pandemia me senti insegura para produzir e editar os vídeos, contei com a colaboração do meu marido nos dois primeiros vídeos que produzi". Ela afirma que não se limitou a contar com a ajuda de terceiros para a realização das atividades solicitadas pela escola no período da Pandemia. A professor sentiu vontade de se reinventar e pesquisou de forma efusiva como experimentar diversos aplicativos para a educação de vídeos, isso fez com que ela ficasse mais familiarizada com estes recursos.

Sem dúvida é preciso ter cuidado para não desvirtuar o trabalho docente da intencionalidade pedagógica, em que a organização da aula ocorre dando a devida atenção aos momentos optativos, conduzidos, de ação coletiva e atenção pessoal. O professor precisa saber o que espera da tecnologia e não pode se deixar levar pela facilidade de um vídeo no YouTube. A aplicação da tecnologia em sala de aula deve ter planejamento, organização e intenção. Não importa o ciclo educacional, se os alunos são da Educação Infantil ou Doutorado.

Mesmo que o foco seja somente a diversão, é preciso que o professor saiba utilizar os recursos adequadamente. Ele precisa ser capaz de identificar quais são "as melhores maneiras de usar as tecnologias para abordar um determinado tema ou projeto específico ou refletir sobre eles, de maneira a aliar as especificidades do 'suporte' pedagógico (...) ao objetivo maior da qualidade de aprendizagem dos alunos" (KENSKI, 2012, p. 106).

2.6 Bases Legais da Educação Infantil

A educação de crianças de zero a seis anos ocorre há várias décadas e de maneira institucionalizada. De acordo com as tendências pedagógicas de cada época, ela foi conhecida através de várias nomenclaturas: jardim de infância; creche; pré-primário. E todas diziam sobre como a escola e a pedagogia enxergavam as diversas formas de ser criança. Até chegar à concepção atual, majoritariamente pautada em "culturas das infâncias" (CORSARO, 2011).

Sabe-se que o cuidar, educar e brincar tem a mesma potência no currículo em uma fase que passou a ser denominada "Educação Infantil". Sendo reconhecida como a primeira parte da Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) ou Lei n.9.394/96. A Constituição de 1988 diz que a forma de atendimento na Educação Infantil ocorre através da creche (0-3 anos) e pré-escola (4-5 anos). Apesar da educação gratuita se tornar obrigatória por lei para o público de quatro a dezessete anos[11]. O mesmo cenário não foi visto em creches, que apesar de ser um direito gratuito em estabelecimentos oficiais, esse atendimento não é obrigatório.

Sabe-se que a Constituição de 1988 fortaleceu a Educação Infantil e permitiu que os direitos da criança fossem reconhecidos, mesmo com muita luta. O art. 205 (CF/88) pode ser traduzido pelo entendimento de que todo brasileiro em idade escolar, da creche à universidade deve ter seu lugar e acesso de permanência garantidos. Aqui, surge um dado importante: essa garantia é "dever do Estado e da família". O Estado deve prover o acesso, mas a família é chamada a obrigação de manter essa criança no espaço escolar. Pode parecer algo sem importância, mas essa é uma questão que se impõe. As crianças da creche e pré-escola necessitam de apoio de suas famílias, até mesmo para serem conduzidas até os espaços de aprendizagem, sejam eles físicos ou virtuais. Os adolescentes que frequentam o Ensino Médio necessitam da orientação dos tutores para que trilhe o caminho para atingir uma fase adulta plena.

Isso significa que a importância das famílias citada na própria Constituição é tão necessária quanto a do Estado na garantia de acesso e oferta de vagas. Em verdade, um não pode se abster em função do outro. E mais, toda a sociedade deve contribuir para a promoção e incentivo da permanência da criança na escola. O que leva a sociedade para um lugar de responsabilidade pela geração futura que está formando. A educação da criança não cabe somente a família, ao professor, ao Estado, todos os setores da sociedade precisam se unir para

[11] Art. 208 determina que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I–educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; IV–educação infantil, em creche e pré-escola,às crianças até 5 (cinco) anos de idade (BRASIL, 1988, p. 123-124).

garantir um ensino de qualidade, a permanência dos alunos na escola, que os direitos expostos no texto da Constituição sejam uma realidade na vida das crianças.

É sempre pertinente a consulta de documentos que balizam a prática de ensino para se manter na direção de um trabalho eficiente. A LDB 9.394/96 determina que é do Município a responsabilidade pela oferta da Educação Infantil e Ensino Fundamental. E a oferta de vaga na creche e pré-escola só pode acontecer, após o município garantir as vagas necessárias no ensino fundamental. A gestão municipal é responsável pela oferta da Educação Infantil, guardada a prioridade para o Ensino Fundamental. Mas foi um enorme passo em direção à ampliação de oferta em vários munícipios, como no caso de Niterói. O inciso V, do artigo 11 da LDB/96 cita que se deve:

> V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1996, p.5).

No período de incertezas vivido durante a pandemia foi preciso revisitar o texto do art. 205 da CF/88 onde a educação surge como um direito de todos e dever do Estado e da família. Ela deverá ser "promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988, p. 123).

2.6.1 Política Nacionais para Educação Infantil

Os preceitos do art. 205 do Plano Nacional de Educação (PNE) servem para ajustar o desenvolvimento da Educação. Esse ponto é previsto no art. 214 da Constituição Federal de 1988 e propõe a articulação do Sistema Nacional de Educação em regime de colaboração e a definição de diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades. Essa articulação deve ocorrer por meio de ações integradas dos Poderes Públicos das diferentes esferas federativas, que conduzam à:

> I – erradicação do analfabetismo; II – universalização do atendimento escolar; III – melhoria da qualidade do ensino; IV – formação para o trabalho; V – promoção humanística, científica e tecnológica do País; VI – estabelecimento de meta de

> aplicação de recursos públicos em educação, como proporção do produto interno bruto (BRASIL, 1988, p. 125-126).

O PNE foi sancionado pela Lei n° 13.005/2014 e tem metas ousadas estabelecidas para a última década 2014-2024. Em Niterói, busca-se atender esses objetivos do PNE desde o primeiro plano, principalmente no que tange à Educação Infantil. O documento oferece entre outras importantes previsões de metas, a universalização do atendimento escolar da população quatro e cinco anos até 2016 e a ampliação do atendimento a 50% da população de até três anos.

A oferta educação em tempo integral na metade das escolas públicas de Educação Básica se faz importante para o desenvolvimento do aluno. Em Niterói, as instituições públicas de Educação Infantil são as que obtém o maior número de atendimento do ensino integral. Apenas quatro escolas de Ensino Fundamental cumprem essa jornada de ensino.

Após a mudança na Constituição, o Conselho Tutelar assumiu um papel muito importante na sociedade: o de agente fiscalizador. Em alguns munícipios, como é o caso de Niterói, essa competência pode ser utilizada em maior escala. Já que as sucessivas gestões políticas ocorridas ao longo dos últimos anos no município se comprometeram com a tentativa de garantir o acesso inicial e depois a permanência da criança na escola.

O ano de 2022 foi o terceiro ano de pandemia, mas em Niterói, as escolas já tinham se organizado nos dois primeiros anos de Pandemia para atender os alunos. Durante o período de isolamento foi providenciado um portal educacional para a continuidade das aulas para o Ensino Fundamental, o que incentivou as UMEIs na busca de meios para manterem vivos os laços afetivos com as famílias e crianças. Existiu um esforço para que esse isolamento fosse minimizado e as escolas públicas e privadas contaram com o esforço do grupo de professores que atenderam a convocação e de suas residências viabilizaram o ensino durante a pandemia.

2.6.2 Política para a Educação Infantil no Município de Niterói

A Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Niterói está organizada para atender crianças de quatro meses a cinco anos e onze meses, sendo oferecida em regimes de horário integral e/ou parcial. Nas unidades conveniadas ao Programa Criança na Creche. As UMEIs possuem equipe gestora (EAP) composta pelas diretoras Geral e Adjunta, pedagoga e secretária. Além da equipe de docentes, de cozinheiras e serviços gerais (limpeza). A estrutura das unidades que possuem o Ensino Fundamental é basicamente a mesma, alterando apenas o quantitativo das equipes, que deve ser adequada ao número de alunos matriculados.

Sabe-se que o atendimento na Educação Infantil precisa ser voltado para a função social, educacional cultural. Logo, a criança precisa ser entendida como um ser que possui uma história, que pertencente a uma classe social e que estabelece relações socioculturais. O art. 8 do Referencial Curricular para a Rede Municipal de Ensino de Niterói sugere que os conteúdos da Educação Infantil não sejam compartimentalizados:

> Eles devem ser embasados em alguns conceitos que se constituem pressupostos de todo o trabalho com as crianças. Os eixos temáticos de estudo e pesquisa são atravessados pelos pressupostos transversais: brincar, cuidar/educar, relação espaço/tempo, múltiplas linguagens, letramento, coletividade e singularidade, autonomia, sensibilidade e afetividade, diversidade cultural e cidadania, que perpassam, conectam e complementam os eixos curriculares com o propósito de alinhavar as práticas cotidianas (NITERÓI, 2011, p. 3).

Essa percepção da criança como sujeito de direitos em Niterói começou efetivamente em 1994, quando a Secretaria de Educação e a FME absorveram e se responsabilizaram pedagogicamente pelas creches comunitárias que pertenciam à Secretaria de Assistência Social. Deixando de lado o assistencialismo e alcançando a EDUCAÇÂO integral. Essa foi uma fase importante para a ampliação de vagas e qualificação da oferta do ensino.

Observa-se que os gestores do município sempre estiveram comprometidos com as metas estabelecidas para a oferta de vagas. Esse fato não transforma a cidade em uma Suécia, mas também afasta dos problemas encontrados em Brasília. Existem relatos de que a expansão de vagas nas creches é insuficiente e gera uma grande demanda reprimida no Planalto Central.

A luta dos profissionais da Educação de Niterói pela qualidade do ensino e valorização da profissão sempre foi um ponto alto em sua história. Os pais compreendem quando os professores enviam avisos de paralisação. Talvez porque no fundo saibam que a luta é por eles também. O momento atual é mais um desses onde a categoria é chamada a exigir e reivindicar seus direitos e das crianças que frequentam os espaços escolares.

Sabe-se que os direitos das crianças na Educação Infantil foram conquistados ao longo do tempo, através de muitas lutas. Não se pode permitir que o ensino seja sucateado. Hoje a criança com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), não tem mais ajuda da professora de apoio porque ela precisa dividir seu tempo com todos os alunos da escola, independentemente do número de criança com NEE atendidas.

Há algum tempo não se contrata o professor de Laboratório de Informática, de Sala de Leitura em escolas de Ensino Fundamental, menos ainda nas de Educação infantil. Essa falta de profissionais é justificada pela na ideia de que as professoras que já estão em sala dão conta de mais esse trabalho. Não é certo porque elas já ficam sobrecarregadas por não terem o horário

reservado para o planejamento e acabam precisando de ajuda. Além disso, a categoria reivindica a contratação de professores articuladores, os últimos foram retirados sem qualquer aviso prévio da Sede.

O documento norteador das ações pedagógicas no município de Niterói é o referencial de 2011[12], que foi produzido por professoras e pedagogas da Rede, com a liderança da equipe gestora da FME. Esse texto estabeleceu a prática cotidiana das escolas e o trabalho dos profissionais da Rede.

A avaliação na Educação Infantil na Rede Municipal é processual e centralizada no sujeito, na criança. A intenção é o reconhecimento do desenvolvimento da criança a partir de seus próprios êxitos ou tropeços, de seu processo.

[12] Já temos um novo Referencial, mas até a escrita desse texto ela não havia sido publicado.

3 METODOLOGIA

3.1 Cenário de Pesquisa

O campo pesquisado é uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Niterói (UMEI), como a instituição pertence à Rede Municipal de Niterói faz parte de um Sistema e por ele é organizada. A instituição foi criada inicialmente em 1984 como creche e respondia à Secretaria de Bem-Estar Social. Somente em 1991 passou a ser chamada de Dr. Paulo César de Almeida Pimentel, tornando-se integrante da Rede Municipal de Ensino de Niterói, vinculada à Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia e à Fundação Municipal de Educação. Existe um papel social da Educação Infantil, representada pela intenção da escola de oferecer uma educação comprometida com as crianças e o estabelecimento de ações que as compreendam como seres sociais. Isso significa dizer que elas:

> (...) estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com sua própria inserção neste contexto. E, principalmente, são pessoas, enraizadas em um todo social que as envolve e que nelas imprime padrões de autoridade, linguagem, costumes" (KRAMER, 2022, p. 2).

A organização da escola é feita por idade, através dos Grupos de Referência da Educação Infantil (GREI). A Unidade tem capacidade para atender aproximadamente 200 alunos e recebe matrículas crianças nas faixas etárias de 1 ano e 11 messes (GREI 1) a 5 anos e 11 meses (GREI 5). Após essa idade, as crianças ingressam no 1º Ano do Ensino Fundamental.

A UMEI é gerida por uma equipe de EAP formada pela Diretora Geral, Diretora Adjunta, Pedagoga e Secretária. A equipe possui um perfil democrático, o que favorece a gestão participativa e contribui para o crescimento dos profissionais e das crianças. Existe ainda um Conselho Escola Comunidade (CEC) que auxilia a gestão, sendo formado por dois membros de cada segmento que compõem a Unidade, incluindo representantes da categoria de pais, professores, EAP, Cozinha e todos os eleitos por seus pares.

A escola funciona em horário integral e com a prática da bidocência (dois professores por turma). Segundo Ventura (2018) esse regime colaborativo de docência vem sendo vistos como uma oportunidade de romper paradigmas que valorizam o trabalho individual e solitário dos professores. Entende-se que a bidocência contribui não somente para a relação entre os profissionais, mas também para que os próprios espaços escolares sejam facilitadores de

experiências. Neles, os profissionais são capazes de trocar e produzir novos sentidos para o que vivenciam através do exercício da profissão.

A tríade da Educação Infantil que é o cuidar-educar-brincar passa a ser valorizada com a garantia da bidocência, que traz consigo o planejamento necessário para a ação pedagógica. Teixeira (2000) entende que essa perspectiva pode ser inserida na ideia de escola progressista, que visa acompanhar as constantes mudanças da sociedade, as necessidades do aluno e recorre à utilização de instrumentos científicos que são refeitos de forma recorrente.

O objetivo geral do PPP (Projeto Político Pedagógico)[13] da escola incentiva o desenvolvimento de uma educação que contribua para o desenvolvimento integral da criança e que considere seus aspectos físico, cultural, histórico, afetivo, cognitivo, social. As ações devem ser realizadas em parceria com as famílias e visam contribuir para a construção de uma sociedade mais humana e igualitária (PPP, 2019).

Sobre o trabalho pedagógico que se beneficie do uso das novas tecnologias, o documento estabelece que a escola deva privilegiar a aplicação de metodologias que contribuam para fomentar a reflexão, a crítica e o aprender a aprender com vistas a vincular à prática social (PPP, 2019). Esse aspecto estaria mais próximo das demandas atuais para o correto uso e a inserção das mídias e tecnologias em sala de aula.

3.2 A Pesquisa-Ação e a Pesquisa *ex-post-facto*

A presente pesquisa foi iniciada com a "ação" de uma equipe pedagógica frente a necessidade de manter o vínculo afetivo com as crianças da Educação Infantil diante a exigência de isolamento social durante a Pandemia. A proposta do estudo foi a busca de reflexão e avaliação desse processo, tornando-se o gerador de aprendizagens e mais ação reflexiva (THIOLLENT, 2011).

Observa-se que a formação continuada costuma acentuar a capacidade de reflexão crítica ao professor. A própria prática, uma vez problematizada, permite o conhecimento e a compreensão dos múltiplos aspectos que precisam ser mudados ou melhorados. Essa continuidade na formação dos professores torna-se um ponto essencial para constituir a "(...) reflexão crítica sobre a prática, pois é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 1996, p. 39). A figura 8 mostra que a proposta

[13] Documento produzido pelos profissionais da UMEI com escuta da comunidade, o que propõe a indicação do caminho que a Educação praticada na Instituição deve seguir o Referencial do Município.

e o formato da pesquisa foram assentados na ação- aprendizagem, ação-reflexão e avaliação. O que permite a execução de capacitação e a melhora da prática docente, sendo a adaptação do trabalho pedagógico voltado para as demandas da sociedade.

Figura 8. Proposta de formato para pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2020).

O objetivo da presente pesquisa parte do pressuposto do caráter eminentemente social do homem e sua convivência no âmbito escolar, devendo-se considerar que o objeto advém de uma pesquisa social é "essencialmente qualitativa" (MINAYO, 2001, p.15).

Esse tipo de pesquisa "ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes" (GODOY, 1995, p. 21. Isso significa que o pesquisador se permite sair em campo para compreender "o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno" (GODOY, 1995,p. 21).

A mesma foi desenvolvida com a base metodológica de pesquisa-ação, que costuma ser distinta e qualitativa. O cotidiano escolar pressupõe um professor reflexivo (SCHÖN, 1992), não poderia deixar de priorizar a técnica da pesquisa-ação por se relacionar intrinsicamente ao próprio exercício profissional da educação: o mote ação-reflexão-ação é fio condutor do trabalho das professoras objeto desse estudo e não seria diferente em relação à própria pesquisa.

O estudo bibliográfico será consubstanciado por autores, teses e artigos que versam sobre o tema proposto: o uso das tecnologias digitais para promover engajamento das crianças e famílias em períodos de isolamento social e a manutenção dos vínculos afetivos.

A proposta almejou alcançar o aperfeiçoamento do trabalho desenvolvido na UMEI, de forma colaborativa e junto com a equipe de profissionais ao longo dos anos de 2020 e 2021. As ações realizadas pelo grupo de professoras e profissionais juntamente com a EAP e a pesquisadora. Essa última também faz parte do grupo de professoras e buscou com a pesquisa trazer os resultados que apontam a direção que se deve caminhar e as práticas que ajudam a ascender.

A escolha da pesquisa-ação para a área da educação possui um componente motivacional que fica evidenciado na afirmativa de Thiollent (2011, p.75): nesse tipo de pesquisa "existe uma capacidade de aprendizagem associada ao processo de investigação". O desenvolvimento da investigação pode proporcionar momentos de aprendizagem ao participante e ao pesquisador. Observa-se que:

> o papel dos especialistas que intervêm consiste em facilitar a aprendizagem dos participantes de diferentes maneiras: pela restituição de informação, pelos modos de discussão que conseguem promover, pelas modalidades de formação propostas e pelas negociações que estabelecem para evitar que certas partes implicadas na situação não sejam eliminadas da discussão (ORTSMAN, 1978, p. 233 apud THIOLLENT, 2011, p76).

Existem de três tipos de pesquisa-ação: a técnica, a prática e a emancipatória (TRIPP, 2005). A que chama a atenção desse estudo é a emancipatória: onde os professores, após avaliarem sua ação, atuam coletivamente assumindo a responsabilidade pelo fazer e sua própria prática, repensando-a. Através dela os professores podem atuar colaborativamente e por isso enxerga-se nesse tipo de pesquisa a possibilidade de criar aprendizagens coletivas e a promoção de mudanças sociais (FRANCESCONI e ARAUJO, 2020).

A pesquisa-ação possui um procedimento básico que consiste em deixar na mão dos participantes o processo de identificação dos problemas e a escolha de soluções cabíveis ao cenário observado. Essas "possíveis soluções e decorrentes ações são encontradas pelas pessoas e grupos envolvidos no processo de pesquisa-ação e elas são formuladas de acordo com as expressões de sua própria cultura" (GIBERTONI, 2007, p. 60).

A razão maior para o uso desta metodologia foi a aprendizagem que ela pode proporcionar aos participantes no processo e com isso, os resultados finais da dissertação podem ser favorecidos. Em 2022, a pesquisa ainda estava sendo desenvolvida, tendo seu marco temporal marcado pelos dois primeiros anos de Pandemia. Os dados foram coletados e

analisados durante esse período, ocorrendo a mudança significativa na perspectiva da pesquisa: a UMEI retornou ao modo de ensino presencial, assim as outras instituições. As atividades escolares foram retornadas e retornaram ao mesmo *modus operandi* escolar existente antes da COVID-19 chegar.

A pesquisadora passou a analisar o comportamento do mesmo grupo de professoras através de perspectiva diversa. O fato pesquisado já havia acontecido e o grupo escolar estavam em processo de retorno à "normalidade". Isso fez surgir um problema de pesquisa diverso dos elencados na introdução: como a comunidade escolar, em especial, seus profissionais incorporariam as mudanças exigidas pela pandemia ao novo normal?

A partir desse momento a metodologia passou a exigir uma nova abordagem e um outro olhar para um fato ocorrido. A pesquisa ganhou um viés até certo ponto inesperado, o que exigiu a análise e a pesquisa de como as alterações metodológicas exigidas no trabalho docente durante cenário de isolamento social representou mudanças na prática cotidiana dessas pessoas.

Durante essa fase foi necessário recorrer a pesquisa *ex-post-facto*, que nas palavras de Gil (2002, p. 49), a expressão possui "a tradução literal de 'a partir do fato passado'. Isso significa que neste tipo de pesquisa o estudo foi realizado após a ocorrência de variações da variável dependente no curso natural dos acontecimentos".

Entende-se que o *ex-post-facto* busca a realização de análise de fatos ocorridos e as suas observações decorrem dos resultados observados nas experiências não manipuláveis. Nesta dimensão de estudo, a pesquisadora encontra-se em uma posição de reflexão sobre os dados apresentados pelas equipes após a volta à "normalidade" nas atividades da Educação Infantil, objetivando compreender suas evidências.

3.2.1 Dimensões da Pesquisa-Ação

A pesquisa surgiu a partir da necessidade da UMEI criar uma forma de estabelecer e manter o contato com as crianças e famílias no início da Pandemia. Ainda sem um rumo a ser tomado pela Rede Municipal, a Gestão da escola cenário de estudo propôs a criação de um Canal no YouTube durante a reunião pedagógica com a equipe de profissionais. A proposta era manter o vínculo com as famílias dos alunos.

Imediatamente o grupo aceitou, apesar de encontrar resistência de alguns professores que alegavam não "saber-fazer" e que pode ser comprovado ao longo do trabalho. A autora da dissertação ficou com a função de administrar o canal para a atualização dos vídeos produzidos pelas duplas de professoras e das equipes da escola (cozinha, serviços gerais e direção).

As questões técnicas iam surgindo ao longo do processo e os vídeos que chegavam com a necessidade de passar por pós edição pela administradora antes de subir os vídeos para o canal. Surgiu então, a presente proposta que foi encaminhada para a EAP e visava a ministração de oficina de audiovisual para as professoras, apresentando as técnicas básicas para que os vídeos produzidos por elas fossem autorais.

A repercussão da capacitação foi excelente, apresentada por meio de slides e de vídeos do próprio YouTube. A adesão foi boa e as dúvidas levantadas pelas equipes eram registradas em um formulário preparatório para a oficina. Ocorrendo a necessidade de estender a atividade para a reunião seguinte e dar continuidade à Oficina. Após isso, a administradora do canal não precisava mais editar os vídeos que chegavam. Bastava colocar a abertura, os créditos e fazer o *upload* do arquivo para a plataforma.

3.3 Etapas da Pesquisa

A pesquisa usou a observação das reuniões pedagógicas da UMEI como método. Elas ocorriam semanalmente com todas as profissionais e durante a atividades podia-se discutir os rumos e entraves que o cotidiano escolar apresentava naquele momento. Tais observações subsidiaram especialmente a Produção do Canal da UMEI, além de permitir a realização de registros cotidianos das aulas.

Foram utilizadas as plataformas de pesquisa para apoio, como o SciElo (*Scientific Electronic Library Online*), o Google Acadêmico e sites especializados e/ou que tratam sobre o tema. Além da consulta a bibliografia referente ao tema no Kindle. Os trabalhos serão listados na bibliografia. Os descritores utilizados de forma combinada nos sites Google Acadêmico e SciElo foram “Educação Infantil”, “Tecnologia”, “Afetividade”, “YouTube” e “Redes Sociais”.

O levantamento colaborou para a composição deste texto. No início, os primeiros arquivos encontrados que uniam as experiências pedagógicas com o YouTube foram publicados em Portugal. O caminhar da pesquisa permitiu a seleção de textos que auxiliaram na elaboração de formulários desenvolvidos no Google Forms, fontes essenciais de levantamento de dados para o desenvolvimento da pesquisa. Foram aplicados cinco formulários no total (Tabela 1).

Tabela 1. Especificação dos Formulários enviados em grupos de WhatsApp

ITEM	TÍTULO	PÚBLICO	OBJETIVO	PERÍODO
Formulário 1	Educadoras da educação infantil de Niterói - um olhar sobre o remoto	Profissionais da Educação Pública e Privada, das Redes Particular, Municipal, Estadual e Federal	Servir de apoio para o estudo exploratório da pesquisa	Outubro de 2020
Formulário 2	UMEI Paulo César de Almeida Pimentel- GREI 1	Responsáveis das crianças do GREI 1	Realizar um estudo preliminar para conhecer como as famílias se conectavam.	27 e 28 de Novembro de 2020
Formulário 3	Educadoras da UMEI Paulo César de Almeida Pimentel	Profissionais que trabalham com os GREI 1 e 2	Saber como o profissionais estavam se relacionando com o canal e com as crianças. As informações serviram para a pesquisa exploratória.	Agosto de 2021
Formulário 4	Oficina de produção, edição e armazenamento de vídeos - pesquisa prévia	Profissionais da UMEI	Servir de base para a realização da Sequência Didática (SD)	Março de 2021
Formulário 5	Oficina de produção, edição e armazenamento de vídeos	Participantes das Oficinas	Apoiar a avaliação da SD	Abril de 2021

Fonte: elaborado pela autora.

O três primeiros buscavam conhecer a amostra do pais/responsáveis de dois GREI, que é a forma de agrupamento das crianças na Educação Infantil de Niterói, e dos profissionais da Unidade pesquisada. Ambas as pesquisas serviram para nortear o trabalho desenvolvido com o Canal, a forma de contato com as crianças e apontaram elementos importantes no formulário que seria aplicado posteriormente para a pesquisa exploratória. Esse teve o universo de pesquisa maior, com a participação de profissionais da Educação. Foram realizados mais dois formulários referentes à Oficina de produção de Vídeo para nortear esta pesquisa.

3.3.1 Planejamento e Ações

A pesquisa ocorreu por meio da ferramenta *Google Forms*, com perguntas estruturadas e abertas que tinham por finalidade conhecer o público-alvo e suas interações com as mídias e tecnologias. Esse aplicativo foi desenvolvido pelo Google e pode criar formulários, por meio de uma planilha no Google Drive, integrada, com diversos acessos no mesmo link.

Outra vantagem do formulário Google é a rapidez do *feedback*, os resultados de pesquisa são expostos em forma de gráficos e planilhas, fornecendo informações quantitativas pragmáticas e organizadas, o que possibilita a leitura mais apurada das questões e facilita a análise de dados. Torna-se "interessante observar que com tal formato on-line os antigos formulários impressos serão substituídos" (MOTA, 2019, p. 373). O estudo exploratório feito por meio do Google Forms e foi distribuído via link no WhatsApp, isso permitiu a compreensão de quais são os canais e as tecnologias mais acessíveis aos profissionais da escola.

O primeiro instrumento da pesquisa (Formulário 1) foi aplicado em agosto de 2021 e composto por dezessete perguntas fechadas e quatro abertas. As 56 respostas foram apresentadas em formação de escala Likert, em que os professores de outras escolas classificaram as afirmativas através do grau de concordância. As primeiras observações permitiram o entendimento das intervenções necessárias para a formação dos professores.

O segundo (Formulário 2) foi distribuído para os responsáveis do GREI 1 da UMEI Paulo César de Almeida Pimentel, o levantamento com oito questões ocorreu em outubro de 2020 e ofereceu a perspectiva de como as crianças matriculadas na escola acessavam os conteúdos que disponibilizados. O terceiro (Formulário 3) aplicado apenas para os professores dos GREI 1 e 2, sendo o universo de pesquisa formado por quatro professoras regentes e uma professora especializada. Ele serviu especialmente para entender como elas se relacionavam com o Canal do YouTube da escola e como o uso da tecnologia digital foi aproximado das práticas na Educação Infantil.

Foram aplicados mais dois instrumentos referentes à Oficina de produção de Vídeo, o primeiro (Formulário 4) buscava o conhecimento prévio das profissionais acerca do tema e quais suportes usavam para melhor desenvolvimento da mesma e o outro (Formulário 5) serviu para a avaliação do curso.

3.3.4 Avaliação

A avaliação foi feita através do uso de instrumentos, como o relatório de acesso do gerado no YouTube e quatro formulários que serviram para caracterizar o problema, como os responsáveis das crianças e profissionais da unidade de ensino pesquisada enxergavam o Canal e acessavam o conteúdo disponível. Um último para avaliar a SD aplicada em forma de Oficina, Além do retorno dado pelas professoras durante as reuniões pedagógicas.

A avaliação é processual e cotidiana na Educação Infantil. É por meio dela que se pode atingir os objetivos propostos pelo trabalho colaborativo. Esse processo é o que retroalimenta

o saber-fazer educativo e a sua função nesta pesquisa se mostra justamente pela intenção de refletir sobre a e na ação, mudando a prática. As análises serão apresentadas em Resultados e Discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A organização e análise dos dados dos quatro formulários foram classificadas em categorias e separadas posteriormente ao envio. O primeiro formulário serviu para fazer um levantamento inicial sobre o público-alvo, revelando suas características, práticas, como eles enxergavam a afetividade na Educação Infantil e se sentiam diante da perspectiva de mudanças no cenário educativo, e por tabela da profissão.

Em relação a quem são os 56 respondentes e a fim de caracterizá-los, foram realizadas cinco perguntas. A totalidade dos respondentes aceitou participar da pesquisa e marcaram a opção SIM do formulário. Dos quais 66,1% declararam seus e-mails em contraste com 33,9% que não o fizeram. Apesar do formulário ter sido distribuído indiscriminadamente entre os profissionais da Educação, sem a delimitação de uma Rede específica, os profissionais da Rede Municipal foram os que mais se interessaram em responder as perguntas, obtendo o total de 91,1% respondentes.

Em relação ao tempo de trabalho, 37,5% tinha mais de dez anos e 42,9% mais de vinte anos. O que significa que 80,4% dos respondentes possuem mais de dez anos de experiência na educação e foram formados por um currículo que não considerava o uso das novas tecnologias em sala de aula. Em relação a função que os participantes exerciam nas escolas: 73,2% atuavam como Professor; 25% eram Especialistas de Articulação Pedagógica; 1,8% trabalhavam na área de Serviços Gerais (limpeza). Apesar da ampla divulgação do estudo em grupos que a equipe de merenda/cozinha fazia parte, não obtivemos respostas de pessoas que trabalhavam nesses setores.

4.1 A Tecnologia na Educação Infantil e as mudanças impostas pela Pandemia

Quando foi perguntado aos participantes se utilizavam recursos tecnológicos na prática da educação da Educação Infantil, 55,4% dos respondentes concordaram totalmente; 35,7% concordaram parcialmente; 5,4% discordaram totalmente e um total de 3,6% concordaram parcialmente ou nem concordaram, nem discordaram. Em relação à especificação das tecnologias utilizadas, as mais citadas por 82,1% das professoras foram o DVD e a TV. Seguindo de CD (66,1), computador (64,3%) e celular (69,6%). Essa perspectiva pode oferecer uma pista do potencial autoral das tecnologias já disponíveis para a escola, como o próprio celular que é um recurso ainda pouco explorado.

Sobre terem recursos para trabalhar à distância no início da pandemia, as opiniões mostraram-se divididas: 39,2 % ficaram entre o concordo totalmente e parcialmente; e 42,8 % entre discordo totalmente e parcialmente e 9% de indecisão. Sabe-se que as formas de contato remoto entre escolas da Educação Infantil com as crianças e famílias no período da Pandemia foram feitas através dos recursos à disposição. Tentou-se afetar às famílias e as crianças por meio de redes sociais, por intermédio de plataformas próprias para conferência ou mesmo com a entrega de materiais para as crianças nas Unidades.

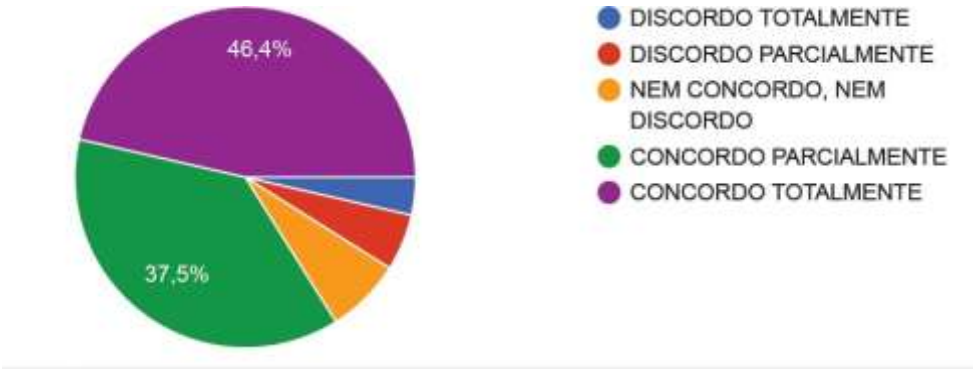
Observa-se que os serviços de conteúdo que mais afetaram às crianças foi a interação pelo WhatsApp, pois 59% dos que responderam afirmaram que esse recurso era mais eficiente do que as demais formas de contato. Sabe-se que esse canal foi eleito para contato primário e foi utilizado para a comunicação da Gestão à docência nas Escolas.

A popularização dos smartphones e a disponibilidade de pacotes gratuitos pelas operadoras colocou o WhatsApp no topo da lista de preferência das pessoas, o que tornou o contato mais acessível entre as pessoas. Parece que essa é a explicação para este meio ter sido o escolhido para comunicação entre escola, família, gestão escolar e funcionários com a criação de grupos distintos para cada segmento. Pode-se perceber por essa questão o impacto que os celulares têm na vida das pessoas, sendo o suporte tecnológico mais utilizado por 93% dos professores. As repostas atestam o uso do celular como apoio para as atividades remotas. Um indicador da inserção desta tecnologia atualmente, que pode inclusive, justificar o fato de a grande maioria dos professores acreditar que o WhatsApp foi o canal que mais afetou as crianças.

Após o início da Pandemia de COVID-19 em 2020, a previsão de mudanças na prática docente em relação ao uso das novas tecnologias na Educação Infantil é evidente. Uma parte (46,4%) concorda totalmente com essa afirmativa e aproximadamente a outra parte concorda parcialmente (37,5%). Nota-se que a grande maioria (83,9%) dos professores aposta na mudança. O que nos faz pensar na parcela do grupo de professores que não acredita que a Educação Infantil incorporará mudanças do mundo pós pandemia, 3,6% discordam totalmente e 5,4% discordam parcialmente.

É importante saber o motivo que torna possível esse profissional se manter avesso a mudança da prática pedagógica, que quase se impõe pelo tamanho de sua força. A forma como essa tendência se configurará poderá ser brevemente comprovada nos próximos anos letivos. Será que estarão corretos os 83,9% que supõe a mudança ou os 9% que não acreditam na mudança?

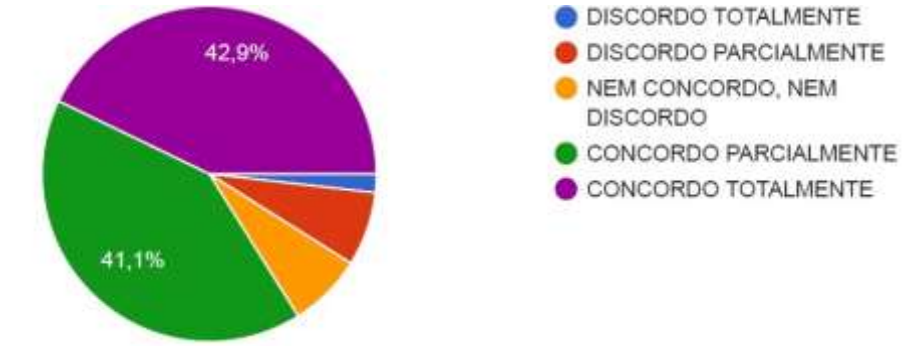
Gráfico 1. Mudanças previstas na prática docente para o uso das tecnologias na Educação Infantil



Fonte: aplicação de questionário.

O uso das redes sociais como grupos de WhatsApp, Facebook e YouTube pode facilitar o engajamento com as famílias das crianças. Nesse item, mais uma vez o grupo pesquisado mostra que acredita no potencial das tecnologias, pois o percentual de 84% considera que a interação por intermédio das Redes Sociais facilite o engajamento com as famílias crianças. Apenas 1,8% discordou totalmente.

Gráfico 2. Uso das redes sociais e o engajamento das famílias das crianças



Fonte: aplicação de questionário.

Quanto convocados a apontar a maior dificuldade que encontraram para o engajamento das crianças em atividades remotas no ano de 2020, os professores responderam a partir de suas experiências que a dependência dos familiares ficou em terceiro lugar com 44,6%; antecedido pela falta de equipamentos com 75% e a maior dificuldade atestada pelos participantes foi a falta de internet para a realização dos encontros com 76,8%.

A questão aberta sobre como se sentem em relação a necessidade de reinvenção da prática pedagógica, muitos tem consciência de que precisam aprender a produzir vídeos aula, gerenciar grupos de WhatsApp e conduzir encontros remotos. Os profissionais se mostraram desafiados. As respostas foram equilibradas entre o número de pessoas que se sentem os desmotivadas-desvalorizadas e as "desafiadas a aprender" por conta do cenário educativo que o momento de crise pandêmica revelou.

Essa perspectiva recai na fala de uma professora sobre a reinvenção da prática ser uma constante na rotina docente: "(...) sempre é um desafio que faz parte do cotidiano escolar para alcançar os objetivos e boa dinâmica do processo de aprendizagem. O uso da tecnologia foi a metodologia apropriada para a manutenção do elo entre a comunidade escolar". A concepção oferece a dimensão do professor criativo e disposto a buscar saberes que transformem sua prática pedagógica e refletem em grande parte nas demais respostas.

Assim como a fala de outra professora que usou o formulário para fazer um desabafo sobre esses profissionais serem "praticamente obrigados da noite para o dia a postar vídeos com a nossa imagem em redes sociais, não tivemos opção e nem ajuda com aparelhos, internet ou mesmo como usar essas tecnologias". Ela não está errada, foi no susto que os professores tiveram que adaptar sua prática pedagógica com a pouca habilidade que tinham com as redes sociais: WhatsApp, Facebook, YouTube, Instagram.

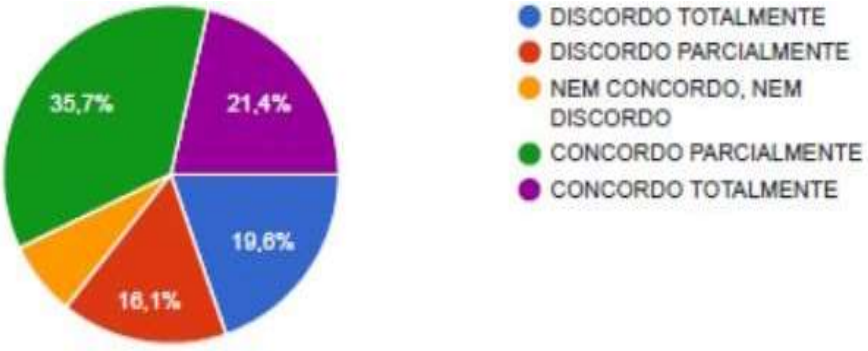
As mídias que antes eram acessadas por elas socialmente, tiveram que ser incorporadas como ferramentas de trabalho. As vezes era necessário usar funcionalidades que elas nem conheciam. Assim como as famílias, que a princípio não tinham suporte. Entende-se que a falta de prática foi um dos maiores desafios para o corpo docente, visto que os cursos de licenciatura não prepararam os professores para esse tipo de abordagem pedagógica:

> "(...) há uma nova epistemologia que se estabelece nas "aprendências" e "ensinagens" por meios remotos e isso ainda não está devidamente refletido e estudado; os professores tinham ainda que cuidar, sobretudo as professoras (dada a divisão social do trabalho doméstico, ainda fortemente machista), da dinâmica de suas residências (transformadas em salas de aula) e de seus filhos, que também estavam em casa cumprindo quarentena e estudando remotamente; as escolas públicas, de modo geral, e muitas escolas particulares ainda são verdadeiras "carroças" em matéria de modernização tecnológica, ou seja, não há na cultura escolar uma presença expressiva de equipamentos, ambientes e práticas pedagógicas mediadas pela tecnologia" (Professor W.).

O depoimento do professor acima leva a percepção de que esse cenário não foi restrito somente à escola pública, as particulares também encontraram empecilhos para a aplicação da tecnologia em ambiente escolar. Além, do inegável fato de que a maioria das profissionais são

mulheres, muitas com filhos. De forma súbita, elas tiveram que transformar as próprias casas em salas de aula virtuais ou em estúdios de gravação de vídeo aula. Talvez isso explique o fato de 35,7% dos professores concordarem parcialmente sobre se sentirem preparados para trabalhar com as novas tecnologias na Educação Infantil no início das atividades remotas.

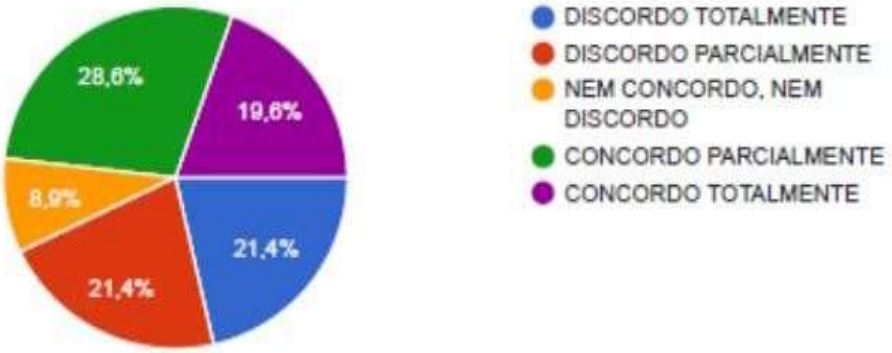
Gráfico 3. Estavam preparados para o início das atividades remotas com as novas tecnologias na Educação Infantil



Fonte: aplicação de questionário.

A disposição de recursos para trabalhar de forma remota no início da Pandemia com turmas de Educação Infantil se mostrou equilibrada. Enquanto 48,4% concordaram com a afirmativa, 42,8% discordaram e 8,9% não possuíam uma opinião formada sobre esse aspecto.

Gráfico 4. Disposição de recursos para trabalhar de forma remota no início da pandemia



Fonte: aplicação de questionário.

As escolas de Educação Infantil buscaram encontrar formas remotas de manter o contato com suas crianças e famílias. Os canais mais utilizados durante a Pandemia para manter o vínculo e que tiveram maior adesão, foram: WhatsApp (96,8%); Plataformas Zoom, Meet e Teams (75%); YouTube (64,3%); Facebook (61,9%). Para os participantes os serviços de

conteúdo que mais afetavam as crianças eram as interações via WhatsApp (58,9%), encontros remotos em plataformas digitais (25%) e o acesso aos vídeos no YouTube (7,1%).

Essas informações mostram que apesar do YouTube ter sido a terceira ferramenta mais usada nas escolas para manter o vínculo com as crianças e a continuidade do ano letivo durante o período de isolamento, os professores não enxergavam esse canal de comunicação como uma forma eficiente de afetar os alunos. Sem levar em conta a importância dos recursos audiovisuais nessa fase de aprendizagem.

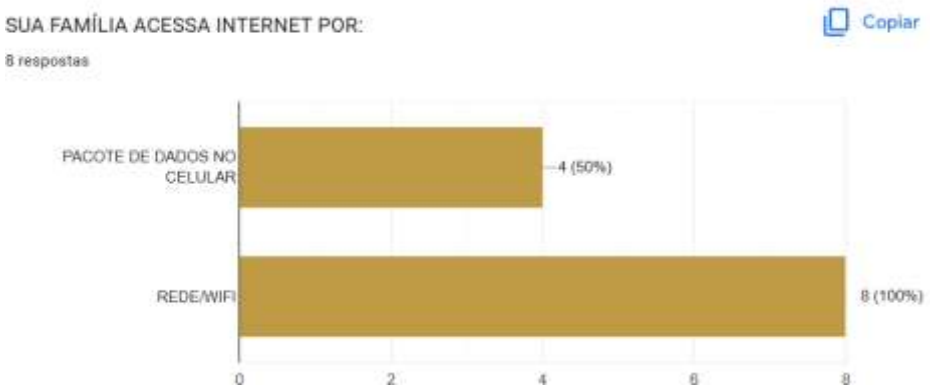
4.2 Acesso aos vídeos do Canal pelos Pais do GREI 1

Este é o resultado da amostragem realizada com responsáveis do GREI, que tinha a pesquisadora como regente e serviu para orientar, tanto o cotidiano da turma no período de Pandemia como o interesse específico da pesquisa. A análise serviu para ter um olhar mais atenciosos para as mídias que facilitassem a divulgação do Canal, feita no segundo semestre de 2020 e com os novos alunos do GREI, no início de 2021.

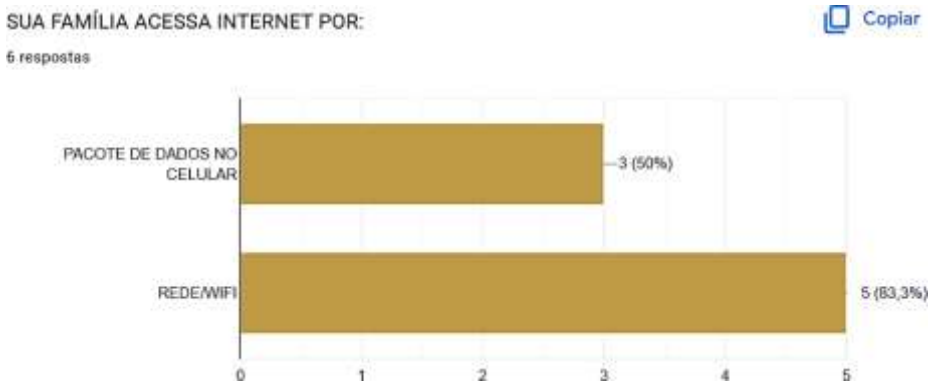
Os dados de um ano para o outro sofreram pouca ou nenhuma alteração. Em 2020, o GREI 1 tinha doze alunos no diário, oito responderam e participaram do grupo de WhatsApp. Em 2021, o grupo contava com treze alunos no diário e apenas seis responderam às perguntas. O gráfico abaixo mostra as formas de acesso à internet utilizadas pelas famílias dos alunos nos anos de 2020 e 2021.

Gráfico 5. Formas de acesso à internet das famílias

2020



2021

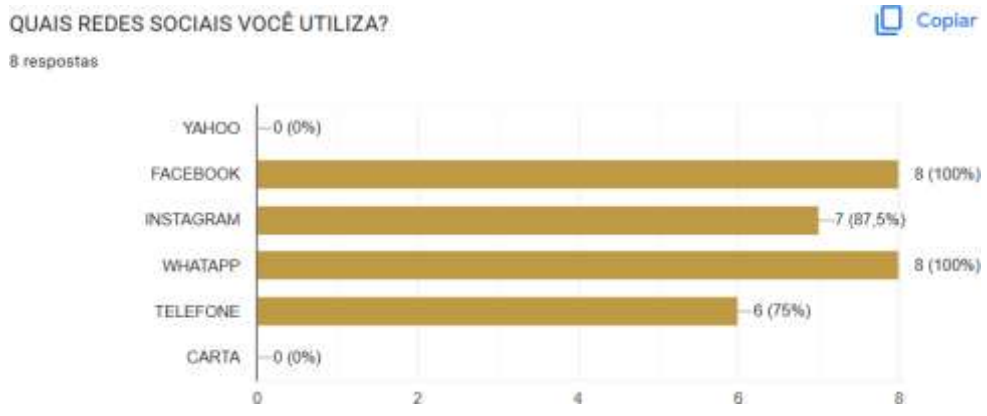


Fonte: aplicação de questionário.

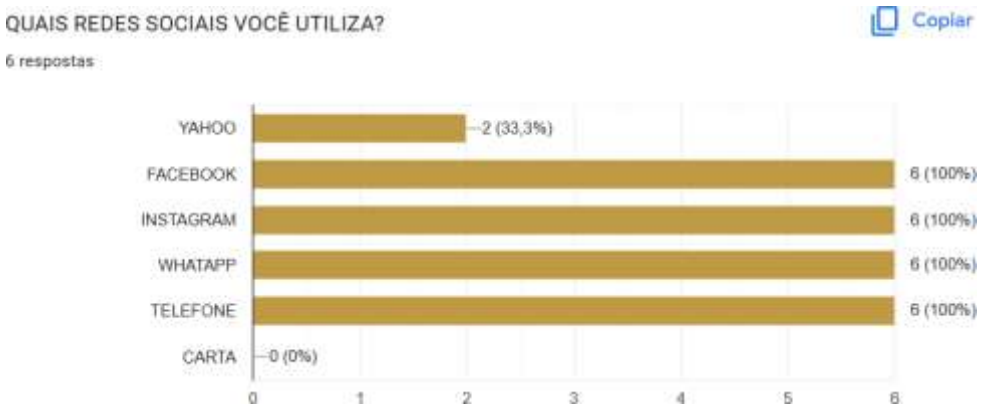
Em 2020, as famílias das crianças do GREI 1 tinham 100% de acesso via Wi-Fi e não foi observado relatos de problemas no acesso. A imagem acima esclarece a dificuldade relatada por uma mãe no ano de 2021, que mora em comunidade onde o serviço de internet é comando pelo tráfico. Também é preciso ressaltar o fato de que alguns responsáveis não responderam a pergunta e, por isso, os motivos para a falta de acesso não foram esclarecidos.

Gráfico 6. Meios de acesso à internet das famílias

2020



2021



Fonte: aplicação de questionário.

O professor contemporâneo trabalha em uma sociedade conectada, onde a ideia de escrever uma carta que não seja através de e-mail ou um bilhete que não enviado pelo WhatsApp nem sequer são cogitados por alguns dos pais. Imagine os filhos que hoje tem de 1 a 6 anos. A análise mostrou que o uso das redes sociais - Facebook, WhatsApp e Instagram - foi intensificado no período da Pandemia, sendo estendido para o pós ensino remoto.

A forma de acesso sofreu uma pequena, mas significativa mudança e acompanhou a perspectiva das professoras. Em 2020, 62,9% dos responsáveis acessavam os vídeos da UMEI Digital pelo celular, smartv (25%) ou notebook (12,5%). Já em 2021, o percentual do celular subiu para 100%. O smartphone foi o único suporte escolhido pelos participantes para acessar o WhatsApp e o Canal em 2021.

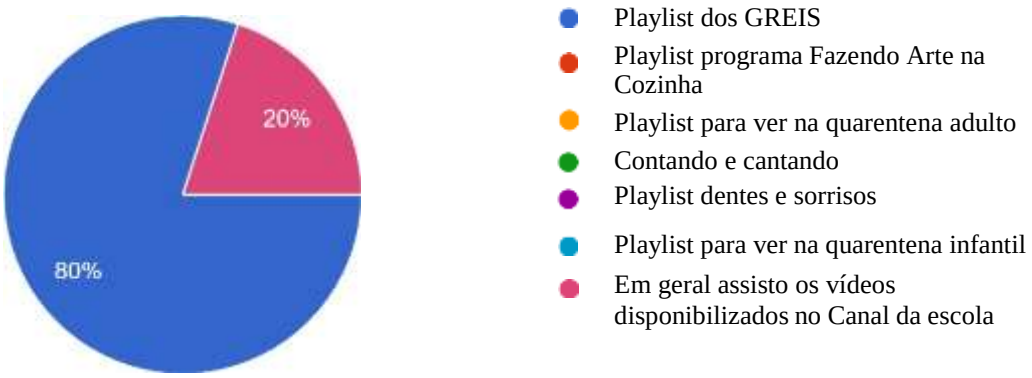
É muito provável que a forma escolhida de comunicação e divulgação do Canal pelo WhatsApp nos grupos das turmas seja o responsável por essa escolha. A facilidade de ter o aparelho sempre ao alcance da mão ou o retorno à “normalidade” da rotina em 2021 fez com que os responsáveis pelas famílias estivessem começando a sair de casa e com eles, os aparelhos celulares.

4.3 Acesso aos vídeos do Canal pelos Professores

A pesquisa com as profissionais de duas turmas GREI da UMEI permitiu a obtenção de respostas interessantes. Incialmente, todas afirmaram que acessavam o canal e 80% alegaram utilizá-lo durante os encontros remotos. A playlist mais acessada pelas professoras corresponde

a dos GREI, seguida pelo Programa Fazendo Arte na Cozinha (Gráfico 7). Isso foi justificado pelo fato das próprias produções das participantes estarem disponibilizadas nessas seções.

Gráfico 7. Seções mais acessadas no canal pelas professoras



Fonte: aplicação de questionário.

A questão aberta sobre como elas se sentiam com a necessidade de reinventar as práticas pedagógicas e a produção de vídeos para a realização de encontros remotos tendo que enviá-los por WhatsApp revelou um aspecto interessante. A adaptação foi considerada pela maioria como um desafio no início, mas os resultados obtidos com o curso deixaram as participantes animadas com o processo de aprendizagem.

Como disse uma professora: "(...) Creio que o canal seja um veículo a mais de estratégia pedagógica neste momento específico, mas não meio de acontecer a prática pedagógica na Educação Infantil". O fato da professora atestar que a adaptação da prática pedagógica durante a Pandemia ser um desafio, já demonstra a capacidade da promoção de mudanças através da reflexão na e com a ação. A ruptura desse saber-fazer não foi fácil, mas foi proveitoso para o grupo.

Observou-se duas respostas que apresentam uma certa negatividade em relação ao uso da tecnologia na Educação Infantil, talvez essa seja uma visão comum para várias outras professoras. Elas refletem o que Moran já assinalava sobre o receio e o temor dos alguns professores dos alunos passarem muito tempo na frente do computador com a inserção Metodologia Ativa nos currículos. O que é irreal segundo o autor. Segundo um dos professores:

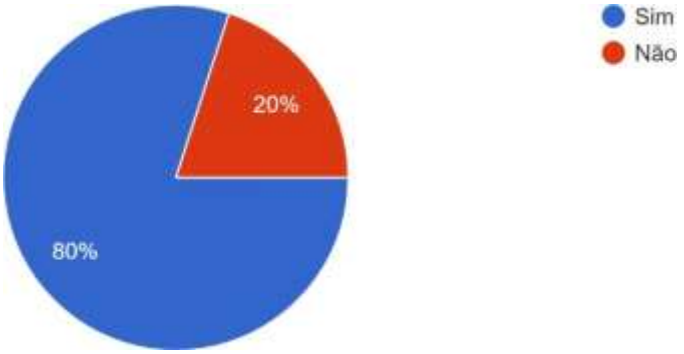
> "Ainda sou bastante resistente quanto a exposição de crianças pequenas a telas, já venho estudando há algum tempo sobre o assunto e como educadora não me sinto confortável em endossar/estimular esse uso, ainda mais neste período em que as crianças já estão sendo excessivamente expostas. Por outro lado já que as crianças estão sendo expostas que pelo menos esta exposição tenha qualidade, por isso sempre

> que proponho alguma atividade busco propostas lúdicas que envolvam corpo e movimento, interação das crianças com seus familiares e contação de história.”

Entende-se que da mesma forma que as crianças não conseguem ficar muito tempo concentradas em uma mesma atividade, como a rodinha ou um Lego. Elas também não conseguem ficar longos períodos na frente da tela, seja a TV ou celular. Os encontros remotos podem comprovar isso, por vezes não era possível completar o tempo gratuito do Zoom.

A questão aberta sobre o que as professoras achavam da ideia das crianças sugerirem conteúdo para o canal. Aqui, duas respostas merecem destaque. Uma acha “pertinente, uma vez que o conteúdo é produzido para elas. Defendo uma prática educativa dialógica e considerar a opinião das crianças faz paste deste tipo de prática”. Enquanto a outra acha “ótimo. Isso deixaria o canal dialógico como pensamos a educação As crianças participando seria o máximo”. Todas as participantes acharam que o canal UMEI Digital afetou as crianças. A perspectiva é positiva, pois 80% declarou que usou os vídeos do canal durante os encontros remotos.

Gráfico 8. Uso dos vídeos de canal durante os encontros remotos



Fonte: aplicação de questionário.

Apesar de algumas respostas terem demonstrado desconfiança quanto ao uso da tecnologia na Educação Infantil, o Canal cumpriu o papel de interlocução com as crianças no auge da Pandemia. Isso permitiu a compreensão de como os recursos tecnológicos poderiam ser explorados depois do período crítico de isolamento social.

4.4 Avaliação das Oficinas

As Oficinas foram realizadas por sugestão da EAP da escola e elaboradas no formato de Sequência Didática (Apêndice A) modelo de *templates* em *Framework*. É importante ressaltar que a elaboração da SD seguiu um passo-a-passo, que Arantes (2019, p. 11) chama deferramenta da "ciência da computação utilizada por desenvolvedores" e que garantem "a construção das SD de forma padronizada, (...) cujas etapas precisam ser respeitadas para que sepossam atingir os objetivos".

Figura 9. Etapas de elaboração de uma Sequência Didática

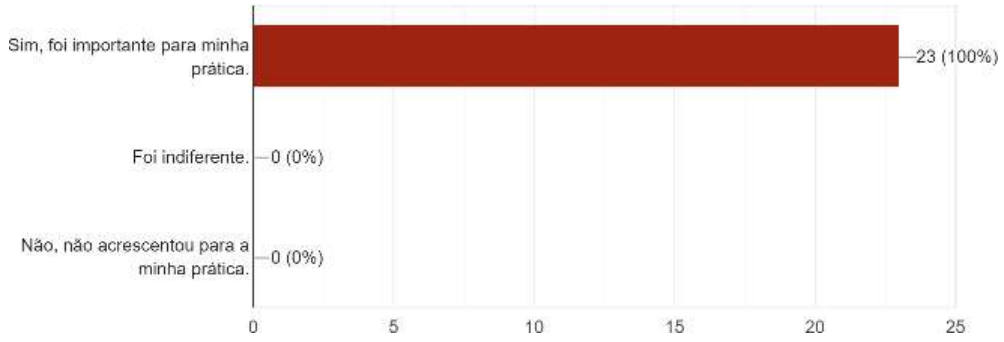


Fonte: https://proximal.unicarioca.edu.br/portal/construindo-sequencias-didaticas-sd/

Os participantes tinham pouco tempo para suprir os diversos questionamentos que surgiam, a opção didática foi apresentar caminhos em plataformas digitais por onde as professoras poderiam trilhar para sanar suas dúvidas.

O formulário de avaliação da SD sobre a produção audiovisual conduzida na UMEI pela autora, tornou-se parte integrante dessa pesquisa de Mestrado. Sua aplicação contou com a participação de 23 professoras que aceitaram responder as perguntas. Os dois gráficos abaixo demonstram que o resultado obtido foi satisfatório, pois todas disseram que as Oficinas produzidas foi um importante passo para a mudança da prática pedagógica.

Gráfico 9. As Oficinas para a edição de vídeos foram significativas para os processos tecnológicos no ensino



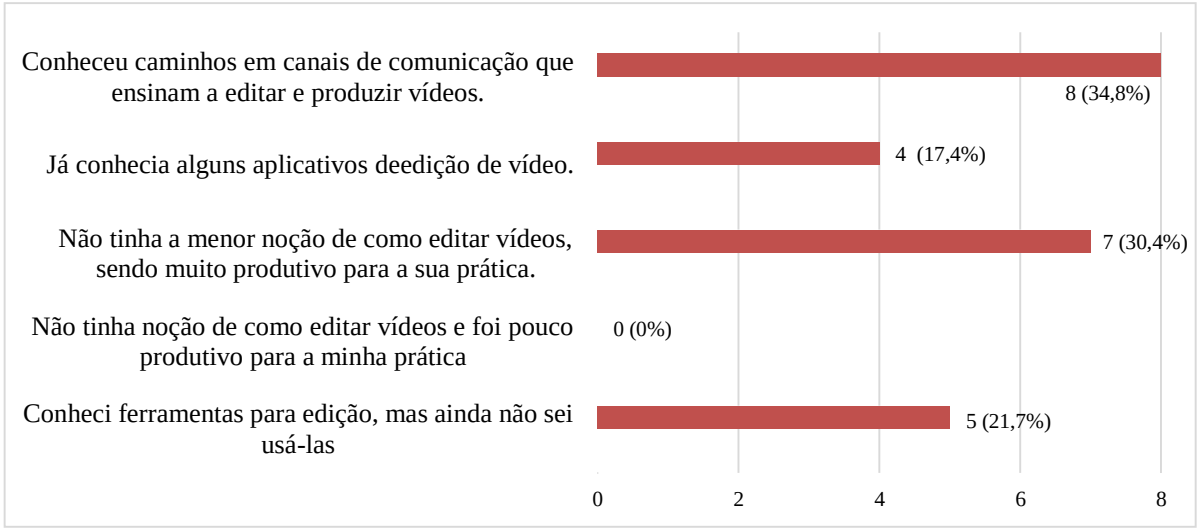
Fonte: aplicação de questionário.

Quando perguntadas sobre como se sentiam em ter que produzir vídeos para manter os vínculos afetivos com as crianças da Educação Infantil, praticamente a metade (11) 47,8% se mostraram conscientes, mas com pouco conhecimento de recursos para a produção de vídeos. Um quantitativo de (8) 34,8% se sentia inseguro para produzir e editar as vídeo aulas.

Esse aspecto é compreensível, pois a maioria das profissionais praticamente precisou usar seus aparelhos celulares para trabalhar e criar vídeos de uma dia para o outro. Até então, o ponto máximo alcançado por grande parte das professoras era a produção de material para postagem nas próprias redes sociais, como o Instagram e Facebook. Elas tinham pouca ou nenhuma intimidade com os recursos dos próprios celulares, muitos menos conhecimentos técnicos para manter os vínculos com as crianças. Não tinham ideia de como fazer, quais equipamentos e redes de internet usar.

O gráfico a seguir mostra a opinião das professoras sobre o conteúdo apresentado nas Oficinas e percebe-se que o resultado alcançado com o curso foi satisfatório. Observa-se que 30,4% das participantes não tinha a menor ideia de como editar vídeos e 34,8% descobriram veículos de acesso aos canais de comunicação que indicavam aplicativos, orientavam e mostravam o passo-a-passo do que fazer nesse processo.

Gráfico 10. Opinião das professoras sobre o conteúdo apresentado nas Oficinas



Fonte: aplicação de questionário.

Entende-se que as Oficinas produzidas para edição de vídeos foram significativas para a capacitação do público-alvo, com a promoção de reflexão sobre os processos envolvidos nessa atividade. Todas as professoras enxergaram esse ponto como positivo para a prática e mais de 60% afirmaram que a aprendizagem do curso foi útil. Apenas 17,4% afirmaram já ter algum

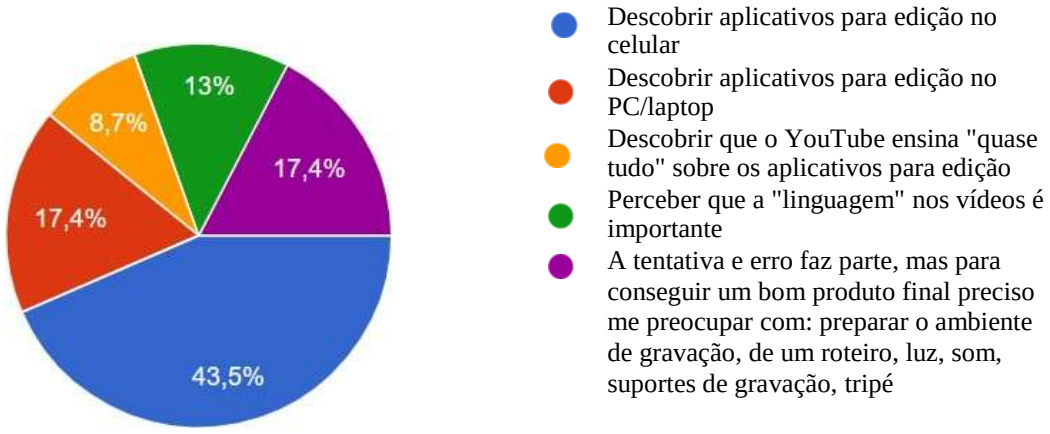
conhecimento de edição de vídeos e 21,7% disseram que apesar de ter participado das Oficinas, ainda não conseguiam editar o material da aula.

Nessa questão, o item que mais impressionou foi o fato das profissionais terem acesso a conhecimentos necessários para o uso dos aplicativos de edição de vídeo através das Oficinas e ainda não se sentirem seguras para utilizá-los. É necessário que os gestores da UMEI se preocupem em oferecer mais oportunidades de formação ao longo dos próximos anos letivos, que estas contemplem os profissionais interessados e não apenas a EAP, como geralmente é orientado pela FME.

O cenário confirma a informação da pesquisa prévia realizada para produção das Oficinas, onde foi verificado que apenas uma professora utilizava o computador para fazer os vídeos e as demais profissionais utilizavam o celular. Nesta questão, 43,5% alegaram que o ponto mais interessante foi a descoberta de aplicativos para edição no celular. O que pode ser a resposta para a sensível melhora no material que a escola passou a receber para postar no canal do YouTube.

Os pontos mais interessantes revelados no curso e escolhidos por elas, foram: a descobertas de aplicativos para a edição de vídeo celular (43,5%), no computador ou notebook (17,4%) e a consciência de que é preciso procurar a formação para melhora da prática de ensino, sendo a tentativa e erro algo que faz parte do aprendizado (17,4%).

Gráfico 11. Pontos mais interessantes apresentados na oficina

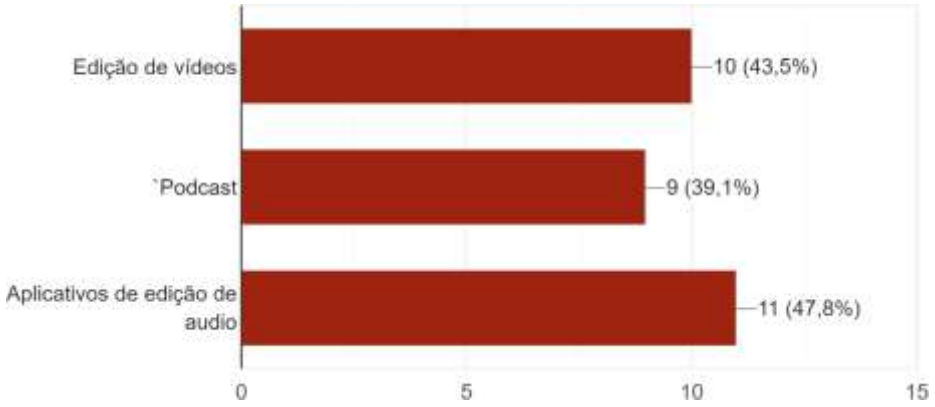


Fonte: aplicação de questionário.

O levantamento de dados deixou evidente que a grande dificuldade do grupo reside na edição de vídeos. Em ambas as questões a maioria (60,9%) dos profissionais alegaram que o

elemento da produção de vídeo que encontram maior dificuldade é na realização da edição (60,9%), seguida da filmagem/fotografia (26,1%) e roteiro/enredo (17,4%).

Gráfico 12. Interesse em outros temas ligados a produção audiovisual



Fonte: aplicação de questionário.

Em relação a outros temas de produção audiovisual que elas gostariam de aprender e que fossem abordados em outras atividades formativa, a maioria escolheu as opções: aplicativos de edição de áudio (47,8%), edição de vídeo (43,5%) e podcast (39,1%). Esse resultado mostra que a formação realizada nas Oficinais ainda precisa ser complementada, sendo o interesse das participantes pelo assunto aumentado.

A questão aberta deu a possibilidade das participantes fazer as sugestões de temas/assuntos necessários a melhora da prática de ensino na Educação Infantil. Aqui, podem ser destacas três respostas. Um professora discorre sobre a possibilidade do usar as tecnologias na Educação Infantil para a exploração de sons.

Ela considera que a tecnologia também pode permitir que as crianças explorem sonoridades, com a estimulação auditiva, a descoberta e o reconhecimento de sons e ritmos. Entende-se que através de “equipamentos para gravação e reprodução de sons - que pode ser no próprio celular -, os alunos podem gravar e depois reconhecer os sons da natureza e do próprio corpo, por exemplo”. A professora cita que outra possibilidade para o uso da tecnologia em sala de aula é o estabelecimento de “contato da criança com culturas de diferentes partes do mundo e região do país, a partir da musicalidade e dos ritmos”. Percebe-se que essa professora, caso tenha acesso a recursos e apoio, se empenhará na busca de elementos tecnológicos que podem agregar positivamente a sua prática com os alunos.

A segunda professora mostrou a capacidade de adaptar o próprio trabalho de acordo com as soluções encontradas para a superação dos problemas diários dos quais a que docência é submetida. Ela conta que se sentiu segura para produzir e editar os vídeos no início da pandemia e que contou com a colaboração do marido somente nos dois primeiros vídeos produzidos. A partir daí, ela se sentiu livre para se reinventar, pesquisou e experimentou diversos aplicativos. Isso fez com que ela se tornasse mais familiarizada com estes recursos.

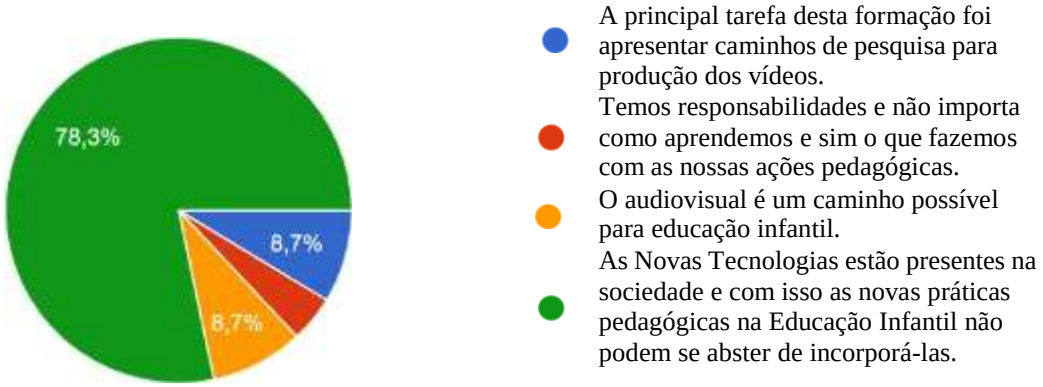
Em suas palavras, ela não teve: "(...) dificuldade para criar, ter ideias para os vídeos, minha dificuldade inicial era em relação a edição. Ainda tenho muito o que aprender, mas já não fico tão temerosa". Essa perspectiva reforça a análise anterior sobre a necessidade de formação em edição de vídeos e a urgência da Unidade investir na aquisição desse conhecimento, seja no celular ou no laptop.

A terceira fala mostra a ansiedade que o professor costuma desenvolver quando o assunto é o uso das novas tecnologias em sala de aula. Para a participante, se a Educação Infantil tem a prática amparada pelo o brincar, certamente o corpo docente precisa ter acesso à "(...) informações sobre jogos interativos para crianças pequenas". E como seria a utilização pedagógica desse recurso é um aspecto que está imbricado nessa questão.

A forma de inserção dos jogos digitais no cotidiano da Educação Infantil é assunto de estudo para futuras dissertações, porque envolve vários atores não só o currículo, incutindo também na necessidade de estrutura física das unidades municipais estarem ou não capacitadas para estas inserções em larga escala, dentro da proposta curricular. Essas não devem ocorrer por meio de ações pontuais, como acontece com as professoras que acompanham o seu tempo e estão dispostas a utilizarem os próprios recursos para suprir as carências das escolas.

Percebe-se que as novas tecnologias estão presentes na sociedade e com isso as novas práticas pedagógicas na Educação Infantil não podem se abster de incorporá-las. Além disso, o audiovisual é um recurso necessário na infância e os professores precisam ter a principal tarefa de encontrar caminhos de aprendizagem, com a realização de cursos e pesquisas que apoiem o processo de reflexão sobre a prática e resultem em mudanças no ambiente escolar de atuação.

Gráfico 13. A percepção dos participantes sobre as Oficinas



Fonte: aplicação de questionário.

A avaliação das Oficinas foi positiva e 78,3% da profissionais fizeram a leitura de que as atividades formativas possibilitaram a melhora as produções posteriores, com o aumento da qualidade da edição dos vídeos e da habilidade das professores no uso dos aplicativos. Acreditou-se que o Canal seria ressignificado em 2022, como foi inicialmente proposto por algumas professoras nas reuniões iniciais de 2020.

5 PRODUTO - UMEI DIGITAL

Desde o início da pandemia em março de 2020, as equipes da UMEI passaram a se reunir com a EAP[14] via plataforma Zoom, toda quarta-feira à tarde. A proposta da UMEI Digitalsurgiu a partir de uma reunião da EAP no início de abril de 2020. As duas diretoras convocarama pedagoga para uma reunião presencial e a intenção era refletir sobre a situação, quais seriamos devidos cuidados tomados na escola e o que fazer diante do quadro de Pandemia que preocupava a sociedade.

A pedagoga deu a sugestão da criação de um canal no YouTube, as diretoras gostaram da ideia e se organizaram para apresentar a proposta à equipe na próxima reunião de trabalho. A reunião pedagógica foi realizada em final de abril 2020 em formato online e contou com a participação de toda a equipe. A idealizadora do canal apresentou a sugestão para todos e argumentou sobre a necessidade manter o contato afetivo com as crianças da UMEI diante do quadro pandêmico que permanecia.

As profissionais presentes da reunião[15] concordaram com a proposta da Diretora Geral. Na falta de pessoas dispostas como a ficar à frente do Canal, a pesquisadora se disponibilizou para ser a gerenciadora, cuidar da manutenção do canal, de sua edição, propostas de organização, etc. Foi montado um grupo de WhatsApp com a EAP, onde os vídeos eram enviados para a pedagoga, aprovados pela EAP e enviados para o grupo UMEI Digital para serem editados e publicados pela gerenciadora.

O entusiasmo com o Canal era nítido nas primeiras reuniões. Algumas professoras falavam em ressignificar o Canal com o término da Pandemia, mas o que a volta ao novo normal mostrou foi algo diferente das expectativas do grupo. Despois de todo o processo de idealização, foi preparada uma descrição para o Canal (Figura 10).

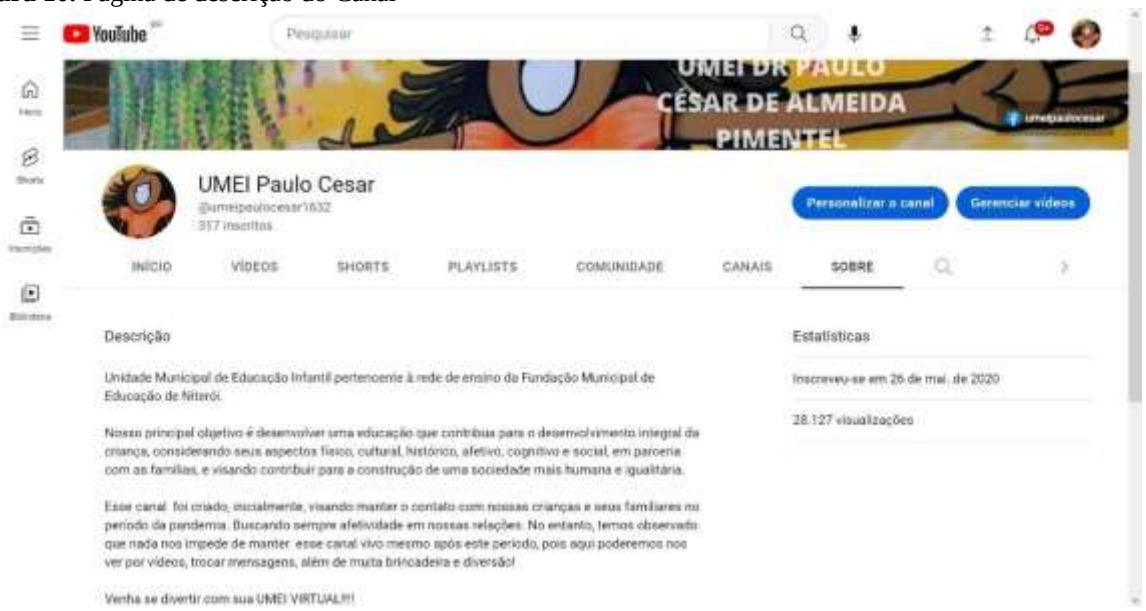
Foi sugerido a utilização da logo do Canal (Figura 11) para a divulgação do link em grupos de WhatsApp dos GREIs da UMEI e para a FME, Órgão Central da Educação de Niterói. A dinâmica do trabalho foi intensa, a cada semana surgia um aprendizado diferente com a recepção de vídeos de todas as equipes da UMEI. Da direção, do pessoal da limpeza e semanalmente das cozinheiras e das professoras.

---

[14] Equipe de Articulação Pedagógica composta pelas diretora geral e adjunta, pedagoga e secretária escolar. Responsável pela Gestão da Unidade.

[15] Todas as reuniões aconteceram na Pandemia via Zoom através da conta particular da diretora Geral da UMEI para ter o tempo necessário de conversa. As reuniões ocorriam regularmente às quartas-feiras e ocasionalmente em horário a ser convocado pela EAP, entre as 8 e 17h.

Figura 10. Página de descrição do Canal



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCbmevx3mJAhRSPBEf2OxDMQ

O Canva[16] era usado para fazer as imagens para a montagem do canal – como o banner. Foi preciso buscar algumas imagens para composição do layout. Os vídeos eram editados no Filmora[17], desde a produção das aberturas até a inserção de trilhas sonoras. Tudo que não fosse imagem estática, era feito nesse aplicativo.

Figura 11. Logo criada para o banner do canal



Fonte: arquivo pessoal.

Foram apresentadas duas possíveis introduções/aberturas padronizadas para os vídeos durante a reunião da quarta-feira seguinte, o grupo escolheu a melhor por voto e foi dada a

[16] Lançado em 2013, essa é uma ferramenta online que tem a missão de garantir que qualquer pessoa no mundo possa criar qualquer design para publicar em qualquer lugar". Essa é a definição encontrada no site do Canva.
[17] Editor de vídeo da Wondershare.

sequência ao trabalho. Na oportunidade, também foi proposto que o canal tivesse uma música-tema para 2020. Diante das opções expostas, o grupo preferiu a sugestão de usar a música *A Paz*, do Roupa Nova - versão em português do single *Heal the World*, de Michael Jackson.

Foi estabelecido que o Canal tivesse uma organização e os vídeos fossem padronizados. A pedagoga fez a abertura dos vídeos. Assim, por mais diferente que fosse cada arquivo, ela aparecia na apresentação falando sobre a proposta do trabalho. Isso também foi aprovado coletivamente. Este formato seguiu durante todo o ano de 2020 até 2021, onde a abertura foi modificada.

A escolha foi feita com pelo processo participativo, o grupo escolheu uma das duas opções que mais gostou. A abertura selecionada foi com os vídeos das duplas de professoras de cada GREI e ficou combinado de ser publicado como estreia toda segunda-feira, às 10h da manhã. A introdução da pedagoga foi retirada porque os vídeos ficavam longos, algo que desmotivava o público-alvo.

O Canal no YouTube foi criado em 26 de maio de 2020 e o primeiro vídeo postado em 31 de maio de 2020. Esse foi produzido pela direção da UMEI como forma de estabelecer a comunicação com os responsáveis. A abertura e a música de fundo foram combinadas no coletivo e criada uma logo para o banner do canal com a foto do muro da escola. Essas ações buscaram dar maior *approach* a criança que estivesse assistindo, para que ela se sentisse mais próxima à UMEI. Até hoje, este foi é o segundo vídeo com o maior número de visualizações, 823 *views* (Figura 12).

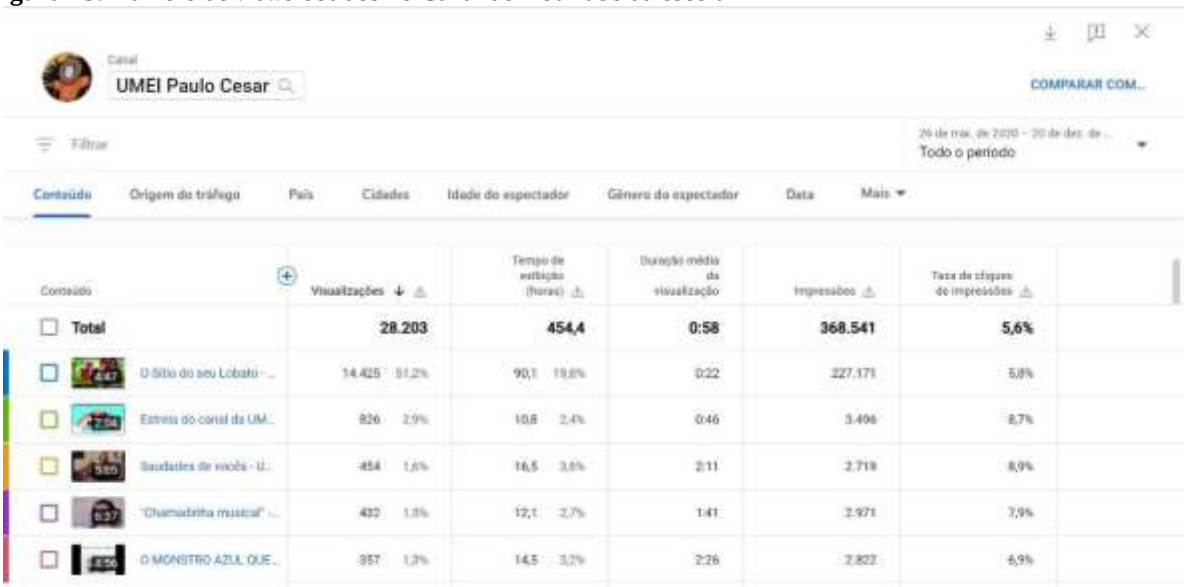
Figura 12. Vídeo de estreia da UMEI Digital



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCbmevx3mJAhRSPBEf2OxDMQ

O vídeo com o maior número de visualizações foi “Sítio do Seu Lobato” elaborado pelas professoras do GREI 2. Essa publicação teve um pique inesperado, com 14.425 *views* (Figura 13). Um número 51,2% maior do que o esperado para atingir o público da UMEI e sua comunidade. Na edição não foram usadas tags para facilitar a busca na internet, o que foi feito na maioria dos vídeos. Esse alcance expressivo do título pode ser atribuído a capacidade potencializadora da plataforma. É preciso destacar que o interesse do Canal não era ter visibilidade, popularidade. Este dado é uma curiosidade que deixou as professoras orgulhosas.

Figura 13. Número de *views* obtidos no Canal do YouTube da escola

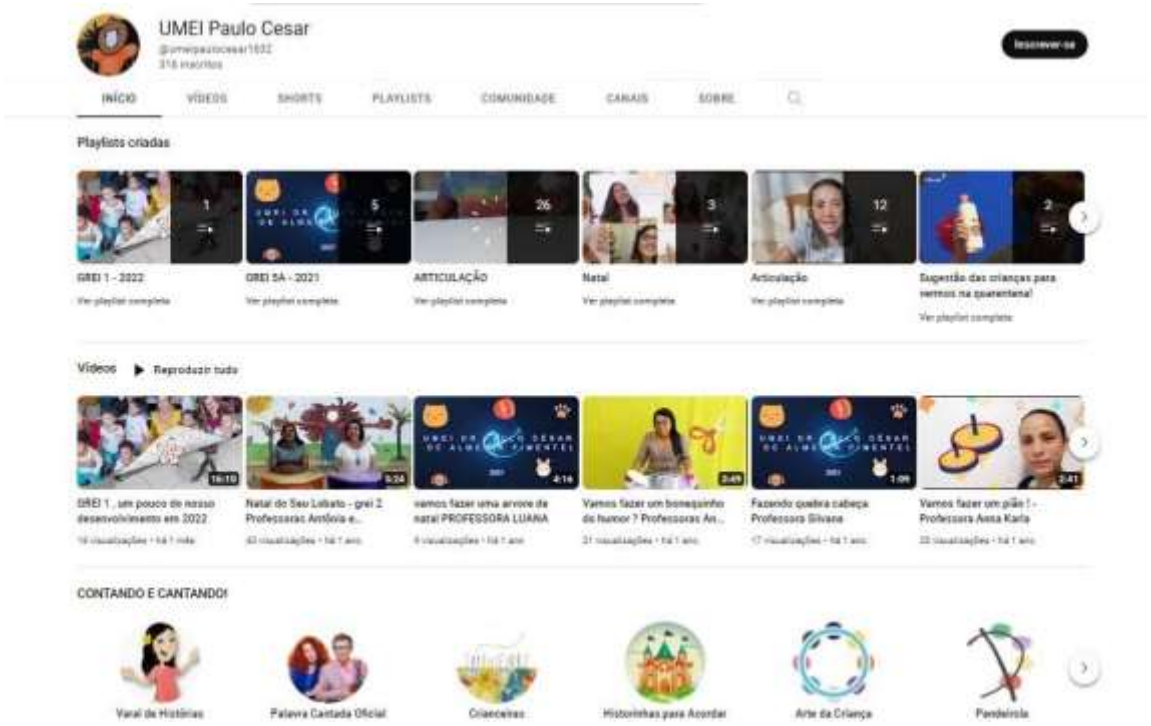


Fonte: Estatísticas disponíveis na plataforma.

Foram criadas playlists de forma combinada por turma e o título com o nome de cada uma: GREI 1, o GREI 2, o GREI 3, o GREI 4, o GREI 5. Além das especializadas, como a Sala de Recurso, Articulação, Programa Fazendo Arte na Cozinha. A seção “Contando e Cantando” (Figura 14) faz sugestões de inscrições dadas pelas profissionais para que os visitantes pudessem navegar a partir do Canal em sites que dialogassem com a proposta de Educação desejada pela UMEI.

A playlist que o momento pedia era a “Sugestão das crianças para vermos na quarentena”. O conteúdo foi sugerido por uma mãe do GREI 1 e uma professora da escola. Em 14 de julho de 2020, um vídeo para uma playlist chamada “Como navegar no Canal” foi publicado para oferecer uma breve explicação de como navegar e aproveitar o conteúdo do Canal da melhora maneira possível.

Figura 14. Tela inicial do Canal da escola no YouTube



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCbmevx3mJAhRSPBEf2OxDMQ

Durante o desenvolvimento surgiu a ideia de uma playlist que pudesse dar protagonismo as crianças que estavam casa, usando sua voz e imagem. A seção “Nossas crianças em casa” contou com o material enviados via grupos de WhatsApp das turmas. Posteriormente, mais dois vídeos de crianças da UMEI foram adicionados com a ajuda e colaboração dos seus pais. Os vídeos também podem ser encontrados nesta playlist.

A proposta também contava com a postagem de vídeos do grupo de cozinheiras e abordavam temas específicos de culinária. Esses precisavam ser publicados em um novo dia, um novo programa, com uma nova abertura, nova música de fundo. O grupo adorou a abertura e a música escolhida para isso foi a *Sopa*, do grupo Palavra Cantada. Ainda ano de 2020, foi criado o Programa Fazendo Arte na Cozinha com a publicação de vídeos de receitas toda as quartas-feiras (Figura 15).

O grupo de cozinheiras era composto por cinco pessoas e cada uma ficava responsável por uma publicação. A sequência das fotos das receitas e a narração dos vídeos eram enviados pelo WhatsApp pessoal da gerenciadora. Além da montagem do vídeo, era necessário fazer a edição de fotos porque cada uma chegava em um formato e angulação diferente. Existiu a necessidade de montar um vídeo para um suporte que lesse 16x9. Em alguns vídeos não possível fazer o acerto necessário e o resultado foi o aparecimento de tarjas pretas na imagem final.

Figura 15. Tela do Programa Fazendo Arte na Cozinha



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCbmevx3mJAhRSPBEf2OxDMQ

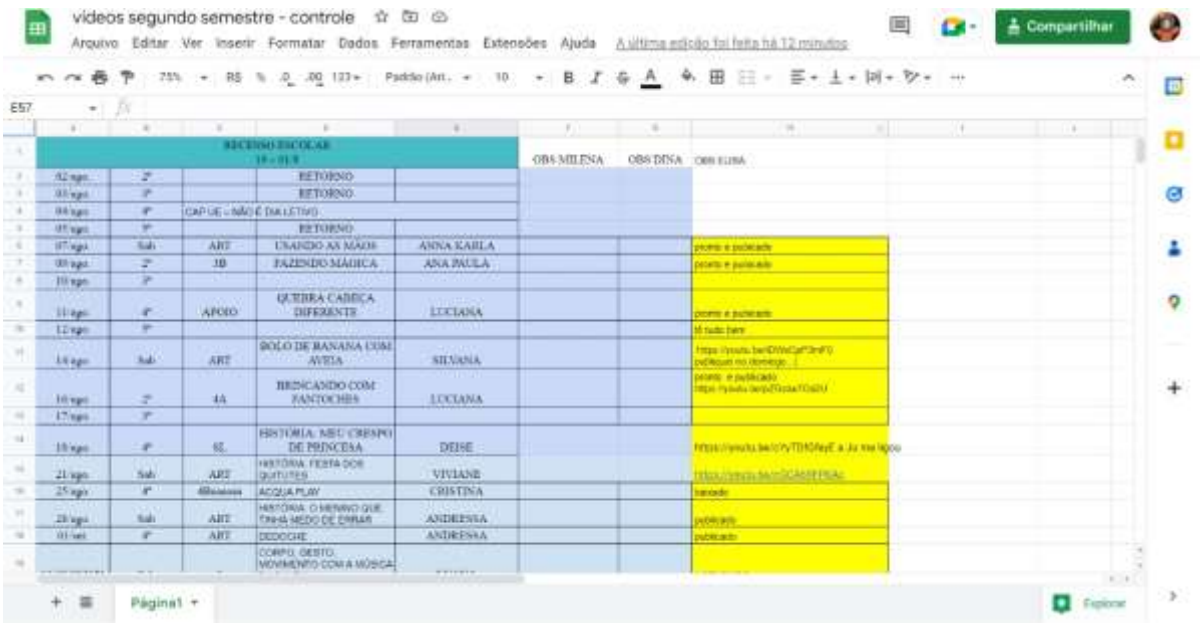
O grupo de professoras era maior: são dez turmas na UMEI com a prática da bidocência e em alguns casos, por questões de organização, a mesma turma poderia ter até três professoras. A contratação das professoras de Apoio Especializado e Articulação aumentou o fluxo de arquivos recebidos, pois elas também passaram a produzir vídeos.

As Oficina de Produção de Vídeo foram realizadas no início de abril em 2021 e pode-se perceber que toda a produção teve uma substancial melhora. No ano de 2021, os vídeos das professoras articuladoras passaram a ser publicados aos sábados e com isso a UMEI passou a ter três dias de exibição.

Inicialmente, os vídeos eram encaminhados para o WhatsApp da pedagoga, que depois de aprovar enviava para o grupo UMEI Digital, composto pela gerenciadora, pedagoga e diretoras. Os vídeos eram baixados para a educação através desse grupo. A equipe tinha uma dinâmica para controle dos envios e foi elaborada uma tabela no Google Drive (Figura 16) que ia sendo atualizada com o passar da semana. Foi um longo caminho até chegar nesse formato, pois eram enviadas cobranças duplicadas, às pedia-se o que já estava pronto.

Surgiu um vídeo muito grande que não permitia o envio pelo WhatsApp. A pedagogia trouxe a solução: enviar pelo Telegram que aceitaria o envio de arquivos pesados. Assim foi feito. Apesar da UMEI disponibilizar o Google Drive, apenas duas professoras utilizaram esse recurso para subir os vídeos. Esta parte do compartilhamento criou um certo desconforto para algumas professoras que sabiam como fazer. Por trabalharem em duplas, tinham que ajudar a parceira ou a pessoa que tinham dificuldade ligava para outro membro da equipe para conseguiam enviar o arquivo.

Figura 16. Imagem da tabela de controle dos vídeos no Google Drive



Fonte: Print do documento no Google Drive.

Em 2021, surgiu a necessidade de melhor organização dos arquivos, uma das alterações foi o uso Google Drive para todas as professoras. Foram criadas pastas compartilhadas para cada grupo de referência e as professoras passaram a enviar os vídeos nas pastas dos respectivos GREIs. O processo ficou mais organizado, mas foi complicado para muitas professoras que nunca haviam feito o compartilhamento de arquivos dessa forma.

Além dos vídeos, era solicitado que os profissionais enviassem o título dos seus vídeos e um breve texto para colocar na descrição e assim auxiliar os responsáveis. Foi preciso fazer isso também nos vídeos de 2020. O processo foi constituído de aprendizado permanente para todos e a cada postagem surgia uma questão a ser resolvida. Por exemplo, no início os comentários estavam abertos para os pais interagirem com a escola. Era sempre uma pessoa da equipe que comentava e poucos pais se esforçaram em fazer essa troca.

O problema maior ocorreu quando surgiu um comentário com palavras vulgares, sendo excluído imediatamente e a ação comunicada ao grupo UMEI Digital. Considerou-se que a melhor solução seria fechar os comentários para evitar caso parecidos. Afinal, os responsáveis poderiam continuar oferecendo feedback das atividades pelo WhatsApp, canal por onde eram enviados dos links das publicações e o contato era estabelecido.

O Canal chegou a marca de 316 inscritos em novembro de 2022 e 199 vídeos publicados. O último foi no Natal de 2021. A ducentésima publicação veio somente no encerramento do ano letivo de 2022 com o portfólio do GREI 1, já com outra proposta de vídeo para o Canal.

5.1 Produtos Adjacentes à Produção do Canal: Letramento Digital

A perspectiva do letramento digital visou a imersão da equipe de profissionais em uma Oficina on-line, visando a apropriação das técnicas básicas para produção de vídeos para o Canal, com a realização de Oficinas sobre o canal e produção de vídeos com os profissionais. O intuito foi fortalecer o conhecimento desenvolvido pelo grupo ao longo do período do estudo e com isso proporcionar ao grupo a supressão de carências na área e motivar a produção de novos vídeos. Ampliando suas áreas de conforto em relação às Novas Tecnologias Digitais.

Um fato importante de assinalar é que a Oficina é um desdobramento da ação da pesquisa, já que surgiu de uma demanda da própria equipe. A Oficina ocorreu uma vez por semana (às quartas-feiras) nos momentos das reuniões pedagógicas, com todas as equipes da UMEI. As aprendizagens foram conduzidas pela pedagoga em consonância com a Equipe gestora, composta pela Diretora Geral e Adjunta. As três organizam as reuniões que ocorreram de forma colaborativa com as demais equipes que participam das reuniões: serviços gerais, merenda e professoras. Todas as equipes participaram de alguma produção de vídeo para o Canal, associando-se ao objeto de pesquisa.

A formação foi marcada por momentos de troca de saberes entre pesquisadora e grupo participante, contribuindo para o desenvolvimento do Canal proposto como estratégia de engajamento com as crianças e famílias da UMEI. A concepção se deu a partir de um conhecimento prévio apresentado por elas tanto nos trabalhos enviados ao longo do período trabalhado, quanto nas conversas de WhatsApp. O formulário com perguntas específicas para embasar o conteúdo da Oficina permitiu a identificação de quais suportes eram utilizados. Apenas duas professoras utilizavam o computador para edição, as demais utilizavam o celular.

Levar os professores a produzir e editar vídeos a partir das Oficinas visou o engajamento da UMEI e o upload para a nuvem no Google Drive para a postagem nos canais escolhidos pelo corpo docente. Esse objetivo, não foi alcançado totalmente, visto que até hoje a gerenciadora realiza as publicações no YouTube e a EAP no Facebook.

A expectativa era de que nas trocas com as oficinas, os saberes fossem ressignificados e as professoras que tivessem pouco ou nenhum acesso às tecnologias para a produção dos vídeos, avançassem na apropriação das novas tecnologias necessárias às essas produções midiáticas. Soares (2003) há tempos sugere que letrar é ir além da alfabetização, do adquirir a tecnologia do ler e escrever, é preciso saber fazer uso desse ler e escrever. O indivíduo vai sendo letrado no decorrer da vida, em um processo contínuo.

O processo de letramento digital, não é diferente. As professoras da instituição são letradas no WhatsApp e talvez no Facebook, mas a maioria não sabe usar os aplicativos necessários para a produção dos vídeos. Ainda mais fazer uso dessas tecnologias no cotidiano da educação infantil. Sabe-se que para além de saber onde ficam e quais são as teclas do teclado, ou para que serve o mouse. É preciso "dominar a tecnologia para que além de buscarmos a informação sejamos capazes de extrair conhecimento" (COSCARELLI, 2005, p.17). Torna-se necessária a reconstrução de saberes, onde as novas tecnologias possam ser experenciadas no universo da Educação Infantil. Em tempos de interação remota esses recursos assumem o papel fundamental nesse novo cotidiano.

Antes de preparar a Oficina, buscou-se saber onde elas faziam seus filmes, que suporte usavam. A oficina foi apresentada em uma reunião de planejamento, no dia 07 de abril de 2020. A proposta impactou tanto a ponto das participantes pedirem que as atividade fossem estendidas para mais uma reunião, que ocorreu na semana subsequente, dia 14 de abril de 2021.

A proposta era estimular as professoras a criarem seus próprios vídeos de animação, tanto para o canal do YouTube da UMEI quanto para os encontros remotos com as crianças e suas famílias. Estes, por sua vez, aconteciam via Zoom e eram estimulados por vídeos curtos disparados ao longo da semana, com as propostas das atividades desenvolvidas nos encontros virtuais.

As Oficinas ocorreram de forma remota pelo Zoom e um slide no Canva compilava os links para no YouTube para esclarecer as principais dúvidas, que eram recebidas no ato de entrega dos vídeos para edição e publicação.

Figura 17. Capa de apresentação da Oficina de Gravação, Educação e Armazenamento de Vídeo



Fonte: elaborado pela autora.

As fotos das merendeiras melhoraram após as Oficinas, uma delas passou a enviar o vídeo pronto, somente para colocar a abertura e os créditos. O mesmo ocorreu com as duplas de professoras, a qualidade dos vídeos que passaram a chegar melhoraram sensivelmente. Após a formação a gerenciadora não precisava mais mexer na produção. Bastava inserir abertura, créditos e em algum fundo musical para compor.

Aas Competências Gerais da Educação Básica que envolve a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio estão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O item 5 do documento sugere que é preciso:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (inclusive escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017).

As crianças da Educação Infantil, assim como todas as demais, são expostas às TIC e deveriam ter orientação de como ser não submissas à essas tecnologias, mas potenciais autoras. E para tanto é necessário que elas dominem essa linguagem. As professoras passaram a produzir melhor seus vídeos após a imersão na Oficina, assim as crianças do cenário de estudo se apropriariam dessa nova forma de se comunicar com as TIC, como precisam ser desde cedo expostas a elas para se tornarem produtoras/autoras e não apenas consumidores finais

5.2 Tecnologias utilizadas pela UMEI durante a Pandemia

A sociedade e o mundo viviam a Pandemia de COVID-19 quando a Educação presencial foi suspensa em praticamente todo o país. O isolamento social foi algo extremamente necessário para evitar o contágio da doença e a prefeitura de Niterói conduziu um trabalho firme e sério de combate estabelecendo ações rápidas. Uma delas foi a imediata suspensão das aulas em todoo seu sistema público e privado.

A presente pesquisa foi norteada pela necessidade de comunicação entre escola-família. Para isso, buscou-se obedecer os princípios previstos na BNCC de 2017 no que diz respeito à Linguagem e Tecnologia. A Secretaria Municipal de Educação (SME) do município emitiu documentos oficiais para estimular as práticas de EaD (Educação a Distância) nas Unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Esse tipo de ensino não tinha caráter obrigatório nas UMEIs até setembro de 2020. A perspectiva de continuar sem se aglomerar fez com que o

ensino remoto fosse obrigatório para a Educação Infantil a partir do segundo semestre de 2020, a ideia era manter algum contato com os alunos por meio de qualquer mídia social e minimizar a falta de comunicação entre escola e família.

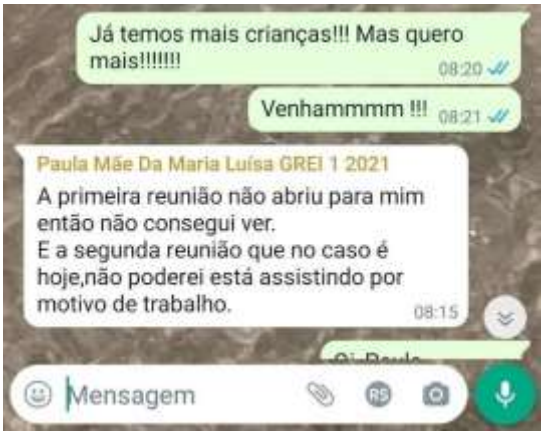
A equipe da UMEI já havia criado o canal no YouTube antes mesmo da aula remota ser obrigatória, proposto em reunião pedagógica. Esse foi o veículo usado para manter a relação afetiva com as crianças. A escola ainda foi além, o GREI 1 já havia começado com os encontros remotos via Zoom. Porém, a pesquisadora, que era agente da ação e pertencia ao corpo docente da escola, tinha a responsabilidade de fazer a edição dos vídeos produzidos pelos profissionais e o gerenciamento do canal. A realização dessa tarefa permitiu a compreensão da latente necessidade de formação tecnológica desse público. Isso possibilitou o surgimento da Oficina de Edição de Vídeos.

A UMEI manteve o vínculo com as crianças e suas famílias durante a pandemia pela seguinte ordem de "acesso": WhatsApp, YouTube e Facebook. O trabalho com a Educação Infantil na escola prioriza a autonomia das crianças e isso depende da participação dos pais e familiares. Caso estes não acessassem as redes sociais consequentemente as crianças também não fariam.

A imagem abaixo mostra como a dependência dos familiares interferia na frequência e participação das crianças, tanto nos encontros remotos que passaram a acontecer na UMEI antes da orientação da FME e nas atividades propostas pelas professoras, que ocorriam semanalmente via WhatsApp e a exibição de vídeos postados no Canal do YouTube.

Figura 18. Mensagem dos Responsáveis no Whatsapp

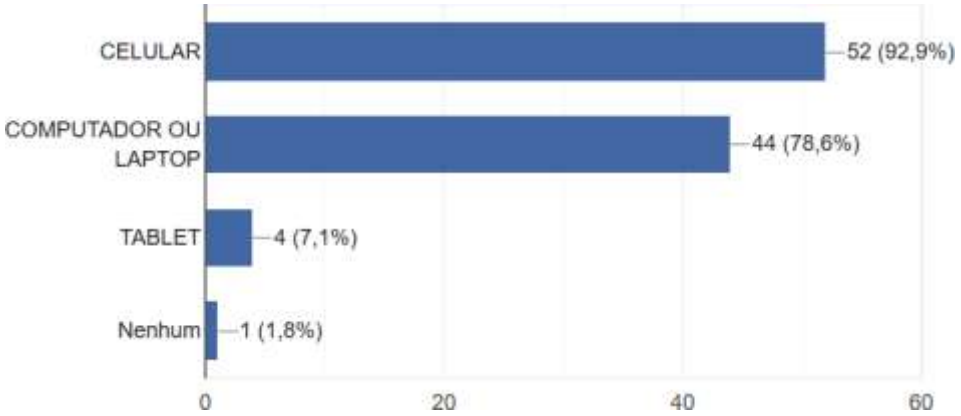




Fonte: print de tela do grupo no Whatsapp.

Os aparelhos celulares (92,9%) foram o suporte preferido pelos professores para a realização do trabalho com as crianças. Seguindo do computador (78,6%) e tablete (7,1%). Entende-se que permitia a sensação maior de proximidade com as pessoas, tanto na produção e o envio dos vídeos para o canal. Pode-se dizer que o envio do material das aulas pelo WhatsApp facilitou o processo de comunicação e ajudou nos encontros remotos, tanto com as crianças quanto nas reuniões pedagógicas.

Gráfico 14. Suporte preferido para a realização do trabalho com as crianças



Fonte: aplicação de questionário.

Mais do que o desafio de manter o interesse das crianças pelas aulas (8,9%), grande parte dos profissionais acreditava que a maior dificuldade para obter o engajamento em relação as atividades remotas, eram: o acesso a internet de qualidade (76,8%); falta de equipamentos (76%); o interesse das famílias (66,1%) e a dependência (44,6%) de apoio para a frequência das

crianças e a realização de tarefas, que muitas vezes eram insuficientes pela falta de tempo e a carga de trabalho dos pais/responsáveis.

5.3 As estratégias para manter o vínculo afetivo e o engajamento na Educação Infantil

Neste bloco foram realizadas duas perguntas abertas em relação à afetividade e às práticas realizadas no ano de 2020 para manutenção dos vínculos afetivos com as famílias e crianças. Observa-se que todas as perguntas foram respondidas e 99% das respostas em relação à afetividade na Educação infantil, se coadunam, atestando sua necessidade em qualquer nível de ensino.

A perspectiva dos professores mostra que a afetividade é tida como um inerente a qualquer atividade pedagógica. Ocorra ela positiva ou negativamente. Entende-se que as demonstrações de sentimentos como afeto, pertencimento e autoestima produzem confiança, bem-estar nas crianças e impactam positivamente no processo de aprendizagem.

A educação é processo relacional, ou seja, é um conjunto de práticas de socialização. Ela contribui para a adaptação dos sujeitos envolvidos às mudanças, descobertas. A novidade e a afetividade nunca deixaram de existir em sala de aula. Logo, o compartilhamento de afetos contribui para a criação de um ambiente favorável ao compartilhamento de saberes e experiências. Sobretudo, porque a dimensão do cuidado (marcada pela afetividade) se impõe de modo incontornável educação da infância.

Após o período crítico da COVID-19, observa-se que 7% dos respondentes disseram não terem atuado com essa etapa da Educação e 83% atestaram utilizar as redes e plataformas para manter os vínculos com as crianças e as famílias. Os encontros on-line, grupo de Whatsapp, plataformas digitais e vídeos no YouTube eram as estratégias mais usadas para manter o vínculo afetivo entre crianças-crianças e comunidade na Educação Infantil.

Segundo uma professora, os áudios diários eram enviados no grupo de WhatsApp para a realização de “rodinha virtual e encontros síncronos” que contavam com vídeos gravados e a proposta de “aprendizagens lúdicas com viés no brincar”. O processo de adaptação ao retorno do presencial foi tranquilo e prazeroso, pois as crianças já tinham estabelecido vínculos de afetividade com os professores não conheciam ainda presencialmente.

Essas estratégias foram necessárias durante o período de isolamento social, pois manter o vínculo com os alunos e pais se tornou algo desafiador. Conforme o relato de uma professora: “O desafio de usar meios tecnológicos para manutenção de vínculo foi grande e ainda é. E a

baixa adesão das crianças a esses meios tecnológicos (pelas desigualdades sociais) também se tornou um desafio". Através dos recursos tecnológicos os professores puderam ter mais proximidade com a comunidade escolar e a sua presença em ambiente virtual serviu para acalentar, trocar ideias, conversar e também ouvir.

As falas dos participantes permitem a percepção de alguns conceitos atuais que se tornaram parte do repertório pedagógico, como é o caso da expressão "encontros síncronos". Percebeu-se também que várias professoras responderam às perguntas utilizando termos como: videoaula, encontros remotos, on-line, plataformas digitais, encontros síncronos e assíncronos.

Uma outra participante disse em tom de desabafo que os recursos tecnológicos passaram a ser rejeitados por muitos gestores após o retorno das aulas presenciais. Em alguns casos, a equipe técnico pedagógica passou a vigiar os profissionais achando que o professor estava com o celular na mão para usar o Facebook, quando na verdade este seria um importante aliado nesse processo pós-COVID para ir atrás dos alunos que deixaram de frequentar a escola e estabelecer os vínculos afetivos com a comunidade escola.

Essa fala vem de encontro ao que foi vivenciado nos encontros remotos, com a ausência das crianças neles. As ações tomadas pelas instituições educacionais buscaram impedir essa ruptura que o isolamento social que as crianças viveram em função da pandemia promoveu.

Sobre o trabalho remoto com as novas tecnologias, especialmente na Educação Infantil, as professoras se dividiram entre concordarem parcialmente (35,7%) e concordarem totalmente (21,4%) com o fato de estarem preparadas para o trabalho remoto após o retorno ao modo de ensino presencial**.** Ema participante disse que não se sentia desprepara ou desconfortável no que diz respeito ao uso da tecnologia. Porém, quando o olhar é voltado para a Educação Infantil o cenário muda. Especificamente no caso dessa professora o trabalho com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) fez com que ela se sentisse "inicialmente insegura em como conseguir estabelecer uma relação com as crianças por meio remoto".

Sabe-se que tudo era novo para muitos professores e grande parte dos profissionais não sabiam trabalhar com o Zoom, Google Meet, Canva de forma autônoma. O pouco contato com o trabalho pedagógico utilizando tecnologias fez com que eles precisassem aprender muita coisa nesse tempo de crise para não perder o vínculo com as crianças. Sabe-se que os cursos de graduação e formação em serviço raramente trabalhavam com as novas tecnologias e sua aplicação em sala de aula.

5.4 Reinventando a Prática Pedagógica

A equipe de professoras da UMEI demostrou uma capacidade ímpar de se reinventar entre os anos de 2020 e 2021. As profissionais que trabalhavam de forma restrita com a tecnologia, muitas usavam somente a TV, foram provocadas a mudar da prática pedagógica em março, no início da Pandemia. Em maio elas já eram capazes de produzir vídeos para o canal no YouTube e manter o contato com os pais e crianças via WhatsApp, Zoom ou Google Meet.

Foram dois anos de comunicação estabelecida unicamente de forma digital, seja entre os colegas de trabalho ou da equipe com a comunidade escolar. Uma pessoa observou o desenvolvimento do grupo nesses anos de isolamento social e disse era difícil acreditar que após esse momento de imersão tecnológica as professoras se sentissem impelidas a alterar suas práticas cotidianas e inserir o letramento digital no currículo da Educação Infantil.

Uma professora da UMEI disse que ele já está inserido em sua prática e que todos os colegas precisam inserir esse elemento no ensino. Ela não está errada, pois as crianças precisam de orientação e cabe ao professor fazer esse trabalho de orientação. Elas não podem ser meros consumidores desse mar tecnológico que afoga quem não aprende a navegar.

Na reunião pedagógica de 25 de maio de 2022, foi proposto ao grupo que a UMEI continuasse a alimentar o canal com histórias contadas em sala ou atividades que achassem interessantes. Esse material poderia ser gravado com os celulares para posterior edição ou fazer upload direto para o canal. Algumas professoras toparam de início, mas isso mudou quando uma professora pontuou a Pandemia impôs a necessidade da criação de um modo da escola se aproximar das crianças que estavam em casa. Essa forma remota encontrada pela escola foi o canal do YouTube:

> “(...) Com o retorno presencial, a função do canal ficou em segundo plano devido a rotina do horário integral que exige muita dedicação, visto que o mesmo é centralizado na função das professoras juntamente com as novas demandas desse longo afastamento das crianças do espaço escolar e a nova configuração de trabalho sem horário organizado para planejamento”.

Os colegas logo deram a apoio a opinião dessa professora. Após a argumentação, até quem estava propenso a contribuir com a proposta alegou que seria demais. Não era mais o momento para sobrecarregar as professoras já que o governo não oferece apoio, pois agora eles teriam a rotina intensa rotina de atividades diárias e planejamento para anteder. Resumindo, o Canal foi posto na prateleira da estante para aguardar o momento ideal de ser reativado. Entende-se que:

> A indiferenciação dos tempos pessoais e profissionais (e, dentro destes, o tempo do pesquisador, do produtor, do orientador e do professor) provocada pelo excesso de trabalho e pelas facilidades providas pelas tecnologias digitais mostra a necessidade de refletir e definir melhor sobre a ação destas na mudança da organização do tempo docente e dos docentes (KENSKI, 2013, p. 13).

Observa-se que a na Rede Municipal vive um momento que demanda a adesão de um currículo que incorpore as metodologias ativas ou o uso das novas tecnologias, como é o caso do canal criado para UMEI. Porém, ele demanda um tempo que as profissionais não dispõem e isso faz com que a proposta encontre algum tipo de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da presente pesquisa foi analisar a avaliação docente sobre a Oficina de Produção de vídeos para o Canal YouTube; bem como a Produção do Canal Digital da Escola em estudo, durante o período de pandemia de COVID-19. A abordagem tratou essencialmente sobre a estratégia utilizada pela UMEI para a aproximação dos alunos com a equipe pedagógica na Pandemia. Isso permitiu a identificação de como as educadoras enxergavam o Canal escolhido pela Unidade de Ensino e como essa estratégia foi eficaz para estreitar os laços afetivos da equipe pedagógica com os alunos da Educação Infantil em tempos de isolamento social.

As respostas mostraram que a equipe enfrentou variados desafios para manter o vínculo afetivo com as crianças durante o isolamento social. O principal foi a falta de intimidade com o uso de certas tecnologias que se tornaram necessárias para a efetividade do ensino remoto.

O denso trabalho desenvolvido no estudo contou com o envolvimento das professoras e a superação do problemas na produção dos vídeos, isso em si foi um grande resultado alcançado pois a imensa maioria não possuía habilidades para desenvolver esse tipo de trabalho. Entende-se que o Canal foi utilizado apenas para exibir os vídeos postados pela equipe e produzidos pelas professoras, não sendo o ponto inicial para o acesso a outros conteúdos pedagógicos na internet. O WhatsApp era a forma principal de contato com as crianças e seus pais, sendo a via por onde as professoras estabeleciam o contato mais frequente e posteriormente, mantinham a comunicação dos encontros virtuais semanais a serem realizados na plataforma Zoom.

Muitos dos pontos tidos como positivos ressaltados sobre a tecnologia aliada a educação ainda estão no discurso e não foram colocados em prática. Dentre as respostas apuradas, observa-se que a proposta da UMEI Virtual possibilitou a troca afetiva entre os alunos e a equipe pedagógica pode atender a necessidade da realização de encontros remotos durante o isolamento social. Ressalta-se que não basta apenas a escola ter um Canal, é preciso que os conteúdos sejam disponibilizados de forma que “afetem” pedagogicamente as crianças e a navegação do usuário no Canal esteja assentada no PPP da escola. Aqui, o papel da Equipe de Articulação Pedagógica é a proposta de reflexões sobre qual caminho o trabalho pedagógico deve seguir para incorporar a criança de maneira mais dialógica no Canal, promovendo ações e atividades que capacitem o professor para que a prática seja ressignificada e o uso das tecnologias atenda as demandas atuais da sociedade.

Considera-se que o propósito de capacitar professores por meio da oficina para a produção de material audiovisual foi alcançado. A instrumentalização das professoras dentro da UMEI possibilitou o surgimento de uma metodologia criativa usada para o engajamento das crianças e famílias por meio de um Canal YouTube. A ideia é que ele fosse bem-sucedido na comunicação digital com as famílias e isso impôs a necessidade da realização de uma Oficina de Produção de Vídeo para estabelecer o letramento digital das professoras no campo do audiovisual.

A considerar que a proposta de trabalho surgiu em um período de crise sanitária, que foi no auge da Pandemia em 2020-2021, onde as crianças perderam total contato presencial com suas Unidades Escolares. Deve-se também levar em conta que essas mesmas Unidades não estavam estruturalmente preparadas para o retorno das aulas presenciais com a manutenção dos meios digitais utilizados durante dois anos de distanciamento social.

Esse foi um momento contraditório e disruptivo, já que o retorno as aulas significaram o esquecimento desses métodos. O trabalho retornou a forma de ensino utilizada em dezembro de 2019, onde o máximo de tecnologia utilizada na Educação Infantil era o uso de vídeos ou músicas em sala de aula. Em 2022, a escola começou a enfrentar questões cotidianas, como a questão da infraestrutura da escola, das 10 salas com TV apenas uma era Smart. O que dificultou sobremaneira o trabalho com os vídeos produzidos para o Canal nesses dois anos de pandemia. Esse é um fator desestimulante, sem dúvida alguma. Outra questão que se impôs foi a falta de tempo, hoje a escola possui um déficit de professoras o que faz com que a carga de trabalho seja dobrada. Elas alegam que não possuem tempo para planejar, muito menos para editar.

A fala da professora após a proposta de continuidade do canal ainda ressoa: “na pandemia tínhamos uma função para o canal, agora as crianças estão na escola. Não temos tempo para fazer mais uma função”. Pode ser que ela tenha razão, pois deve lutar por seus direitos. Entretanto, como professora responsável da Sala de Informática possuo discordâncias sobre esse posicionamento.

Desde 2007, tento levar para o chão da escola essa realidade tecnológica e já encontrava resistência por parte do coletivo de professores. As desculpas eram sempre as mesmas: falta de habilidade/competência, medo ou falta de tempo. Hoje, a revolução digital exige a superação de alguns desses motivos de resistência. Os receios devem ficar no passado. Diferente da Era Industrial, a personalização da Era Digital favorece a educação transformadora e autoral. Por isso, não se deve furtar da reponsabilidade de letrar digitalmente as crianças para que não sejam vítimas de *fake news* ou reprodutoras de conteúdos prontos.

Entende-se que os dois anos de comunicação remota via WhatsApp e Canal do YouTube conseguiu bons resultados. A escola pode manter o contato entre a equipe pedagógica e os encontros semanais com as famílias por meio digital. Pode-se concluir que os objetivos propostos e os resultados esperados foram alcançados. Esse cenário mostrou a necessidade de buscar caminhos e formas de garantir outro objetivo, o de manter o Canal ativo.

O desejo é que em 2023, a UMEI acolha o número suficiente de professoras articuladoras para o desenvolvimento de um trabalho de sucesso, similar ao que foi feito durante os dois anos de Pandemia, osnde a professoras superaram seus limites e se reinventaram. Espera-se que as crianças da escola ganhem mais uma vez o espaço de protagonismo através do Canal da UMEI Virtual. Além disso, surgiu a necessidade da realização de estudos no futuro sobre a possibilidade de permanência do Canal da Escola no modo presencial, considerando a forma que as novas tecnologias digitais podem contribuir positivamente para o ensino, especialmente na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A E. **Empreendedores digitais**: uma análise de caso dos youtubers Felipe Neto e Kéfera Buchmann. 2017.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **As áreas de intervenção educomunicativas**. Campina Grande, v 1.2, set. 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4653029/mod_resource/content/1/As%20%C3%A1reas%20de%20interven%C3%A7%C3%A3o%20LIGIA.pdf. Acesso em: 1 set. 2022.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. **Integração das Tecnologias na Educação - Salto para o Futuro**. Brasília: SEED/MEC, 2005.

ARANTES, Sheila da Silva Ferreira. **Reforço Escolar em sociedades civis em prol da alfabetização:** interface entre sequências didáticas e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: UniCarioca, 2019. 290f. – (Dissertação de Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação)

BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem téorico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular – A educação é a base.** Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: DOU, 23.12.1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 2016.

BRASIL. **Lei n° 13.005/2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília: DOU, 26.6.2014.

CACHEFFO, V. A. F. F.; GARMS, G. M. Z. Afetividade nas práticas educativas da educação infantil. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 26, p. 17–33, 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v26i0.2814. Acesso em: 29 de nov. 2020.

CANABARRO, Maria Margarete; BASSO, Lourenço de Oliveira. Os Professores e as Redes Sociais – É possível utilizar o Facebook para além do "curtir"? **Novas Tecnologias na. Educação**, v. 11, n. 1, jul. 2013.

CANALTECH. **Atari**. Disponível em: https://canaltech.com.br/empresa/atari/. Acesso em 03 abr. 2022.

CITELLI, Adílson Oadir; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação:** construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSCARELLI, Carla, V.; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DURAN, Érika Rodrigues Simões. **A linguagem da animação como instrumental de ensino.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010. 159f – (Dissertação de Mestrado em Artes e Design)

FRANCESCONI, L.; ARAUJO, M.C.P. Pesquisa-ação como prática formativa do professor reflexivo. **Anais do XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)**. UNIJU, 25 e 26 de novembro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 25.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra-2001.

FREITAG, Marina Beatriz. **Audiovisual nas Redes Sociais**: transformações da produção popular. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016. 57fls – (Bacharelado em Artes e Comunicação Social).

FUJISAWA, Katia Sayuri. **Novas tecnologias aplicadas à comunicação.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil, 8ed, Petrópolis: Vozes, 2000.

GAROFALO, Débora. Educomunicação: o que é e como usar na sua aula. **Revista Nova Escola**, publicado em 13 ago. 2019. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18177/educomunicacao-o-que-e-e-como-usar-na-sua-aula#:~:text=A%20Educomunica%C3%A7%C3%A3o%20prop%C3%B5e%20uma%20interven%C3%A7%C3%A3o,ecossistemas%20comunicativos%20abertos%20e%20criativos. Acesso em: 3 abr. 2022.

GIBERTONI, D. Uma discussão sobre pesquisa-ação na engenharia de produção. **Interface Tecnológica**, v.4, n.1, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOGONI, R. **Quem criou o YouTube?** Disponível em: https://tecnoblog.net/276781/quem-criou-o-youtube. Acesso em: 22 nov. 2020.

GOMES, Sebastião Braz; COSTA, Roseli Terra Oliveira. Engajamento dos alunos das escolas públicas em tempos de pandemia do coronavírus. **Anais do Integra EaD**, Campo Grande, v. 2, n. 1, 2020.

HARARI, Yuval. **21 lições para o século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval. **Entrevista concedida ao Roda Viva**. Canal Roda Viva, transmitido ao vivo em 12 de nov. de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pBQM085IxOM. Acesso em: 05 jul. 2021.

HOPPE, Bárbara Chiodini Axt; LIBRELOTTO, Giovani Rubert. **Práticas Educomunicativas no contexto escolar:** obstáculos e perspectivas. Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2014. 37fls – (Artigo de Especialização em Mídias na Educação)

JAWSNICKER, Claudia. **Educomunicação:** reflexões sobre teoria e prática. A experiência do Jornal do Santa Cruz. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/jawsnicker-claudia-educomunicacao.pdf. Acesso em: 1 de set. 2022.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas: Papirus, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. Cultura Digital. In: MILL, Daniel (Org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologas e de educação a distância.** Campinas: Papirus, 2018, p. 139-144.

KRAMER, Sonia. **O papel social da educação infantil**. Disponível em: https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/periodicos/p53_O_papel_social_da_Educacao_Infantil.pdf. Acesso em: 1 de set. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDEIROS, Maria Fabrícia de; PEREIRA, Cledir Rocha. O uso das redes sociais no processo educacional: o que pensam os professores. **Anais do 24º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade: Ensino Híbrido**. FACCAT, 12 a 18 de novembro de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social - teoria, método e criatividade**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21.ed. Campinas: Papirus Editora, 2013. [edição do Kindle]

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. 10.ed. Campinas: Papirus, 2020.

MORAN, José. **Como acelerar as mudanças na Educação**. José Moran Educação Transformadora, publicado em 25 set. 2020. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1678. Acesso em: 05 jul. 2021.

MORAN, José. **Ensino Híbrido, metodologias ativas e TIC na educação**. Entrevista concedida ao site Educações em Rede no dia 24 de mai. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zJJm3he-oIE. Acesso em: 1 set. 2022.

MORIN, Edgar. Articular os saberes. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org). **O sentido da escola**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgard**. Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2014.

MOTA, J.S. (2019) Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação, v.** 6, n. 12, p. 372-380, 2019.

MOURA, Jeferson José Ribeiro de; OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda de (orgs.). **Educação e Mídia:** Propostas para trabalhar Educomunicação. Lorena: Editora Instituto Santa Teresa, 2014. (Coleção "Bicho Carpinteiro", v. 1)

MOURA, Késsia Mileny de Paulo; CARVALHO, Luciele Oliveira de. As mídias sociais na prática do professor. **Polyphonía**, v. 30, n. 2, p. 158-175, jul./dez. 2019.

MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educação & Sociedade**, v. 27, p. 553-573, 2006.

NITERÓI. **Portaria FME N˚ 085/2011**. Institui na Rede Municipal de Ensino, as Diretrizes e os Referenciais Curriculares e Didáticos: Uma Construção Coletiva, para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental Regular e a Educação de Jovens e Adultos e dá outras providências. Niterói: FME, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação- da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PIRES, Marlon Alef dos Reis; BORGES, Bento Souza. Educomunicação: Práticas e Perspectivas – uma análise das atividades desenvolvidas no Programa de Iniciação a Docência (PIBID). **Getec**, v.6, n.14, p.159-170, 2017.

PPP**. Projeto Político Pedagógico**. Niterói: Unidade Municipal de Educação Infantil Dr. Paulo César de Almeida Pimentel, 2019. (mímeo)

PRADO, Adélia. Alvará de demolição. In: PRADO, Adélia. **A duração do Dia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 37

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. On the Orizon, NCB University Press, vol. 9, n. 5, oct. 2001. Disponível em: https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf. Acesso em 30 jun. 2020.

RIGHETTO, Karla; HASSAN, Ana Paula Passos; DINIZ, Elisa Nacif. A informática educativa na escola ciclada: possibilidades de um trabalho coletivo. In: **Anais do 14º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal - aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras FAPES, 2001.

SANTOS, Edméa. EaD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, ago. 2020. Disponível em: https:/ w/ww.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119. Acesso em: 20 de jul. 2022.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 9.e.d Rio de Janeiro: Record, 2002.

SARMENTO, M. **Conversas Pedagógicas**: Infâncias em Tempos de Pandemia. Live transmitida em 08/07/2020. Disponível em: https://youtu.be/mjDUaND5xXQ. Acesso em: 20 de jul. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A Sociologia da Infância e a Sociedade Contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, Romilda Teodora; GARANHANI, Marynelma Camargo (orgs.). **Sociologia da Infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46

SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. A infância é um direito? **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. Número Temático - Direitos das crianças: abordagens críticas a partir das ciências sociais, 2020. pp.15-30.

SARTORI, Ademilde Silveira. Ecossistema educomunicativo: comunicação e aprendizagem em rede. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 62-79, jan./abr. 2021.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SILVA, João Miller da; BOTELHO, Stela Mara; FERREIRA, Helena Maria. O trabalho com gênero memes em sala de aula: potencialidades para a formação do leitor. **Periferia**, v. 12, n. 3, p. 302-321, set./dez. 2020.

SILVA, Luana Fabrícia Correia. Tecnologias digitais e ensino: o uso pedagógico do blog para o ensino e aprendizagem de língua materna. In: **Anais do SIELP**. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2, v. 1.

SILVA, M. Paulo Freire, Vygotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira usariam o WhatsApp! in: PORTO, C.; OLIVEIRA, K.E.; CHAGAS, A. **Whatsapp e educação:** entre mensagens, imagens e sons. Salvador: Ilhéus: EDUFBA/EDITUS, 2017.

SILVA, Marco. **Interatividade na educação híbrida**. Live realizada no dia 17/6/2021 Disponível em: https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade/. Acesso em: 03 out. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: O caso dos Estados Unidos. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-80, dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf. Acesso em: 3 abr. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (orgs.). **Educomunicação e suas áreas de intervenção**: novos paradigmas para o diálogo intercultural. São Paulo: ABPEducom, 2017.

SOARES, M. B. **Letramento – um tema em três gêneros.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, Johnatan Gonçalves de; LIMA, Isabely Custódio. O uso de memes como ferramenta de ensino-aprendizagem: uma proposta metodológica. In: **VI Encontro de Monitoria e Iniciação Científica**. Fortaleza: FAMETRO, 2018.

SOUZA, Karla Righetto Ramirez de. O Recreio como lugar de pesquisa da Cultura de Pares Infantis. **36ª Reunião Nacional da ANPEd**, Goiânia, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt13_trabalhos_pdfs/gt13_2966_texto.pdf. Acesso em: 01 out. 2022.

SPITZ, Rene Arpad. **O primeiro ano de vida**. Trad. Eroihildes Millan Barros da Rocha. 31.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TEIXEIRA, A **Pequena introdução à filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP D, Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

VALENTE, José Armando; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ARANTES, Flávia Linhalis. **Tecnologia e Educação:** passado, presente e o que está por vir. Campinas: NIED/UNICAMP, 2018.

VENTURA, Maria Inês De Azevedo. **Experiências de Bidocência em Unidades de Educação Infantil no Município de Niterói**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. 179fls. – (Dissertação de Mestrado em Educação)

VERÇOZA, Fabiana Maria da Silva. **Educomunicação como metodologia ativa na formação continuada de professores do Ensino Médio**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 20fls – (Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Estratégias Didáticas para a Educação).

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Editorial Veja, 1979.

ANEXO A - FICHA DE CADASTRO PARA PESQUISADORES



Superintendência de Gestão de Pessoas
Núcleo de Estágio - NEST

FICHA DE CADASTRO PARA PESQUISADORES

1- Nome Completo: ELISA NACIF DINIZ

Telefone (21)2710-2200 Celular: (21)98788-8890

E-mail: elisadiniz@gmail.com

2- Instituição de Origem: UNIVERSIDADE CARIOCA

3- Área de Formação: EDUCAÇÃO

4- Natureza da Pesquisa:

( ) Tcc ( ) Especialização (X) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Iniciação Científica

( ) Outras: _____

5- Orientador/Coordenador da Pesquisa:

Profª. Drª. Sc. Luciane Medeiros de Souza Courado

6-Departamento ou Unidade de Educação em que será realizada a pesquisa:

UMEI DR PAULO CÉSAR DE ALMEIDA PIMENTEL

7- Tema da pesquisa:

"UMEI VIRTUAL, CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL"

_____

_____

_____

8- Público Alvo: Comunidade de Profissionais e responsáveis da UMEI DR PAULO CÉSAR DE ALMEIDA PIMENTEL

9- Tempo previsto para realização da pesquisa:_01 ano _____

Niterói, 18 de setembro de 2021

_____

Assinatura do Pesquisador/Bolsista

ANEXO B - TERMO DE COMPROMISSO – PESQUISA

PREFEITURA NITERÓI
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Superintendência de Gestão de Pessoas
NEST- Núcleo de Estágio

TERMO DE COMPROMISSO – PESQUISA

Eu, ELISA NACIF DINIZ, vendo por meio deste, solicitar a realização de Projeto de Extensão e/ou Pesquisa, cuja natureza é:

( ) TCC ( ) Especialização (X) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Outros _____, concordo em seguir os **ditames legais deste Termo de Compromisso, elaborado em consonância com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde** que dispõem respectivamente sobre diretrizes e normas de pesquisa com seres humanos e normas aplicáveis à pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assumo os seguintes compromissos:

1 - Cumprir rigorosamente as **normas regimentais do Núcleo de Estágio - NEST** da Secretaria Municipal de Educação Ciência e Tecnologia e da Fundação Municipal de Educação, do município de Niterói – RJ, em conformidade com a **Portaria FME 578/2005**;

2 – Entregar o **relatório** contendo os resultados parciais a cada semestre e finais ao término da **Pesquisa**.

3 – Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa:

A – **Entrevista** com profissionais ou alunos - utilizar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, este deverá ser assinado pelos pais ou responsáveis legais quando se tratar de estudante menor de 18 (dezoito) anos;

B – **Uso de imagem** – Explicitar em página específica no corpo do projeto todas as formas de uso de imagem desejadas e solicitar autorização da **Direção da Unidade Escolar**, que deverá carimbar e assinar a autorização;

C- Publicações, apresentação de trabalhos em congressos: devem ser socializados nos campos pesquisados e no NEST/FME.

Niterói, 18 de SETEMBRO de 2021.

ASSINATURA DO PESQUISADOR

INSTITUIÇÃO CONCEDENTE

INSTITUIÇÃO DE ORIGEM

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

PREFEITURA NITERÓI
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

UMEI DR PAULO DE ALMEIDA CÉSAR PIMENTEL

TERMO DE AUTORIZAÇAO – PESQUISA

Declaramos, para os devidos fins, que a UMEI DR PAULO DE ALMEIDA CÉSAR PIMENTEL - FME vem formalizar Termo de Autorização para a pesquisadora e Mestranda do Centro Universitário – UniCarioca, Coordenação de Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação, ELISA NACIF DINIZ, realizar pesquisa: "CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL EM AMBIENTE REMOTO: ENGAJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DE VÍDEOS E PLATAFORMA YOUTUBE" sob orientação da Profa. Luciane Medeiros de Souza Conrado, junto a UMEI Dr. Paulo Cesar de Almeida Pimentel. Ressaltamos que a FME dispõe da infraestrutura necessária para garantia da realização da pesquisa e já autorizou a sua execução.

Niterói, 02 de fevereiro de 2022.

Direção

Maria Inês de Azevedo Ventura
Diretora
Matrícula: 228528-6

UMEI - Dr. Paulo Cesar de Almeida Pimentel
Rua Antonio Luiz Salão, s/nº
Campo Belo - Itaipu - Niterói

ANEXO D – DECLARAÇÃO DE REALIZAÇÃO DA OFICINA

PREFEITURA NITERÓI
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

UMEI DR PAULO DE ALMEIDA CÉSAR PIMENTEL

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que A PROFª ELISA NACIF DINIZ, ministrou a Oficina intitulada "ENCONTRO SOBRE PRODUÇÃO ÁUDIOVISUAL: OFICINA DE GRAVAÇÃO, EDIÇÃO E ARMAZENAMENTO DE VÍDEO" por meio da plataforma ZOOM para a equipe de profissionais da UMEI DR PAULO DE ALMEIDA CÉSAR PIMENTEL, nos dias 07 e 14 de 2021, com duas horas cada encontro.

Niterói, 14 de abril de 2021.

Direção

Maria Inês de Azevedo Ventura
Diretora
Matrícula 228528-6

UMEI - Dr. Paulo Cesar de Almeida Pimentel
Rua Antonio Luiz Salão, s/nº
Campo Belo - Itaipu - Niterói - RJ

ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: " CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL EM AMBIENTE REMOTO: ENGAJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DE VIDEOS E PLATAFORMA YOUTUBE "

Prezado(a) Senhor(a),

Você, _____, sob, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa " **CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL EM AMBIENTE REMOTO: ENGAJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DE VIDEOS E PLATAFORMA YOUTUBE** ", a ser realizada de forma remota pelo *Zoom*, *Meet* e pelo *Whatsapp*. Antes de assinar a autorização desta pesquisa a pesquisadora deverá responder a todas as suas dúvidas e é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A sua participação não é obrigatória. Você tem o direito de desistir da participação a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Esta pesquisa tem por **objetivo** propor novas práticas educativas na Educação Infantil que incluam as experiências no fazer pedagógico e no brincar para o pleno desenvolvimento infantil, conforme os documentos oficiais, de forma significativa e contextualizada, por meio das tecnologias digitais. O convite à sua participação se deve à necessidade de se propor alternativas para formação continuada do Professor.

A pesquisa adotará os seguintes **procedimentos**: você participará de rodas de conversa, formação tecnológica e duas sequências Didáticas *online* pelas plataformas Zoom ou Meet e pelo *Whatsapp*. Nesses encontros, previamente autorizados e combinados com a direção escolar, serão debatidas possibilidades de produção e edição de vídeos e tecnologias para propor novas práticas educativas na área da Matemática que irão compor essa pesquisa. Durante esses momentos poderá ser necessário armazenar as conversas escritas no *Whatsapp* do Projeto de pesquisa intitulado Pedagogia e ou produções em vídeo.

Quanto aos **riscos**, cabe ressaltar que a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, em suas diretrizes e normas, indica que toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco e, durante esta pesquisa, este poderá se apresentar na forma de desconforto ou constrangimento que poderão ser gerados a partir da coleta de dados das falas dos docentes. Portanto, se durante a aplicação de alguma atividade, algum participante se sentir desconfortável, inseguro, indisposto ou constrangido, por qualquer motivo, terá o direito de não realizar as tarefas propostas ou poderá desistir a qualquer momento da participação da pesquisa, sendo respeitado em sua decisão. Nenhum participante será vítima de preconceito ou discriminação. A fim de minimizar os riscos, a

pesquisadora fará todo o esforço para que você se sinta à vontade e confortável para expressar seus sentimentos, desejos, falas e opiniões. Adotará uma conduta ética e respeitosa com os questionamentos dos participantes, bem como, com seus valores sociais, culturais, morais e religiosos. Utilizará linguagem clara e acessível para qualquer esclarecimento. Você será acompanhado(a) e assistido(a) pela pesquisadora ao longo de todos os momentos de coleta de dados desta pesquisa. Durante todas essas etapas, todo o esforço será feito pela pesquisadora para que os riscos sejam minimizados. Eventuais riscos físicos, psicológicos, espirituais, morais, familiares, intelectuais, sociais e culturais serão cuidadosamente minimizados, a partir de ações cabíveis. Se houver queda da sua luz ou internet durante as rodas de conversa, você receberá um resumo no grupo do WhatsApp, criado com a única finalidade de ampliar a comunicação com os participantes desta pesquisa. Sendo assim, estará disponível, por este meio, o foi discutido durante o encontro e, você ou aqueles que não conseguirem participar, pelos motivos anteriormente mencionados, poderão realizar seus comentários e contribuições neste grupo posteriormente. Caso seja a pesquisadora que fique sem acesso a internet ou luz, a mesma irá conversar com você e os outros docentes e verificar o melhor dia e horário para que o grupo faça um novo encontro. A pesquisadora orientará os docentes participantes quanto ao uso do aplicativo Zoom, YouTube, Meet ou whatssApp, com a finalidade de minimizar quaisquer dificuldades que venham a surgir no acesso e na utilização deste durante as rodas de conversa. No entanto, em qualquer momento, durante os encontros, se alguém afirmar à pesquisadora que está tendo dificuldades, em relação a estes aplicativos, ela poderá orientar os participantes quanto à dificuldade apresentada.

Esta pesquisa trará como **benefício** para você e os demais participantes novos conhecimentos, trazendo novas possibilidades para suas aulas com práticas educativas para a Educação Infantil que integre as tecnologias digitais e o brincar de forma contextualizada e significativa, contribuindo com a aprendizagem de seus educandos.

Sua participação no estudo não implicará em custos adicionais. Você não terá qualquer despesa com a realização das etapas desta pesquisa que serão custeadas pela pesquisadora responsável por essa proposta. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação.

Assinando esse assentimento, você não desiste de nenhum de seus direitos. Além disso, não libera os investigadores de suas responsabilidades legais e profissionais no caso de alguma situação que lhe prejudique. A participação nessa pesquisa é inteiramente voluntária. Uma vez aceitando participar dessa pesquisa, você deverá se sentir livre para desistir da pesquisa a qualquer momento do curso desta, sem que isso afete seu relacionamento futuro com esta instituição. A pesquisadora também poderá retirá-lo do estudo a qualquer momento, se ela julgar que seja necessário para seu bem-estar.

A pesquisa está autorizada pelo NEST –Núcleo de Estágio e Pesquisa – Comitê de ética da Fundação Municipal de Educação e seguiu todos os trâmites para sua autorização. Caso necessite de mais informações sobre a pesquisa, poderá procurar a pesquisadora responsável pela mesma, professora especialista Rosayna Frota Bazhuni, pelo telefone profissional (21)988862325, ou pelo e-mail rosaynabazhuni@gmail.com.
É assegurado o completo sigilo dos documentos de identidade do participante dessa pesquisa.
Diante do exposto nos parágrafos anteriores eu, firmado abaixo, acredito ter sido suficientemente informado(a) pela pesquisadora Rosayna Frota Bazhuni de a respeito da pesquisa " **CONECTANDO COM O QUE É ESSENCIAL EM AMBIENTE REMOTO: ENGAJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DE VÍDEOS E PLATAFORMA YOUTUBE**". Ficou claro para mim qual é a minha participação na pesquisa e a garantia de proteção e sigilo de meus dados individuais. Pude questionar a pesquisadora sobre todos os aspectos do estudo. Fui informado(a) de que o Termo de assentimento Livre e Esclarecido é um procedimento exigido pelo Ministério da Saúde e que é possível, a qualquer tempo, desistir de participar do estudo sem qualquer prejuízo. Recebi um exemplar assinado desse Termo e pelo presente concordo voluntariamente com minha participação na pesquisa.

NOME DO PARTICIPANTE: _____
E-MAIL DO PARTICIPANTE: _____
CPF DO PARTICIPANTE: _____ RG: _____
ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____
DATA: __/___/___.



NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: ELISA NACIF DINIZ

ASSINTAURA DA PESQUISADORA: _____
DATA: 14/07/2020.



ANEXO F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VÍDEO

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu _____, _____ (nacionalidade), nascido(a) em _____, autorizo a utilização da minha imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa " **Conectando com o que é essencial em ambiente remoto: engajamento na Educação Infantil por meio de vídeos e plataforma youtube"**, bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a **Professora Especialista Elisa Nacif Diniz**, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso de voz, imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Website.

Niterói, 14 de abril de 2020.

NOME DO PARTICIPANTE: _____
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: _____
CPF DO PARTICIPANTE: _____ RG: _____
ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____
DATA: ___/___/___.
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Elisa Nacif Diniz
ASSINATURA DA PESQUISADORA: _____
DATA: 14/04/2020.

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL:
ESCOLA VIRTUAL CONECTANDO COM O ESSENCIAL.

Dia: 1☐ 2 x 3 ☐ **Tempo: 2 formações de 120 minutos**

Instituição: UMEI DR PAULO CÉSAR DE ALMEIDAPIMENTEL	**Data:**07/04/2021
Educador Autor(a): ELISA NACIF DINIZ	E-mail: elisadiniz@gmail.com

Eixo Temático: FORMAÇÃO CONTINUADA EM TECNOLOGIAS: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

TOMADA DE CONSCIÊNCIA: A tomada de consciência se deu partir da solicitação no momento em que a escola ficou isolada por distanciamento social (março 2019-julho2021), sendo necessária a tomada de decisão sobre implementarmos canais de comunicação entre a Escola/famílias/ crianças de uma escola de Educação Infantil do Município de Niterói.

RODA DE CONVERSA: Faremos uma atividade de reflexão a partir dos resultados alcançados por meio do estudo exploratório sobre o conhecimento e o uso das tecnologias digitais na Educação por aquele corpo docente. Apresentação dos resultados.

LINK: GERAR NO GOOGLE DRIVE :

Segundo Gil (2010, p.27) as pesquisas exploratórias possuem o "objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses". Conforme essa constatação do estudo exploratório houve a necessidade emergente de instrução em tecnologias para produção de vídeo *em formação continuada de professores.*

Objetivos Específicos:

Apresentar os resultados do Estudo Exploratório, feito com os profissionais de uma unidade de educação infantil, para confirmação do problema desta Pesquisa em roda de conversa para argumentar com base em fatos dados e informações confiáveis. **A**

Analisar por meio de roda de conversa sobre a formação pedagógica inicial em tecnologias e a importância do espaço da formação continuada para suprimir as lacunas existentes na formação inicial de professores com relação ao uso das tecnologias;

Perceber as tecnologias digitais como ferramentas aliadas no ensino na Educação Infantil;

Avaliar os procedimentos da Sequência Didática quanto a aprendizagem da Técnica de Edição de vídeos.

Locais que serão utilizados:☐Sala de Aula ☐ Sala dos Professores Outros: *ON LINE (ZOOM)*

1ª Etapa (30 minutos) - ATIVIDADE SIGNIFICATIVA Nesta etapa será elaborado no CANVA com aprofundamento da formação em produção de vídeo por com links interativos do YouTube e palestra formativa ministrada pela pesquisadora sobre a técnica de produção de vídeos como enquadramento de Câmera, enredo, roteiro, determinação dos atores, som e fotografia. "Sabe-se propiciam novas formas de acesso às informações e novos estilos de aprendizagem. Estes por sua vez, podem ser partilhados entre os sujeitos e ampliar o potencial da Inteligência Coletiva com o intuito de favorecer a aprendizagem em uma sociedade que possui sua estruturação em Rede (CASTELLS, 2007").			
2ª Etapa **(40 minutos)**	**ATIVIDADE PRÁTICA**- É possível filmar e Editar no Celular? Apresentação de suportes de Gravação em vídeo: VIDEOSHOW, INSHOT, YOUCUT,		
Competências Gerais da formação inicial e continuadas de professores	**1.Conhecimento**: Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital. Para	**4. Comunicação:** Expressar-se e partilhar informações, experiências,	**5.Cultura Digital:** Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos,

BNCC, Resolução CNE/ CP Nº 02 20/12/2019*	entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar com a sociedade.	ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	resolver problemas e exercer protagonismo e autoria.
3ª Etapa: (40 minutos)	**FIXAÇÃO DOS CONTEÚDOS:** Elaboração de videoaulas a partir dos conhecimentos adquiridos para postagem no canal do YouTube da Escola criado pela pesquisadora para ampliar a comunicação entre a família e a escola. Os vídeos foram encaminhados por meio de link no WhatsApp dos Grupos de Referência da Educação Infantil.		
Competências Gerais da formação inicial e continuadas de professores BNCC, Resolução CNE/ CP Nº 02 20/12/2019 *	**4. Comunicação:** Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	**5.Cultura Digital:** Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria	**10.Responsabilidade e Cidadania** Tomar decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
José Moran (2017, p. 7) sugere que "as tecnologias móveis, que chegam às mãos dos alunos e professores, trazem desafios imensos de como organizar esse processo de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora da sala de aula".			
4ª etapa: ATIVIDADE AVALIATIVA ENQUETE POR MEIO DO GOOGLE FORMS			
Competências Gerais da formação inicial e	**4. Comunicação:**	**5.Cultura Digital:**	**7. Argumentação**

continuadas de professores **BNCC, Resolução CNE/ CP Nº 02** **20/12/2019 ***	Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria	Argumentar com base em fatos dados e informações confiáveis. Para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns.
Recursos Digitais	Computador, tablet e celular, vídeo aula do *YouTube, Google Forms.*		
Recursos Analógicos			

Observações:

*** Competências Gerais da formação inicial e continuadas de professores BNCC, Resolução CNE/ CP Nº 02 de 20/12/2019.**

O Ministério de Educação e cultura (MEC) elaborou, em 2018, a "Proposta para Base Nacional comum da Formação de Professores da Educação Básica", encaminhada ao Conselho Nacional de Educação (CNE) para análise e emissão de Parecer e formulação de resolução regulamentando a Base Nacional Comum para Formação Inicial de Professores da Educação Básica, entrando em vigor em 19/12/19, publicada no Diário Oficial da União em 20/12/19.

A formação docente pressupõe o desenvolvimento, pelo licenciado, das competências gerais previstas na BNCC-Educação Básica, bem como das aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes, quanto aos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva o desenvolvimento pleno de pessoas, visando a Educação Integral.

As competências gerais estabelecidas no documento bem como as específicas e as habilidades correspondentes compõem a base da formação na competência Profissional:

I-Conhecimento profissional; II-Prática Profissional; III-Engajamento Profissional.

Art6º da resolução CNE/2020- Trata da política e articulação entre a formação inicial e continuada devendo ser entendida como componente essencial para a formação docente, devendo-se integrar ao cotidiano da instituição educativa e considerar os diferentes saberes e a experiência docente, bem como o projeto pedagógico da instituição da Educação Básica na qual a tua o doente.

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS:

BRASIL. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em 30 jun. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais de** Educação Infantil. Brasília: MEC, 1998. vol. 3.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para Formação Inicial do Professores para a formação dos Professores da Educação Básica < http://portal.mec.gov.br/ Acesso em15 de setembro 2020.

CASTELLS, M. A Era da informação: economia, sociedade e cultura. In: **A sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2007. vol. 1.

MORAN, J. M; MASETTO, M.; BEHRENS, M. (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 10.ed. Campinas: Papirus, 2006.

MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papirus, 2017.

MORIN, Edgard**. Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo. Editora Cortez.2014